

GRACI ROCHA & LILITH AL

a Violinista





A violinista

Graci Rocha e Lilith Al

Capa: Jéssica Gomes/ Magic Capas.

Diagramação: Lilith Al

**Todos os direitos desta obra são exclusivos das autoras
©2016.**

À nossas famílias

Um

Trafalgar Square é o coração de Londres.

Caroline sentou-se no chão como se estivesse em casa, sobre o tapete e diante da televisão. Olhou ao redor e admirou-se com o movimento frenético de passantes. Com toda certeza ela não era a única turista por ali, mas de fato uma das menos preocupadas com fotos e recordações. Tudo que precisava estava à sua frente: o estojo do violino de onde tiraria seu mais antigo e leal companheiro, o pedal de efeitos, o amplificador e bolsa ao estilo hippie da qual jamais se separava.

Apertou o arco, deixando-o curvado e firme; passou a resina sobre as cordas. Metodicamente. Aspirando vagamente a poeirinha que pulava direto para o frio londrino. Novamente, vislumbrou a paisagem da maior

atração britânica, a praça que marcava a importante batalha de Trafalgar.

E como os ingleses gostavam de História! Talvez o patriotismo ali fosse nutrido com o mesmo tipo de amor que um músico dispensa ao seu instrumento. Caroline passou a flanela limpando o violino elétrico que já a acompanhava há doze anos. Encostou-se na amurada e levantou os olhos. Virando-se calmamente, deu de cara com o leão. *Bom lugar*. Pensou, afinando o instrumento com delicadeza.

O leão, na parte lateral da praça, era um dos que resguardava a torre de Nelson e assim, resguardaria sua música também. Quem um dia pensaria que ela tocaria em plena Londres? Tudo bem, não estava tocando num grande palco, mas ainda assim estava em Londres.

Não demorou para que alguns passantes se pusessem a lançar olhares curiosos na sua direção, na expectativa das primeiras notas. E as notas foram tão melancólicas quanto o coração partido de Caroline. Logo, o ritmo imposto pelo pedal deu os efeitos deliciosos que

eletrizavam a melodia marcante, composta por ela mesma, num tempo em que seu coração era cheio do que se chamaria de felicidade.

Caroline deixou que a canção sem voz e os efeitos causados pelo instrumento ocupassem sua mente e alma. Só a música era capaz de fazê-la esquecer as piores coisas da vida. Só a música era capaz de fazê-la sentir-se viva novamente.

Trafalgar Square era o lugar perfeito. Jimmy sorriu, finalmente dando o braço a torcer. O dia estava bom, o cinza do céu cortado por raios delicados de sol e o calor morno permitindo que ele deixasse à mostra os braços pálidos e as pernas cujos pelos eram levemente dourados.

Se não fosse um cara forte e de expressão tipicamente britânica, passaria facilmente por um desajustado com os cabelos castanhos caídos sobre os olhos azuis. Se bem que ele fora, por muito tempo, chamado assim: o grande desajustado.

Mas agora estava mais velho. Bom, não tão mais

velho assim. Vinte e cinco anos não podia ser tempo demais, apenas o suficiente para ser levado a sério e ter sua música premiada. E já haviam sido quatro prêmios internacionais nos últimos três anos. As coisas estavam indo bem.

Se sujeitar aquele passeio maluco era uma coisa boba, divertida até. Um esforço pequeno pelos fãs, pela arte, pelo seu melhor e mais chato amigo. E com os olhos de safira brilhando para o sol, Jimmy Walker sorriu novamente. A câmera fez outro clique. Se ia soar natural ele não tinha ideia, mas estava fazendo o seu papel com a banda.

— Qual é cara, o que está acontecendo com você hoje? — Dony - “Donald nariz de batata” - perguntou, abrindo os olhos escuros a ponto de quase saltarem das órbitas. — Olha a sua cara. Já é a décima foto, desse jeito ficaremos aqui o dia todo.

Dony era um cara legal, um pouco temperamental e autoritário, mas um guitarrista que sabia exatamente o que fazer com as cordas da companheira e melhor amiga

Betsy, a guitarra comprada numa feira de garagem quando os dois tinham dezesseis anos.

A ideia maluca de tirar fotos na Trafalgar Square e filmar, com uma câmera de mão e celular, o contato com fãs era quase genial, não fosse o fato de Jimmy sempre se sentir constrangido em situações como aquela. Dony, por outro lado, vivia e respirava aquele tipo de coisa. Amava o que a fama trazia. E ele, com seus cabelos cujas pontas eram quase brancas de tão loiras e olhos bem escuros, sempre arrancava suspiros enlouquecidos das fãs. Principalmente ao tirar a camisa no meio do show e exhibir os degraus que se estendiam numa trama intrincada no abdome.

Jimmy tinha músculos nos braços, era um cara naturalmente forte, mas a barriga sempre fora praticamente lisa, com apenas alguns gomos destacados, dos quais ele geralmente tinha muito orgulho. Era do tipo magro, que podia viver na academia e sem jamais alcançar aquela aparência dos astros de cinema. E ele não ligava mesmo para aquilo. Tirar a camiseta no show era

sempre a última maluquice em que pensava e nas raras vezes que o fazia, o resultado era um tumulto enlouquecido que o deixava sem palavras e com o rosto muito vermelho.

No final das contas havia decidido que ter energia para pular, se jogar no chão e cantar sem errar ou perder o fôlego durante as apresentações era o bastante.

Depois da décima quinta foto, Jimmy irritou-se com a implicância perfeccionista do melhor amigo e companheiro de *Left Turn*, a banda de rock alternativo a que pertencia.

— Pra mim chega. — Jimmy crispou, virando-se bem na hora que uma fã o abordava.

Deu de cara com a garota ruiva que corou emocionada, soltando um gritinho de felicidade.

— Você pode me dar um autógrafo? — A menina murmurou com a voz embargada de emoção.

Jimmy não disse nada, pegou a caneta e o papel da mão da jovem e sorriu, escrevendo alguns dizeres e

assinando em seguida. Depois saiu pela praça, ignorando os resmungos e chamados de Dony.

— Espere aqui! — Dony ordenou a Chase, o integrante mais velho e rabugento da banda. Imediatamente o baterista virou as costas e deixou o colega falando sozinho, indo buscar o carro e os abandonando ali.

— Ei, onde você vai? — Dony saiu correndo atrás de Jimmy.

Dony o alcançou e parou, iniciando uma discussão sobre dedicação e paixão pelo trabalho.

— Dá um tempo. — Jimmy esbravejou, silenciando a discussão.

— Jimmy...

— Shiii.

— Mas que mer...

— Você está escutando isso?

— O quê?

— Acho que é um tipo de violino.

Jimmy seguiu na direção do som elétrico. O outro foi logo atrás, irritadiço e grunhindo à medida que se afastavam dos planos traçados tão milimetricamente.

O vocalista parou diante de um grande aglomerado de pessoas. Passou entre elas e deparou-se com uma visão de tirar o fôlego.

A música vinha mesmo de um violino, um aparelho elétrico ligado a um pequeno amplificador. A musicista tocava como se não houvesse ninguém por perto, entregue por completo a intensa melodia. Pisava no pedal de efeito de vez em quando e abria os olhos apenas o suficiente para permitir um vislumbre das esferas cintilantes.

O balanço ritmado deixava-se envolver pelo acordes mais marcantes. Emoção.

A mulher era linda. Cabelos negros e pele pálida. Foi o pensamento de Dony quando avistou a jovem violinista, logo abaixo do leão protetor de Nelson. As pessoas estavam vidradas, mesmo Jimmy não conseguia piscar, impressionado com a silhueta pequena e o balanço

hipnótico do corpo e do arco que ela elevava e baixava com precisão determinada.

Súbito, uma ideia acendeu-se na mente do guitarrista. Pegou o celular e começou a gravar. Antes do fim da música, o empresário do grupo de rock alternativo já estava deslumbrando-se com o talento da desconhecida.

“Traga-a aqui” foi a mensagem que Dony recebeu. Timot, sabia reconhecer um talento e se havia pedido para que o guitarrista a levasse lá, é porque, assim como ele mesmo, havia percebido o potencial daquilo.

Com muitos planos saltitando em sua mente, Dony esperou que toda a multidão se afastasse para só então se aproximar, sorridente, da moça. Ela não retribuiu a animação. Lançando apenas um olhar desconfiado com um par de esmeraldas brilhantes.

— Oi. — Ele arriscou. — Nossa, uau. Que música.

Ela não disse nada, fazendo um leve meneio e começando a guardar seus pertences.

— Então...

A estranha parou, os olhos vincados e a expressão séria.

— O que você quer? — Inquiriu, percebendo o outro mais afastado a observá-la.

— Você não sabe mesmo quem eu sou, não é?

— E por que eu deveria? — o sotaque dizia de sua condição no país. Uma viajante, uma estrangeira.

— Bom, é que nós temos uma banda e nosso...

— Não estou interessada. — Caroline pôs-se a terminar sua tarefa de guardar as coisas.

— Mas você não escutou o que eu tenho a dizer.

— Seja o que for, não quero. Obrigada.

A violinista partiu.

— Pelo menos me passe seu telefone... — Dony tentou, mas a mulher já estava longe e andando apressadamente.

— Bela abordagem. — Jimmy deu um tapinha nas costas do amigo.

— Foi tão ruim assim?

— hum, deixa ver... “Oi, uau, que música, então, você não sabe quem sou eu?” — caiu na gargalhada, deparando-se com a expressão seca do outro.

Dois

Caroline atravessou a rua sentindo as entranhas revirarem.

É claro que sabia quem era o cara que a havia abordado. Não era nenhuma alienada, afinal. A música deles era incrível, do tipo que ela escutaria nos momentos bons e nos momentos ruins.

Mas a questão é que ela não queria viver aquele tipo situação novamente. Já passara uma série de vezes por abordagens iguais. Produtores, empresários, ou simplesmente algum desconhecido impressionado por seu talento, sempre procuravam um jeito de aproximar-se. Fosse com interesse profissional, fosse pessoal, ela sempre dizia a mesma coisa: *Não estou interessada.*

Em outra época teria sido um grande momento, o guitarrista de uma das bandas mais legais de sua geração,

procurando-a, elogiando seu som. Mas agora não. Tudo o que ela mais queria era paz, anonimato, e esquecer. O que realmente precisava era: ESQUECER.

Virou a esquina com o coração acelerado e rumou ao albergue onde estava instalada no último mês.

Jimmy ainda estava rindo e caçoando de Dony quando os dois saíram do elevador. O escritório do empresário da *Left Turn* era bastante simples, mas refinado o suficiente para deixar claro sua condição. Um grande empresário.

Timot Oliver tinha 58 anos e uma carreira de 24 no meio musical britânico. Era experiente e comunicativo, um dos empresários mais proeminentes e também um dos mais exigentes. É claro que por vontade própria não teria aceitado agenciar um grupo de desajustados com um nome tão ridículo, mas como favor ao pai de Jimmy, amigo antigo e empresário importante no ramo da construção, topara o que parecia ser um promissor fracasso. No final das contas, a surpresa foi inevitável, os garotos haviam se tornado homens, com mais de seis anos de carreira e um

bom dinheiro no bolso, além de alguns prêmios como o Grammy. O empresário recebeu os dois com um olhar simpático e um aperto de mãos sem rodeio ou intimidade.

— Então, onde está a violinista?

— Fugiu pensando que Dony era um perseguidor.

Dony deu um soco leve no braço do amigo.

— Ai! E quem pode culpá-la? Com essa sua cara de louco...

Apesar das diferenças, Dony e Jimmy se chamavam de melhores amigos. Sabendo que nunca concordariam com nada, simplesmente se aceitavam e faziam o melhor possível para transformar seus talentos em sucessos.

— Será que as duas crianças podem dar um tempo...? — Chase que saia da sala de espera, resmungou.

— Tiraram muitas fotos? — Timot inquiriu.

— Uma meia dúzia muito ruim. Porque o senhor florzinha aí, simplesmente não sabe tirar foto.

Jimmy bufou.

— Acho que isso tudo é uma grande bobagem, precisamos trabalhar nas músicas novas. — Chase resmungou.

Chase McClish era filho de uma irlandesa e um escocês, fora criado em Leds e conhecera Jimmy aos dezenove anos, numa briga de rua. Desde então, o grandalhão de 100 quilos, dois metros e três de altura, pele marfim, braços de nadador e cabeleira caindo sobre os ombros sempre esteve ao lado do cantor, mesmo querendo esganá-lo numa grande parte das vezes.

— É o que eu penso. — Jimmy concordou, abrindo seu sorriso charmoso.

— Era essa a maldita cara que você deveria ter feito para as câmeras. — Dony resmungou.

— E a violinista, você a assustou mesmo? — Timot olhou diretamente para Dony que ficou vermelho de raiva.

— Ela nem escutou o que eu tinha a dizer.

— É uma pena, o som parecia bom e poderíamos tentar algo novo no show.

— Foi o que pensei, tive várias ideias vendo a forma como ela tocava. Era...

— Um anjo. — Jimmy deixou escapar, arrancando uma gargalhada dos demais.

— Mas eu ainda não desisti, amanhã vou voltar lá e convencê-la.

— Se ela estiver lá... — Jimmy provocou.

Dony era determinado o bastante para persistir pelas próximas semanas, o que era uma coisa boa concluiu o vocalista. Se o amigo estivesse ocupado atrás de um belo par de pernas, ou neste caso, um belo par de olhos, pernas, braços, boca, nariz e um corpo delicioso, Jimmy estaria livre da pressão constante para trabalhar em paz nas novas canções.

Foi mais ou menos daquela forma que as coisas ocorreram.

O guitarrista teimoso voltou a Trafalgar Square todos os dias da semana seguinte e sempre fora rejeitado com a mesma frase: “Não estou interessada!”. E em todas

ele repetiu: “Ao menos ouça o que tenho a dizer!” E no mesmo instante era deixado falando sozinho.

Na terça-feira seguinte, Dony chegou cedo à praça e encostou-se na parede, bem abaixo de um dos leões. Estava decidido a se fazer ouvir, nem que tivesse de raptar a estrangeira misteriosa. A ideia, totalmente absurda, não lhe pareceu das piores afinal. Imaginando como deveria ser o corpo da garota por baixo do vestido branco de renda e mangas largas com que aparecera ali no dia anterior. Ficou esperando.

Caroline atravessou a rua pensando seriamente em arrumar outro local para tocar. Não podia negar que o guitarrista da Left Turn era um cara bonitão, mas também era irritantemente teimoso e ficava voltando todos os dias lá, sempre com a mesma história de: “Você precisa me escutar”. Por que ele simplesmente não podia compreender que ela não queria escutar nada? Nada.

Passou pelo mini posto policial e deu alguns passos na direção do leão. Foi quando o avistou perto da estátua,

distraído e com toda certeza à sua espera. Deu meia volta e foi embora.

Na sexta-feira, Dony já tinha desistido.

Apesar do corpo magro, Jimmy gostava de correr, ajudava a esvaziar a mente e colocar os pensamentos em ordem. Não que tivesse algum grande problema que carecesse de solução imediata, mas a paz da corrida acompanhada pelo som no fone de ouvido e as batidas compassadas do coração proporcionavam-lhe uma sensação inexplicavelmente boa.

Jimmy ajustou o fone e terminou o alongamento. Deu os primeiros passos devagar, acelerando à medida que penetrava pela estradinha do Hyde Park. Correu por quarenta minutos antes de começar a sentir a respiração pesada. Parou perto do lago e esticou as pernas. Deitou-se no gramado ignorando completamente o resto do mundo.

Fechou os olhos e ficou em silêncio, deixando o sol aquecer as faces vermelhas pelo esforço.

Recuperado, tornou a levantar e se preparou para voltar pelo mesmo percurso, mas antes que tomasse a estrada, Jimmy a viu. Sentada sob o sol, do outro lado da margem.

Poderia muito bem ser um truque de sua visão cansada da corrida e fatigada pelo sol, mas ele tinha certeza de que não. A brisa balançava os cabelos negros e avermelhava de leve a face pêssego. Jimmy achou inapropriado uma aproximação, mas quando dera-se conta, já tomara o caminho da ponte e ia na direção dela com passos firmes.

Concentrada no caderno de rascunho, Caroline não se dera conta da presença masculina que se aproximava tranquilamente. Ele a observou por algum tempo antes de se jogar ao seu lado e falar:

— Oi.

Caroline sobressaltou-se.

— Desculpe, não quis assustá-la.

— Já disse que não estou interessada. — A violinista olhou-o com dureza.

— Interessada em quê?

— No que quer que você e aquele seu amigo teimoso queiram.

Jimmy deu de ombros.

— Eu não quero nada.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

— Então... De onde você é?

Caroline bufou.

— Tudo bem, não precisa falar se não quiser.

— Por que você está aqui?

— Estou descansando. — Jimmy deu de ombros. — E você?

— Tentando ter um pouco de paz.

— Sei como é. — o cantor deitou-se ao lado da

musicista, cruzou os braços atrás da cabeça e fechou os olhos. — Finalmente um dia de sol.

Caroline começou a guardar suas coisas na bolsa hippie.

— Você precisa sair de cima da minha colcha. — ela resmungou, tentando puxar a ponta onde Jimmy se acomodara tão confortavelmente.

— Você sabia que Hyde Park tem a maior área verde de Londres?

— E que foi tomada pelo próprio Henrique VIII da abadia de Westminster. E daí? — Ela sibilou.

— E daí que é um dos melhores lugares para quem quer paz.

— Era até você aparecer.

Jimmy abriu os olhos, dando de cara com um par de esmeraldas vincados numa expressão furiosa. Sorriu com charme e tornou a cerrá-los.

— Bom, você pode ir embora e perder esse lençol lindo cheio de florezinhas ou pode sentar aí e escutar o

que eu tenho a dizer.

— Já disse que não estou interessada em nada da sua banda.

Jimmy tinha certeza de que ela o havia reconhecido, sua expressão a entregava. Entretanto, ao contrário da maior parte das mulheres, não estava impressionada.

— Então você pode ir embora. Quando eu me for, deixo o lençol aqui mesmo e você pode tentar encontrá-lo amanhã.

— Merda! — Caroline xingou em outro idioma.

— Hum. De onde mesmo você disse que era?

A moça chiou irritada.

— Portuguesa? Não, acho que não, algo me diz que não. Talvez brasileira?

— E daí?

— O que uma pessoa que vive no paraíso poderia querer na Europa? — Ele cogitou para si mesmo.

— Eu gosto de frio. — Ela respondeu áspera.

— Eu adoraria viver nos trópicos.

— A passagem não é muito cara, se você correr ainda dá tempo de pegar o avião.

— Meu amigo Chase vai adorar você. — Jimmy ignorou o mau humor ela.

A mulher insuflou o ar com força.

— Diga de uma vez o que você quer e vá embora.

— Eu não quero nada.

— Então por que não foi embora ainda?

— Porque gosto da sua companhia.

— Eu não.

— Deve ser difícil não gostar de si mesma.

— Eu não disse isso. — Ela exasperou.

— Disse exatamente isso.

— Por que você não me deixa em paz?

— Já disse que gosto da sua companhia.

— Mas eu não gosto nem da sua nem daquele seu

amigo psicopata.

Jimmy riu alto. Tinha certeza de que a ansiosa tendência de perseguição do guitarrista dava mesmo essa impressão.

— Já disse que você pode ir embora a hora que quiser. — Ele provocou, momentos depois.

— Então tire essa bunda magrela da minha colcha.

— Bunda magrela? — Gargalhou de novo chacoalhando a cabeça. — Que língua afiada.

— Saia de cima da minha colcha. — Ela crispou novamente, o rosto lívido e a voz furiosa.

— Não! — Jimmy sentou-se, espreguiçou-se e estalou o pescoço. — Hoje é meu dia de folga, quero aproveitar ao máximo esse sol.

Caroline xingou novamente em sua língua materna, arrancando um sorriso animado do cantor. Era mesmo uma mulher interessante, enigmática e provavelmente muito rabugenta. Ia adorar conhecê-la melhor.

— Aposto que você disse algo bem ruim.

— Não tenha dúvida!

— Então...

— Então o quê, droga?

— O que foi que você disse?

— Quer saber, fica com a colcha, era da minha avó, mas você deve estar mesmo precisando.

Caroline levantou-se e saiu, impelindo-se com passos duros e furiosos na direção da ponte. Jimmy puxou o tecido florido e correu na direção dela, pondo-se a andar ao seu lado.

— Você gosta de Londres?

Caroline parou abruptamente.

— Parece que sim. — Ele continuou despretensiosamente.

Ela não disse nada.

— Eu posso mostrar a cidade pra você. — O cantor continuou.

— Já disse que não estou interessada.

— Está certo.

Jimmy deu as costas e voltou pela ponta, ainda carregando a colcha presa aos braços. Caroline estacou, suspirou profundamente e em negação girou nos calcanhares e seguiu pelo mesmo caminho do cantor.

— Tudo bem, o que você quer?

Jimmy entregou a colcha para a musicista que o observava com desconfiança.

— levá-la para um café, acho que é isso que os brasileiros bebem. A não ser que você prefira chá, tem um lugar que faz uns pãozinhos deliciosos em...

Ela o observou com atenção. Não era uma mulher de meias verdades nem de meias palavras, mas aquele homem... aquele cara famoso cujos olhos cintilavam em resposta ao sol a intrigava. Ficou calada até que ele terminou a falaçada com uma expressão de expectativa.

— Então... café, chá... pãozinhos?

— Apenas diga o que aquele lunático quer.

Jimmy deu de ombros num gesto de decepção.

— Dony acha que você poderia criar uma canção com a gente. Tenho que concordar que o seu som é mesmo muito bom.

— Não posso. — Caroline disse, o rosto vincado numa expressão tensa.

Os olhos azuis faiscaram para ela e o verde intenso respondeu refletindo para o sol. Jimmy tinha que admitir, ela parecia mesmo um anjo, um anjo perdido, solitário. Com esmeraldas ardentes e longos cabelos escuros.

— Por que não?

— Porque não sou compositora.

— Mas aposto que aquela música que você estava tocando na praça era uma criação sua.

Caroline assentiu ruborizando um pouco.

— Só preciso de algo como aquilo, a letra é por minha conta.

— E por que eu deveria fazer isso? — Desafiou.

— Dinheiro.

A violinista negou com um balançar suave de cabeça.

— Então faça por Londres...

Três

Jimmy desceu do elevador exultando. Caroline não dissera uma única palavra durante o percurso de Hyde Park até o prédio na área central Londrina, mas é claro que sua presença ali era suficiente para definir uma vitória. Não, ele normalmente não agiria como o louco que havia parecido, absolutamente não. Havia algo naquela mulher, um imã talvez, algo que o fazia querê-la ali, descendo do elevador, escutando suas palavras e retribuindo com olhares astutos e profundos.

A secretária que os atendeu abriu um sorriso bobo ao ver o cantor, gaguejando um oi desengonçado pediu que aguardasse. Já deveria estar acostumada com astros da música, mas sempre agia desconcertada quando Jimmy aparecia. Constrangido, ele não retribuiu ao olhar meloso da moça.

Foi anunciado ao empresário e esperou

pacientemente. Caroline ao seu lado, sentada ereta, com os dedos delgados tensos nas alças da bolsa.

Mesmo chegando sem avisar logo foi convidado à sala de reuniões adjacente ao escritório de Timot. Acomodou-se rapidamente perto da violinista muda que se arrependia mentalmente por ter caído na conversa do cantor.

— Acho que não foi uma boa ideia, preciso ir. — Caroline disse, afastando-se completamente do perfume amadeirado de Jimmy.

O coração batia depressa e ela pensou que estava prestes a sufocar.

Quando virou-se para a saída, deu de cara com Timot parado na porta. O homem sorriu com cordialidade, depois apertou a mão do cliente convidando a ambos para sentarem-se. Dony chegou quinze minutos depois e ficou perplexo ao dar de cara com Caroline, sentada tensa diante de Timot e seu olhar avaliador.

— Acho que é bem simples, queremos criar algo novo. — Jimmy não se interrompeu com a entrada do

amigo, falando diretamente a Caroline que a tudo escutava com atenção. — Sua música é muito intensa, profunda e talvez pudéssemos trabalhar juntos.

— Veja, você receberá todos os direitos e fará a turnê internacional. — Timot falou depois de um longo período de análise.

Os olhos brilhantes pareceram de repente tristes.

— Ou podemos gravar você tocando, ou mesmo arrumar outro violinista pra tocar no seu lugar nas apresentações...

Timot não demorou a compreender que a jovem não queria qualquer tipo de exposição, portanto não deveria estar ali pela fama. Pelo menos não era mais uma interesseira deslumbrada, tentando tirar vantagem dos jovens roqueiros.

Demonstrando total desinteresse no projeto a moça se mantinha em silêncio, escutando sem questionar tudo o que o vocalista da *Left Turn* dizia.

Apesar de não gostar de pessoas pedantes, o jeito

frio de Caroline o irritava. Timot não queria uma doida varrida, mas garra era indispensável naquele ramo. Por ele já a teria dispensado nos primeiros dez minutos. Nunca conhecera alguém tão sem atitude, se vontade, tão... muda. Mas os garotos estavam empolgados, ansiosos e não o perdoariam se chutasse a mulher dali. Precisava apenas descobrir o que a motivaria, o que a faria querer aquele projeto. Ser babá de *rockstar* não era uma tarefa fácil.

Como a garota não questionara a respeito de dinheiro estava claro que isso também não era o motivo por ter aceito ir até seu escritório. Muitas suspeitas passavam em sua mente. Era um mistério. Um mistério que ele estava prestes a descobrir. Começou a traçar sua estratégia de negócios, sondando a mulher.

— Você receberá uma boa quantia pelos direitos de uso da melodia e os devidos royaltys sobre vendas e shows. — Disse tranquilamente, analisando a expressão serena da moça.

Caroline focou diretamente o cinza dos olhos de

Timot, desestabilizando-o.

— Todos os direitos autorais serão assegurados, conforme a lei...

A musicista deu de ombros.

— A mídia...

Ela bufou antes de ele conseguir prosseguir.

Suas suspeitas estavam certas, a moça não tinha as habituais ambições que levavam músicos ao seu escritório, mas então o que poderia ser? O que ela poderia querer?

Dony não parava de falar, mas Caroline ainda mantinha os olhos em Timot, deixando uma sensação desconfortável no homem.

Um homem experiente, vencido por um par de olhos em forma de gota. *Petulante*. Foi o pensamento que quicou na cabeça do empresário, então ela abriu de leve a covinha no canto dos lábios e ele não mais conseguiu pensar em nada.

— Então, o que você acha? — Jimmy inquiriu sem

realmente pensar no risco que seria ouvir a opinião da estranha.

A violinista deu de ombros.

— Você vai ser famosa. — Dony falou, rápida e desajeitadamente.

— Eu não quero ser famosa. — Caroline disse calmamente, sem mudar a expressão impassível do rosto.

— Pode até ficar rica. — O guitarrista prosseguiu com animação.

— Não preciso de muito dinheiro pra viver.

— Do que você precisa, então? — Timot inquiriu já recuperado do olhar estonteante dela e forçando o tom de voz a soar tranquilo, quando na verdade fervia.

— Londres. — Jimmy falou, migrando seus olhos diretamente para os dela.

Instintivamente o cantor sabia. Alguma coisa dizia, uma fagulha no inconsciente berrava. Londres era o que ela ansiava. Londres.

Caroline arqueou de leve os lábios, depois tornou a

olhar para Timot que soltou o ar com força, até então não fazia ideia de que estivera prendendo a respiração nos últimos minutos.

— Você poderia conseguir um visto de permanência pra ela, não poderia? Um desses de trabalho, sei lá... — Jimmy disparou a falar, os olhos quase suplicantes.

— É isso que você quer?

Caroline assentiu e seu rosto tinha uma expressão profunda. Era a primeira vez que qualquer um ali via mais do que um olhar mortificado. Pelo menos, havia sangue nas veias da garota.

Um momento de silêncio transcorreu antes dela começar a falar:

— Quero sigilo em relação a minha identidade, também.

— Mas... — Dony começou a dizer, mas foi repreendido pelo olhar duro de Jimmy.

— No contrato você colocará que todos os lucros que forem convenientes a mim serão distribuídos a

entidades de caridade, não importa quais.

Todos ficaram bestificados.

— Gostaria que meu visto fosse de permanência, para que eu possa morar em Londres mesmo depois que este contrato terminar. Parece razoável?

— Antes de fecharmos, preciso escutar sua música. Não posso fazer nada sem ter certeza de que vale a pena.

— Não é necessário, nós dois já ouvimos a música, é muito boa. — Jimmy ponderou.

— Várias vezes. — Dony completou.

Timot não discutiu com os rapazes.

Caroline tirou o violino do estojo. Cuidadosamente colocou seu zeta 4/4 no colo e armou o arco. Os dedos movendo-se com agilidade e precisão. Passou um pouco de resina pelo arco e conectou o instrumento ao amplificador e ao pedal. Ficou em silêncio por alguns instantes, de olhos fechados e com a respiração lenta.

Quando finalmente desligou-se do ambiente ao redor, deixou que as primeiras notas saíssem com leveza.

Logo, estava entregue a música de corpo e alma, movendo-se ao ritmo intenso dos acordes clássicos misturados ao eletrônico. Ao encerrar a súbita apresentação, os três homens estavam boquiabertos. Jimmy sorrindo feito criança, Dony com um olhar de idolatria e Timot, impressionado.

— Realmente, muito talentosa.

— Obrigada. — Ela voltou a expressão mortificada de antes.

— Preciso perguntar mais uma coisa. — Timot anunciou, enquanto a garota guardava o instrumento.

Caroline assentiu.

— Com o seu talento, como é que você não está tocando profissionalmente, quero dizer, numa orquestra ou numa banda famosa?

— Não quero ser famosa.

— Tudo bem. Vou providenciar um contrato essa semana, vou precisar de seus documentos, inclusive uma cópia do seu passaporte...

— Então quando você pode começar? — Animou-se Dony.

Caroline deu de ombros.

— Aonde você está morando? — Timot perguntou enquanto fazia anotações em uma agenda.

— No centro.

— Em um hotel ou um apartamento?

— Albergue.

— Acho que precisaremos arrumar um local mais adequado pra você. — Timot falou querendo soar animador.

— Eu gosto de onde estou.

— Mas os rapazes não poderão trabalhar com você lá e não vou correr o risco de você desaparecer depois de conseguir seu visto. — Disse tranquilamente, enquanto sublinhava na agenda a palavra *INVESTIGAR*. — Além do mais, não queremos que você fique famosa e desperte a atenção de toda a mídia, queremos?

Caroline alteou as sobrancelhas e negou movendo a

cabeça bem devagar. Os cabelos balançaram sutilmente.

— Ela pode ficar no meu apartamento. — Jimmy anunciou.

— Nem pensar, ela fica no meu. — Dony retorquiu.

— Meu apartamento tem um quarto extra.

— O meu também, nem vem com essa, Jimmy.

— E você acha justo enfiá-la num quarto cheio de tralhas suas?

— Meus troféus não são tralhas.

— Mas as fotos e os cartazes são. Ela vai odiar.

— Eu fico em um hotel. — Caroline resmungou.

— Você fica na minha casa. — Jimmy crispou, pegando a bolsa hippie de Caroline e pendurando-a nas costas. — Moça, estou oferecendo casa, comida e roupa lavada...

— Jimmy... — resmungou Dony, sendo parado por um gesto de pare do outro.

Ela suspirou pesado insuflando o ar com força.

— Tudo bem, que seja.

— Por falar nisso, como é mesmo o seu nome?

Caroline riu baixo, abrindo uma covinha sedutora no canto da boca. *Aonde fui me meter?* Foi seu último pensamento, antes de ser envolvida novamente numa discussão entre os dois amigos de banda. No final, o argumento de que ela poderia fugir achando que Dony era um psicopata acabou convencendo o guitarrista.

Caroline deu graças por não ter que passar mais tempo com ele, era um cara insistente e um pouco intrometido, não percebia muito quando não estava agradando. Talvez se tivessem pedido que ela ficasse na casa dele a ideia de fugir se tornasse tentadora.

Para surpresa de ambos, o apartamento luxuoso de Jimmy ficava apenas há duas quadras do albergue onde Caroline estivera hospedada há quase dois meses.

Já era noite quando fora apresentada ao novo quarto. Uma suíte que mais parecia um quarto de hotel. A violinista agradeceu e se fechou no aposento depois de Jimmy depositar suas malas ao lado da cama. Deixou tudo

como estava, ligou o chuveiro e se enfiou na água quente, deixando o corpo tenso resgatar a flexibilidade. Meia hora depois estava vestida, os cabelos pingando nas costas e nenhuma maquiagem no rosto. Saiu do quarto e perambulou pela casa.

Encontrou Jimmy diante da bancada que conectava a sala e a cozinha. O mármore negro refletindo a faca com que o cantor preparava sanduiches.

— Desculpe a improvisação, não tive tempo de abastecer a geladeira.

— Parece bom, obrigada.

Caroline sentou na banqueta e pegou a metade de um sanduiche, tirou o pickles e mordeu. Jimmy ficou contente quando ela acenou positivamente, ainda mastigando.

— Então, o que você bebe? — Jimmy inquiriu abrindo a geladeira.

— O que você tem aí?

— Vinho, água, cerveja, suco, leite.

A mulher pensou por alguns instantes.

— Fico com o suco, por favor.

— Boa escolha, senhorita. — Jimmy fez pose de garçom, servindo dois copos com o suco de caixa que comprara dias antes. — Acho que ainda está bom.

— É muito velho?

— Uns dois dias, ou mais talvez.

Caroline tomou um gole, deu de ombros e anunciou:

— O gosto é bom.

Comeram em silêncio por algum tempo, avaliando-se, respirando fundo e suspirando de vez em quando. Por fim, Jimmy não aguentou e rompeu com o silêncio.

— De que parte do Brasil você é?

— Desculpe, acho que estou um pouco cansada. Obrigada pelo sanduiche. — A violinista retirou o pratinho da bancada, lavou-o rapidamente e o deixou na pia para escorrer. Afastou-se sem olhar para ele — Boa noite.

Jimmy passou o resto da noite em claro, revirando na cama, pensando sobre tudo que havia acontecido

naquele bendito dia. Conhecera uma mulher linda, totalmente musical, sedutora, um pouco mal humorada, charmosa e definitivamente muito misteriosa. Muito mesmo.

O que será que escondia por trás daquele muro, daquela armadura que usava para afastar as pessoas? Que segredo havia em sua vida que a impedia de sorrir abertamente?

Repassando tudo que conseguira captar dela, não chegara a nenhum lugar. As suposições, no entanto, eram bem malucas: ela deveria estar fugindo, talvez escondendo-se de um marido agressor, ou de alguma dívida exorbitante, ou ainda pior, talvez ela fosse a agressora, uma assassina em série quem sabe. Por que não? Tudo é possível nesse mundo louco... E que situação inacreditável seria se ela fosse mesmo uma criminosa malvada, afinal, quem a perseguira por dias havia sido Dony. E, agora, ele em toda sua insistência e persuasão havia se colocado direto nas garras da delinquente, praticamente tinha obrigado a moça a ir morar na sua

casa.

Não, ela não tinha jeito de assassina. Solitária e triste sim, mas não alguém capaz de machucar outra pessoa. Sempre se achara um bom julgador de caráter e não via em Caroline qualquer traço que o fizesse suspeitar dela. Tinha certeza de que o segredo da brasileira, passava longe daquelas ideias tortas de quem assiste muito seriado americano. Quem sabe um dia descobrisse.

Quando Jimmy finalmente dormiu, sonhou que era perseguido por um violino com pernas e braços e que empunhava uma serra elétrica e cuspiam sangue.

Jimmy acordou somente porque o telefone tocava irritantemente ao lado da cabeceira. Atendeu com a voz rouca de sono e resmungou ao descobrir que era Dony, inquirindo como a noite decorrera com a nova habitante da morada real do príncipe da banda *Left Turn*.

— Diga que ela foi mais esperta e não caiu na sua lábia maldita?

— Ela foi mais esperta e não caiu na minha lábia maldita, satisfeito? Agora me deixe voltar a dormir.

— E por que você está com tanto sono se ficou em casa numa suposta noite de tranquilidade?

— Mas que droga Dony me deixe em paz.

— Seu grande patife, eu a vi primeiro.

— Não viu, não. E de qualquer forma duvido que ela queira qualquer um de nós. Agora me deixe dormir, droga!

— Estou indo praí.

— Nãoooooooo... — Jimmy grunhiu melancolicamente, mas o outro já desligara.

Sonolento, levantou-se e mergulhou numa ducha quente. Entendia porque Dony estava interessado na enigmática Caroline, mas não tinha dúvidas de que ela seria a conquista mais difícil e provavelmente a mais dolorosa rejeição que o amigo enfrentaria.

Falando em Caroline...

Jimmy saiu da ducha, vestiu-se com uma roupa leve para outono e foi direto para a cozinha. Apesar de já ser perto das dez, não havia nem sinal da moça. Ficou tentado

a espiar pela fechadura da porta do quarto que agora era dela, mas resignou-se a preparar um chá e dar espaço a estranha.

Instantes depois maçaneta da porta de entrada girou devagar. Jimmy achou esquisito, não era dia da senhora Clementine ir fazer a limpeza. Apanhou uma faca de manteiga e estacou diante da porta, assombrado.

A porta abriu e Caroline mergulhou no calor do ambiente. O cantor que surpreendeu-se com a visão da violinista cheia de sacos e pacotes avançou em sua direção, tomando as compras de suas mãos e levando tudo pra cozinha. Jogou a faca na pia antes que ela notasse.

— Você sabia que não tem lixeiro no seu banheiro?
— Caroline frisou, tirando um pequeno recipiente de um dos sacos. — Não entendo qual é o problema dos europeus com os lixos de banheiro. Aonde é que colocam todo aquele papel sujo?

— Você diz o papel higiênico?

— É óbvio.

— No vaso, onde mais seria?

— E não entope?

— Claro que não.

— Curioso. E o desodorante, por que diabos fica uma crosta tão grossa? — a moça gesticulou indignada.

— Você deve ter passado demais.

— Claro que não, só passei um pouco hoje cedo e ontem depois do banho. Que coisa nojenta. — Ela estava rabugenta de um jeito estranho e divertido.

Jimmy pensou por algum tempo. Talvez devesse explicar a coisa com os desodorantes antes que ela virasse um monstro de camadas gosmentas. Rindo, começou a dizer:

— Desodorantes não são muito populares por aqui, existem outros produtos muito bons. Além do que você deve ter usado um desses antitranspirantes. Sabia que é perigoso usar antitranspirante? Você precisa ler mais sobre o assunto, as pesquisas são esclarecedoras.

A violinista resmungou um pouco mais enquanto

tirava várias coisas das sacolas.

— De qualquer forma agora tenho um lixeiro. Ah, trouxe um pra você também.

— E o que eu farei com isso?

Quatro

— Qual é o seu problema? — O rapaz de olhos cor de mel perguntou, encarando a jovem morena que franzia a testa enquanto a enfermeira aplicava uma camada de pomada em seu joelho.

— Como assim? — Ela falou, levantando os belos olhos e o fazendo perder o ar.

— É- é. Que-quero dizer... — Ele gaguejou. — Precisava me jogar uma laranja na cabeça?

— Ah! — Ela sorriu e o sorriso iluminou a sala branca do hospital aonde Igor a tinha levado para ter certeza de que não havia se machucado, após tê-la, acidentalmente, atropelado enquanto tirava o automóvel apressadamente do estacionamento.

— Fiquei nervosa. — A garota concluiu.

— E precisava me acertar com uma laranja? —

Ele bufou, ainda sem acreditar que a moça tinha esperado que ele abrisse o vidro do carro para lhe acertar bem no meio da testa com a fruta.

— Na verdade foram duas laranjas. A primeira acertou o vidro.

Ele não pôde acreditar. E o que mais o irritava era o fato de que ela parecia não se importar. Poderia tê-lo machucado, estragado seu carro e ainda assim agir como se nada tivesse acontecido. Nada de importante tivesse ocorrido.

— Você é algum tipo de doida, é isso?

— Olha aqui, seu... Como é mesmo que você se chama?

— Igor.

— Olha aqui seu mauricinho metido a besta, você precisa aprender a usar o retrovisor. — ela bufou. — As laranjas foram um preço pequeno que pagou por ter me atropelado. Agora sempre que você for sair com seu carro chique, do seu estacionamento chique, vai se

lembrar. E tem mais, é melhor tomar uma laranjada na cabeça do que matar alguém por mero descuido. — A moça cruzou os braços diante do peito, acentuando as curvas delicadas do corpo.

Igor não disse mais nada, contentando-se com o risinho divertido da enfermeira e as trocas de olhares de esguelha com a estranha. No final das contas ela tinha razão, não tinha? Ele estava tão estressado e apressado que nem se dera conta da grande bobagem que poderia ter feito. Podia tê-la machucado além dos arranhões nos joelhos e braço. Realmente, coisa pior podia ter acontecido;

Depois que foram atendidos pela enfermeira, a moça disparou pelo corredor, o queixo empinado e o olhar determinado. Igor tentou chamá-la pelo nome, mas lembrou-se de não ter conseguido perguntar. Com isso, correu pelos corredores e antes que ela mergulhasse pelas portas eletrônicas, gritou:

— Ei garota das laranjas.

Ela parou e se virou, abrindo um sorriso suave e

natural.

— Posso pagar um suco pra você? — Ele disse, ainda correndo para alcançá-la. — Pra compensar o machucado. — Ele olhou para os curativos nos joelhos levemente cobertos pelo vestido florido da moça.

Ela sorriu.

— Como é que você se chama?

— Ana.

— Gostei. Melhor do que garota das laranjas.

Pinco

Caroline riu ao deparar-se com a imensa interrogação formada no rosto de Jimmy. Respeitar a cultura europeia era uma coisa, ficar sem um lixeiro no banheiro era simplesmente impossível para alguém como ela, com manias higiênicas muito bem definidas.

— Comprei café, não achei na sua despensa.

— E vai cozinhar também?

— Não mesmo.

— E o que vamos fazer hoje, então?

— Você eu não sei, mas eu vou bater perna.

— O quê?

— Vou sair, passear, caminhar, andar por aí sem rumo.

— Pensei que íamos trabalhar.

— Não trancados aqui. Quem em sã consciência pode ter alguma inspiração preso num apartamento? É claustrofóbico.

Jimmy deu de ombros.

— Componho minhas músicas aqui.

— Então você pode ficar, eu vou dar o fora...

Caroline pegou um copo de café do suporte e entregou ao cantor, depois bebeu o seu. Apreciou o sabor forte que corria quente por sua garganta. E se tinha uma coisa que eles faziam bem eram os cafés, chás e todas as bebidas quentes que ela poderia imaginar e que definitivamente eram perfeitas naquele frio. Definitivamente, Caroline gostava mais de Londres a cada dia.

— Não sabia como você gostava, então arrisquei.

— Ela disse, observando-o experimentar. — Não coloquei açúcar.

— Por quê?

— Você é pele e osso, no mínimo não come açúcar

há uma década. Além do mais vocês britânicos são tão sérios.

— Eu não sou pele e osso, sou apenas magro. E nem sou tão sério assim.

— Eu sou magra, você é quase aquele boneco do desenho animado, o tal puro osso. Só falta um machado... Tem esse desenho aqui?

Jimmy deu de ombros.

— É a genética. Para seu governo eu gosto das coisas bem doces.

Caroline levantou as sobrancelhas e abriu um meio sorriso de surpresa, observando enquanto o cantor ia até o armário e tirava um pote de açúcar. Depois mergulhava três colherinhas pequenas no café.

— Bem melhor. — Jimmy disse depois de um gole grande.

— Esse país sempre me surpreende. — Caroline deu de ombros.

— Vai se acostumar.

A violinista não disse mais nada, mas seu olhar expressivo e forte fizeram com que o astro do rock sentisse um frio percorrer a espinha.

As ruas de Londres tinham um ritmo diferente e Caroline gostava de apreciar os passantes, encostada em qualquer amurada que encontrasse pelo caminho. O povo sempre tão fechado, sério e intocável passava por eles sem dirigir-lhe o olhar. Ela especulava como faziam pra se relacionar, conhecer pessoas e fazer amizades. Devia ser difícil.

— No que você está pensando? — Jimmy arriscou, percebendo o constante levantar de sobrancelhas dela.

Ela olhou-o cautelosa. Decidindo-se então por não dificultar ainda mais as coisas começou a falar:

— Estou curiosa.

— Com o quê?

— Como vocês fazem pra conhecer gente nova?

— Vocês quem?

— Os ingleses. Parecem tão sérios, tão indiferentes.

— Você não pode generalizar.

— Eu sei, é um péssimo habito, mas não consigo evitar vendo todas essas pessoas andando de um lado para o outro como se estivessem sozinhas no mundo. E aí, o que me diz?

— Não sei. — Ele respondeu, dando de ombros.

Caroline virou-se para ele, numa expressão fugaz de interesse:

— Como você faz?

— Ataco bonitas violinistas no parque.

Ela baixou os olhos subitamente corada.

— Desculpe, só estava brincando.

— Eu sei. — Caroline respondeu em voz baixa.

— E você?

— O que tem eu?

— Como você conhece pessoas novas?

— Sou atacada em parques por músicos psicopatas.

— Sorriu, um friozinho instalando-se no estômago.

— É, pelo jeito nem você nem eu temos muito jeito em conhecer pessoas novas.

Caroline não disse nada. Ela tinha jeito com pessoas, quando queria – o que no geral não acontecia muito desde... Bom, de qualquer forma ele não precisava saber disso, tudo o que precisava compreender é que não conseguiria nada além de uma ou duas músicas com ela. Nada além disso.

Há algum tempo que seu coração estava fechado e ela não tinha planos de abri-lo novamente, nem para uma mera noite de paixão casual. Ela não queria nada que envolvesse sentimentos. Não suportaria passar por tudo o que vivera novamente.

— Quantos anos você tem Caroline? — Jimmy a arrancou dos pensamentos sombrios.

— Por que você quer saber?

— Aposto que posso descobrir.

Ela riu.

— Estou falando sério. — Jimmy insistiu.

— Se vamos apostar, o que ganho quando você perder?

— O que você quer? — Os olhos dele brilharam.

— Bife, batatas fritas...

— Fechado.

Depois de alguns instantes o cantor voltou a fitá-la com intensidade.

— E o que eu ganho se acertar?

Ela deu de ombros.

— O que quer?

— Um jantar à brasileira.

— Tem plano de saúde?

— Tenho, por quê?

— Porque talvez eu o mate intoxicado.

Jimmy gargalhou.

— Sou péssima cozinheira.

Os dois começaram a andar, acompanhando o movimento dos pedestres indiferentes, fitando-se mutuamente com divertida atenção.

— Bem, eu cozinho, ou podemos ir a algum lugar.

Ela baixou os olhos.

— Ou você cozinha e eu corro o risco com a intoxicação. Já disse que sou um cara corajoso?

Ela negou, um sorriso franco nos lábios. Era tão fácil ficar perto de Jimmy, muito diferente do que ela esperaria sendo ele um astro de rock. A conversa entre os dois fluía tão tranquilamente que ela sentia como se pudesse ficar horas e horas com ele, discutindo, rindo, debatendo e ouvindo a voz grave e sexy dele falando sobre música.

— Pois pra você ter uma ideia, uma vez...

Quando chegaram novamente ao apartamento de Jimmy, Caroline ria e não apenas um sorriso discreto e tímido como costumava fazer para estranhos, mas um

sorriso aberto e honesto, resplandecente. Jimmy tagarelava. Era uma coisa dele, pensar muito sobre as coisas e expor quase tudo exatamente como remoía na cabeça. Caroline gostava daquilo, era vivo e... Ela não tinha certeza do que mais, mas gostava. Há muito tempo não sabia o que era ter alguém com quem conversar, nem o quanto aquilo fazia falta.

Os dois saíram do elevador discutindo alguma coisa sobre ele ainda ter mais duas chances para descobrir a idade dela. Não perceberam ao chegarem ao apartamento quando um vulto grande aproximou-se. O homem saiu das sombras do corredor e pigarreou. Caroline pulou sobressaltada e Jimmy, num impulso, assumiu uma postura de defesa e puxou a garota para perto.

— Dony. — Jimmy bufou, num misto de indignação e alívio. — Que susto, cara.

— Claro que sou eu, quem você pensou que seria?

Jimmy deu de ombros.

— Além do mais avisei que estava vindo, lembra?
— os olhos do guitarrista o fitaram furiosos.

— Ah! É verdade. Esqueci completamente.

— E onde vocês estavam? — Dony inquiriu cheio de suspeitas.

— Batendo perna. — o outro respondeu rindo ao recordar-se da conversa sobre as dificuldades de se traduzir um ditado popular. Assunto que tomara uma parte do caminho de volta. — Estávamos por aí.

Dony rosnou baixo, trincando os dentes e cerrando os punhos.

— Você está bem? — Caroline perguntou para o guitarrista, ao perceber sua expressão furiosa e assustadora.

Desconcertado, o guitarrista amoleceu e tentou sorrir. Era a primeira vez que ela falava com ele algo além de “Não estou interessada.”

— Sim. — Disse encarando os olhos complacentes da violinista.

— Bom. — Caroline retrucou, a voz tomada pela paciência que teria com uma criança.

Quando entraram no apartamento, ela se adiantou na direção do quarto.

— Vou tomar um banho, acho que a tarde vou dar um pulo no parque.

Jimmy assentiu.

— Vou fazer almoço. — respondeu ele, as sobrancelhas arqueadas.

Os dois começaram a rir, deixando Dony ainda mais confuso.

— Espero não morrer intoxicada.

— Sou eu quem vai cozinhar minha cara, não o babão ali. Prepare-se para comer a melhor lasanha londrina.

Caroline concordou, ainda sorrindo.

— Eu realmente estou com medo. — Disse saindo.
— Se bem que, desde que eu não tenha que cozinhar, até pedra com um pouco de tempero parece bom.

— Ei! — Jimmy fingiu se ofender.

Caroline levantou as mãos em sinal de paz e saiu, mergulhando no quarto um instante depois, o coração acelerado e os pensamentos em turbilhão.

Jimmy trocou de roupa e foi para a cozinha, pensando sobre a ideia da lasanha. Talvez não fosse mesmo a melhor de Londres, mas...

— O que foi aquilo? — Dony inquiriu quando o cantor começou a cortar temperos sobre a bancada de mármore.

— O que foi o quê?

— Aquilo, aquela... você sabe.

— Não, eu não sei. — Jimmy levantou os olhos dos temperos e fitou o amigo vermelho.

— *Você vai comer a melhor lasanha de Londres... oh, pra mim está bom.* — Ele tentou imitar as vozes de Jimmy e Caroline.

— Ah. Ela é bem legal, não é?

— Ah! Jimmy, não, não. Por quê?

— Dony, não estou mesmo entendendo você hoje.

— Você já está caído por ela. Você não tem jeito mesmo. Mal a conheceu e já está aí se derretendo todo.

Jimmy gargalhou.

— Você tem aspirações ao teatro? — o cantor perguntou ainda sorridente. — Está tão dramático hoje, Shakespeare.

Dony baixou os olhos, as faces vermelhas de raiva.

Um som suave irrompeu a sala. Caroline estava tocando no quarto. Os dois se calaram e com os ouvidos atentos deixaram que a melodia os envolvesse. Ela tinha mesmo muito talento, fosse qual fosse a melodia, parecia sempre tocar fundo no peito. Dony estava apenas com ciúmes e Jimmy achou melhor encerrar a discussão ali, com toda certeza o amigo acharia um jeito de se aproximar da musicista e se jogar na difícil empreitada de romper as barreiras que ela criara ao seu redor. Talvez a tarde o cantor desse alguma desculpa para não acompanhá-la ao parque, para que o amigo tivesse um pouco de espaço com a garota.

Talvez não.

Quando Caroline saiu do quarto, os cabelos enrolados em uma toalha e os olhos vermelhos, Jimmy se adiantou na sua direção.

— Você está bem?

— Sim. — Ela se limitou a dizer.

— Com fome?

Caroline assentiu e Jimmy a conduziu à mesa de jantar onde Dony depositava pratos e talheres desordenadamente. Quando a viu, um sorriso grande brotou no rosto do guitarrista. Era mesmo uma mulher linda e ele já conseguia se imaginar com ela nos braços, acariciando seu corpo ardente, beijando-a nos lábios, passando o nariz pelo pescoço curvilíneo, sentindo o cheiro adocicado de sua pele. Só precisava tirar Jimmy do caminho. E esse seria um verdadeiro problema. As garotas sempre preferiam o vocalista, sempre pediam que ele cantasse em seus ouvidos e autografasse suas camisetas em locais sensuais.

Jimmy sempre levava vantagem em tudo, e o pior é que o cantor não fazia nada para disputar com o amigo, sendo naturalmente um imã para mulheres e confusões. Na maioria das vezes sequer percebia que era paquerado e facilmente se distraía com assuntos musicais. Dony, por outro lado, era intenso e queria tudo o que tinha direito, queria o amor, a paixão, queria noites de sexo selvagem e garotas exuberantes do mundo inteiro, e agora também queria desesperadamente Caroline. E quanto mais ela o ignorava, mais ele a queria.

Os três almoçaram sem conversar muito e Jimmy não conseguiu disfarçar a expectativa com relação ao que a violinista estava pensando sobre a comida. Percebendo isso, a garota fez questão de manter um olhar neutro e indiferente, tornando a espera ainda mais interessante. Finalmente depois de muito tempo, o olhou com divertimento e anunciou:

— Ainda bem que você sabe cozinhar.

— Eu disse que sabia.

— Está muito bom. — Ela admitiu.

— Surpreendi você?

Caroline sorriu.

Dony arqueou as sobrancelhas grossas ao perceber o entrosamento dos dois. Como é que Jimmy conseguia esse tipo de coisa? Ele passara dias tentando que ela ao menos o escutasse e Jimmy além de tê-la convencido na primeira tentativa também a fazia sorrir, a surpreendia com lasanhas e conversinhas moles. Há quanto tempo os dois se conheciam mesmo? Como em tão pouco tempo o cantor havia quebrado o gelo?

Dony não conseguia parar de remoer.

Logo ela que não parecia como uma daquelas meninas deslumbradas com fama e dinheiro. Ele não podia negar que o amigo era um cara aprumado, vestia-se bem, sabia conversar e sorrir, mas ele não ficava atrás, chamava atenção tanto quanto o outro em aparência e se esforçava muito para ser tão simpático e eloquente. Não era feio e sabia que as mulheres o adoravam, só não entendia por que Caroline não.

Agora porém, sentia-se tonto e sem graça.

Emudecido, terminou de comer e ajudou com a louça.

Enquanto Caroline recolhia os talheres, ele já começava a lavar os pratos. Suspirando, suspirando e suspirando.

— Você tem certeza de que está bem? — Caroline perguntou, pousando casualmente a mão no braço do guitarrista.

— Sim. — Ele disse e tornou a olhar para a água que corria gelada sobre seus dedos. — Eu... eu... Acho que devo desculpas a você. Devo ter parecido um louco, um tipo de perseguidor.

Caroline sorriu. Dony era mesmo muito charmoso e vê-lo assim, tão tímido e reservado era bem interessante.

— Achei que você fosse me arrastar para algum lugar sombrio e me decapitar. — Ela disse, num tom de zombaria.

Dony arqueou as sobrancelhas e fechou a torneira.

— Tudo bem. — Ela falou. — Não pensei realmente isso e você tinha razão.

— Razão?

— Sim, o reconheci de primeira.

Dony sorriu, abrindo covinhas sedutoras nos cantos da boca. Aquilo aqueceu o coração de Caroline e ela sentiu medo. Temeu não ser forte o bastante para afastar os roqueiros, temeu não conseguir manter a muralha que criara ao seu entorno para evitar de se relacionar, e se deixar levar. Temeu. Simplesmente porque há muito tempo não sabia o que era carinho e afeição e isso, os dois jovens pareciam ter de sobra.

Jimmy que tinha deixado os dois envolvidos com as coisas da cozinha, voltou com um violão nas mãos e deu de cara com o semblante triste de Caroline. Achou que Dony conseguiria mostrar o quão amigável poderia ser se os deixasse algum tempo sozinhos, mas não imaginou que ao invés disso o amigo fosse provocar um olhar tão cheio de dor na moça. Sem saber o que fazer, começou a tocar.

Seis

— O que você fez pra ela? — Jimmy inquiriu o amigo furiosamente, enquanto esperavam por Caroline na sala.

— Não fiz nada. — Dony deu de ombros.

— Alguma coisa você deve ter feito, vi bem ao olhar dela quando vocês estavam na cozinha. Ela parecia... triste.

— Não fiz nada. Pelo contrário, foi muito agradável. Ela foi legal.

Jimmy arqueou as sobrancelhas com desconfiança, mas Dony se manteve firme. No final, um único pensamento fixando-se na mente: Que mulher estranha.

Os três rumaram para o Hyde Park, de onde só voltaram muitas horas mais tarde.

Depois de muito andar pelo parque e de longas

discussões sobre coisas sem importância, o trio conseguiu decidir pouco sobre as músicas que deveriam criar juntos e menos ainda sobre eles mesmos. Caroline era de longe a mais difícil de se decifrar.

Toda vez que algum deles tentava questionar sobre coisas pessoais da garota, ela se esquivava e, ou não respondia, ou o fazia com evasivas desinteressadas. Apesar disso, nenhum dos dois se deixou abalar. Jimmy tinha sempre algum tema musical com o qual abordá-la e Dony, tiradas divertidas que pareciam tiradas de uma revista. Não demorou muito para que mesmo Caroline estivesse provocando aos dois homens, rindo deles e com eles.

Voltaram ao apartamento de Jimmy e Dony foi o encarregado do jantar, tendo se auto convidado para a refeição noturna e chamado Chase para conhecer a brasileira. É claro que não tinha a menor pretensão de se enfiar na cozinha enquanto Jimmy jogava seu charme barato para a moça. Pediu pizzas e esperou que isso lhe

desse algum tempo para investir mais na aproximação com a moça.

Caroline já começava a achar engraçado a disputa que os dois astros pareciam travar por sua atenção, Jimmy querendo explorar o conhecimento musical dela e Dony tentando conquistá-la.

Ela jamais poderia imaginar que um dia estaria em um apartamento em Londres, aparentemente sendo disputada por dois caras lindos, sexys e muito divertidos e que ainda por cima eram os famosos *Left Turn*.

Apesar da aparente inconveniência que Dony fora no início, agora ele havia se transformado numa companhia das mais agradáveis, sendo charmoso e divertido, além de um afiado provocador do amigo.

Jimmy também não ficava atrás. Com os cabelos rebeldes caídos sobre os belos olhos azuis e tiradas que variavam de excêntricas a muito bem humoradas, conseguia deixar Dony vermelho na mesma medida em que o outro o fazia com ele. E a disputa parecia algo tão normal e natural a eles que ela se viu especulando mais

sobre a amizade dos dois.

Caroline repreendeu-se seguidas vezes por tão rapidamente se deixar levar pelo carisma dos rapazes. Mas foi quando a campainha tocou que realmente sentiu que tudo por que vinha trabalhando estava prestes a ruir.

Jimmy. O olhar que ele lançou para ela foi simplesmente estonteante, como se o mundo coubesse dentro daqueles olhos azuis. Ela se viu prendendo a respiração e se forçando a parecer neutra e tranquila.

— Chase, meu velho, pensei que não ia chegar nunca. — Jimmy abriu um sorriso largo ao atender a porta.

— Eu tenho mais o que fazer. — A voz que entrava no apartamento era grave e resignada.

— Você já ficou sabendo da novidade?

— Hum. — Chase resmungou, entrando na sala e dando de cara com Caroline, sentada com as pernas cruzadas sobre o sofá.

— Caroline Braga, este é Chase McClish. Chase,

esta é a violinista que Dony perseguiu.

Chase deu de ombros e foi até a moça.

Caroline ficou de pé e estendeu a mão. O homem parado à sua frente era grande e forte, tinha os cabelos compridos e um olhar tenso, mas ela não se intimidou.

Chase envolveu os dedos pequenos da moça entre os seus e apertou de leve, sentindo o aperto forte em retribuição. Não era o tipo de homem que se deixava encantar com garotas bonitas e tontas, que ficavam envaidecidas ao lado de astros da música. Mas não podia negar que aquela era mesmo bonita, atraente de um jeito que bem justificaria a forma tola como Jimmy e Dony vinham agindo desde que a conheceram.

— Muito prazer. — falou sem rodeios.

— Oi. — Ela respondeu.

Ele se jogou no sofá.

— Pensei que quando chegasse você já teria fugido desses dois malucos.

Caroline riu.

— Tenho pensado muito nisso.

— Se precisar, posso dar um jeito neles. — Chase deu de ombros, sem olhar pra ela, pegando o controle remoto e ligando a televisão.

— Bom saber.

Jimmy ficou observando enquanto Chase – o sempre mal humorado e monossilábico Chase – ria, os pés sobre a mesinha de centro e os olhos fixos na nova integrante do grupo de desajustados.

— E aí? — Dony sussurrou, juntando-se ao amigo na bancada e olhando para a sala onde Caroline e Chase ainda cochichavam animados. — Ele a assustou? Porque as garotas sempre se assustam com ele...

— Veja você mesmo. — Jimmy apontou, tão surpreso quanto o outro ficou ao deparar com a cena. — Essa mulher é mesmo um mistério.

— Acho que ela tem um segredo. — Dony murmurou.

— Ei, a comida sai ou não sai? — Chase crispou da

sala.

Chase era agradável de uma forma diferente. Sem as tiradas de humor de Jimmy e sem o senso de Don Juan constante de Dony, era uma companhia simples e fácil. Não dizia coisas à expectativa de fazê-la sorrir, não procurava seus olhos quando sorria, mas ainda assim, era o tipo de pessoa com quem Caroline podia se dar bem. Palavras francas e inteligentes e um gosto indiscutível por música antiga.

Os quatro comeram pizza no jantar, bebendo vinho e discutindo o que tinham em comum, música. Caroline que não bebia, ficou com o suco velho que ainda estava na geladeira de Jimmy. A paixão pela música era inegável e mesmo Chase tinha os olhos negros brilhando quando o tema era abordado. Ela gostou da noite e se surpreendeu ao se pegar dando gargalhadas diversas vezes.

— Existe um lugar que você precisa conhecer. — Chase disse distraidamente, enquanto enchia o copo com o restante do vinho.

— É? — Caroline que já se habituara com a voz de trovão do baterista não se surpreendeu.

— Se até nos próximos dias esses dois não a enlouquecerem, vou levá-la lá.

A forma como ele falara fez com que Jimmy e Dony, que dividiam um sofá e enfiavam pedaços enormes de pizza na boca, ficassem calados.

— Imagino que vou gostar, então. — Caroline disse, seu olhar encontrando com naturalidade os olhos negros do grandalhão. Ele assentiu.

— Acho que vai se divertir muito. Muitas bandas americanas tocam lá. No sábado sempre tem música latina. Sei que você é brasileira, mas não vai encontrar muito samba por aqui. É o melhor que posso oferecer... — Ele concluiu.

— Quando estiver com saudade do samba, volto pra casa. — Ela respondeu, no mesmo tom natural e tranquilo o que o fez levantar os cantos dos lábios num sorriso suave.

— Nunca dancei música latina. — Dony se meteu na conversa, querendo atrair atenção para si.

— Ouvi dizer que você quer morar em Londres. — Chase falou com sua naturalidade de sempre. — E se for, precisará conhecer locais com boa música, porque se depender desses dois viverá em shows de heavy metal e rock pauleira.

Caroline soltou uma gargalhada alta.

— Você me ensina a dançar, Caroline? — Dony perguntou, arrancando uma risada em coro dos demais.

Jimmy tocou uma almofada no amigo e riu quando este se jogou sobre ele para uma exibição cômica de luta.

— Vocês parecem duas crianças. — Chase resmungou, se enfiando no sofá ao lado da brasileira novamente.

— Eles são sempre assim? — a moça perguntou, atirando a própria almofada nos dois.

— Precisa ver quando estamos em turnê.

— Por falar nisso, vocês não deveriam estar

fazendo shows e enlouquecendo fãs pelo mundo?

— Férias. — Foi Jimmy quem respondeu. — Depois das turnês tiramos um tempo pra descansar e preparar novas músicas.

O restante da noite passou com rapidez. Caroline acabou cedendo e tomando uma taça de um vinho muito amargo que lhe arrancou algumas carrancas engraçadas. Jimmy e Dony passaram a maior parte do tempo discutindo sobre qual seria a melhor banda de rock de todos os tempos, tentando criar argumentos convincentes o suficiente.

Depois da refeição Jimmy apertou um botão em um controle remoto discreto. Um som baixinho começou quando o mural na parede diante deles começou a subir, exibindo uma tela plana de 65 polegadas, um blue-ray e algumas caixas de som pequenas.

Caroline assoviou e riu, afundando no sofá quando a luz da tela se projetou, azul, à sua frente. Jimmy acomodou-se na ponta do sofá, aos pés da garota, enquanto Dony teve de se contentar com a companhia

rabugenta do amigo que o apertou num canto e o ameaçou com uma almofada, caso se chegasse muito. O cantor apertou novamente o controle remoto e exibiu a lista de filmes de que dispunha. Uma grande maioria de ação e luta, outro tanto de comédias e alguns dramas.

A garota ajudou na escolha do filme e aninhou-se numa almofada, estirando os pés o suficiente para pressionar Jimmy na ponta.

Depois de muitos sorrisos sem motivos aparentes, os quatro silenciaram para dedicar atenção ao filme. A última coisa da qual ela se lembraria no dia seguinte é de ouvir alguém dizendo que ela tinha bom gosto para filmes de ação.

Caroline acordou no meio da madrugada. A cabeça pendendo leve sobre uma almofada e um cobertor sobre o corpo. Olhou para o lado e deu com Dony dormindo num colchonete no chão, roncando baixo e cansado. Chase não estava mais ali.

Silenciosamente levantou-se e foi para o quarto, mas não sem antes esticar a cabeça para a porta

entreaberta de Jimmy.

O cantor dormia de braços sobre as cobertas. As costas nuas e uma bermuda amassada. Uma das pernas estava esticada e a outra levemente dobrada, enquanto os braços pareciam soltos e descontraídos. O travesseiro abandonado no chão. Ela sorriu e voltou para o quarto onde se trancou e se jogou na cama.

Quando finalmente voltou a dormir, sonhou com coisas de um passado que tanto quisera esquecer. Coisas que sempre a lembravam do motivo de ter fugido para Londres e por nunca se deixar aproximar de ninguém.

Timot não estava exatamente irritado. Surpreso também não era a palavra que usaria para descrever a curiosa situação em que se metera. Nos dias anteriores quando escutara a tal Caroline tocando em seu escritório, teve de admitir que ela era um talento natural. Seria fácil arrumar uma orquestra para ela, assim como também muitas bandas interessadas em acrescentar seu talento ao elenco. No entanto, a indiferença, o desinteresse da moça

o haviam acertado com um baque. Desde então não se passara um minuto do dia em que aquela pulguinha atrás da orelha o deixasse em paz. Alguma coisa estava errada com aquela história de não querer fama e nem precisar de dinheiro. Caroline escondia alguma coisa e antes que um escândalo acabasse arruinando a carreira dos rapazes da *Left Turn*, ele precisava descobrir.

A princípio tinha considerado que se a jovem escondia algum *podre*, uma rápida pesquisa na internet resolveria o caso e assim que tivesse evidências poderia confrontá-la. Se a coisa fosse realmente ruim não haveria argumento que o dissuadisse de continuar com o contrato. No fim das contas, se não houvesse nada de horrendo, nenhum mistério que pudesse prejudicar os rapazes nem a ele mesmo e ela não passasse de um daqueles gênios excêntricos e temperamentais que odeiam exposição e mídia mas que criam verdadeiras obras de arte, ainda poderia tentar convencê-la de se tornar sua agenciada – e com isso ganhar algum dinheiro em cima dela também. Agora porém, parado diante da tela do computador, com um grande NÃO ENCONTRADO diante de seus olhos se

perguntava o que poderia haver. A mulher era um verdadeiro fantasma, nada em redes sociais, nada em página alguma. Não esperava descobrir alguma coisa que fosse realmente significativa, mas as pessoas costumavam deixar vestígios de sua existência na internet, fosse pelos sites de relacionamento, fosse por matérias de revistas ou mesmo links de auxílio a lista telefônica. Ou Caroline Braga não era o nome dela, ou ela simplesmente não existia antes de Londres. De uma forma ou de outra, Timot iria descobrir.

Pegou o telefone da mesa e chamou a secretária.

— Louise. — Falou para a voz fina que o atendeu.

— Me ligue com a embaixada brasileira.

Sete

— O que foi? — Jimmy olhou confuso para a expressão irritadiça no rosto de Caroline. Já era a terceira vez que a garota bufava.

— Se quiser podemos parar um pouco. Estamos indo bem. — o cantor completou.

— Você só pode estar brincando. — Ela resmungou.

Há dias que vinham trabalhando na composição da música nova para a banda dos roqueiros. Quase sempre a garota era delicada e simpática, mas naquele dia o humor estava ácido e rabugento. Não conseguia acompanhar aquele sentimento devastador que Jimmy tão facilmente tratava com a voz deliciosamente harmônica. Ouvi-lo era bom, mas ouvi-lo falando de amor, de dor e tristeza era doloroso. Doloroso de uma forma que Caroline não sabia explicar e que nem poderia.

— Não me diga que você não acredita que possa existir um tipo de amor assim?! — Jimmy argumentou.

A violinista suspirou.

— Ah! Sei lá. Deve existir, quero dizer, existe. Mas não quer dizer que precisamos falar disso.

— Qual o problema em falar de amor? — O rapaz ergueu as sobrancelhas.

— É só que está tão meloso e dramático... — Ela crispou, abandonando o caderno no sofá e indo para o balcão que dividia a cozinha com a sala. — Não sei se vou conseguir criar uma melodia que acompanhe tudo isso...

— Hum.

Desde que haviam começado a trabalhar naqueles versos sobre amor, Caroline e Jimmy passavam quase todos os dias envolvidos com a música, debatendo sobre a letra, arranjos, melodia. Nada parecia se encaixar. Exceto que ele sentia-se perfeitamente moldado a ela, encaixado como uma peça de engrenagem.

— Desculpe, a letra está linda, é só que... —
Caroline suspirou.

Amor. Era sempre aquele o tema das grandes e emocionantes canções. Era sempre o causador das grandes tristezas de um coração. E um coração partido era capaz de embelezar uma música, imortalizá-la. Acontece que Caroline estava mesmo com o coração partido, com uma dor impossível de ser medida e falar de amor, escrever sobre amor, criar uma melodia sobre isso era torturante, ainda mais quando a voz que a cantava era extremamente profunda.

— Esqueça, vamos continuar. — Ela disse, indo sentar-se novamente no sofá e pegando o caderno cheio de rabiscos.

Jimmy passou os dedos sobre as cordas do violão descontraidamente. Gostava de falar de amor em suas músicas, gostava de cantar a dor que o amor podia causar, mesmo que ele mesmo nunca tivesse sido arrebatado da forma como as letras retratavam. Já tinha se apaixonado é claro. Algumas das garotas haviam sido mesmo especiais,

uma ou duas tinham quebrado seu coração, mas a maioria das mulheres com quem ficava – e ele achava que tinha certeza disso – só se interessavam por sua fama e a mídia que vinha atrelada a um relacionamento com rockstar. Se não fosse tão apaixonado por música, talvez procurasse outra profissão. Às vezes era difícil tentar ser normal em um mundo que o afundava em anormalidades, em fama, desejos, exposição...

A porta do apartamento de Jimmy abriu-se abruptamente. O cantor pulou sobressaltado ao sair do devaneio.

— Droga Dony. Não sabe usar a campainha? — Jimmy resmungou quando a imagem do amigo apareceu na entrada da sala.

— Por quê? Todo mundo sabe aonde você guarda a chave reserva. — o guitarrista deu de ombros. — E aí, alguma novidade? — Falou, olhando diretamente para a brasileira.

Caroline deu de ombros e se lançou para ele, beijando-o na bochecha e sorrindo.

— Acho que estou estragando tudo. — Ela disse, depois de se afastar dele. — Não estou muito inspirada.

Dony, vermelho pelo gesto da moça, apenas sorriu. Todos os dias vinha quase à mesma hora, tanto para poder se aproximar da musicista quanto para colaborar com a criação da nova canção da *Left Turn*, embora seus palpites raramente fossem levados em consideração e ele pouco conseguisse com a moça.

— Duvido que você possa estragar alguma coisa. — o guitarrista disse, encarando-a como um felino prestes a dar o bote.

Caroline baixou os olhos. Gostava de Dony, mesmo que muitas vezes o achasse inconveniente e pedante. Dava pra ver que ele estava tentando conquistá-la e por isso Caroline não abria espaço. Tanto para evitar um constrangimento quanto para que o guitarrista não pensasse que estava conseguindo, o que seria ainda mais constrangedor. Era um cara bonito e ela podia compreender porque as garotas enlouqueciam quando ele tirava a camiseta no show. Era também um músico muito

bom, fazia milagres com a tal de Beth – a guitarra que ele carregava para baixo e para cima. Mas era quando não estava prestando atenção que se destacava, nessas ocasiões tinha um jeito verdadeiramente adorável, principalmente quando sorria.

Ainda assim, se deixar levar por ele estava totalmente fora de questão. Mesmo que o coração de Caroline não estivesse trancado com muitas e muitas chaves, não haveria a menor chance de se tornar mais uma na lista de conquistas do guitarrista. Nem na dele nem na de Jimmy.

E Jimmy Walker ainda era um mistério. A violinista não sabia se ele não tinha noção da própria beleza, se era tímido ou romântico, ou se simplesmente não se interessava por ela e por nenhuma das milhares fãs que o perseguiam enlouquecidamente nos shows. Pelo que Caroline lembrava-se de já ter visto em artigos de sites de fofocas, o protagonista dos escândalos e flertes eram sempre Dony. Muitas vezes ela pegava Jimmy observando-a, mas ele jamais falava sobre isso e sempre

parecia distraído. Algumas vezes Caroline tinha a impressão de que ele e Dony disputavam sua atenção, em outras ele simplesmente parecia se afastar e deixar que o amigo se chegasse mais. Era mesmo um cara estranho. Gostava de tagarelar sobre política, comidas exóticas, viagens e música. Música mais do que de qualquer outra coisa. Dava para ver, sentir que ele amava música como ninguém que ela conheceria antes, ninguém além dela mesma. Quando esse era o tema dos debates entre os dois, o músico se deixava transformar, assumindo um semblante vivo, intenso. Ela gostava de vê-lo daquela forma e se pegara, em muitos momentos, sorrindo com as lembranças ou planejando provocações.

Oito

Igor ainda não conseguia acreditar que estava em uma lanchonete com a garota maluca que o havia atacado com duas laranjas. Tudo bem, ele não era totalmente inocente naquela história, atropelara a moça e ainda a chamara de doida. Mas quem em sã consciência atira frutas nas pessoas?

— Não acredito que você está tomando suco de laranja. — Ele falou, sorrindo com os imensos olhos cor de mel.

Ana deu de ombros, o olhar afiado na direção do rapaz. Ela tinha de admitir, era um cara bonito e refinado. Os olhos dele lembravam favos de mel e brilhavam, a boca bastante vermelha se encaixava perfeitamente perto do queixo quadrado. Ela poderia jurar que ele era um daqueles americanos de filmes, os cabelos claros caídos sobre os olhos ao estilo Brad Pitt.

Não que ela fosse muito fã do ator, mas ninguém podia negar que o cara era mesmo a visão do paraíso, principalmente nos filmes que ela via na infância, com a mãe. Se a mãe visse o estranho com quem ela estava conversando ia dizer que ele era, sem sombra de dúvidas, uma visão do paraíso.

Mas a mãe o aprovaria não apenas pela beleza. Quando, quinze minutos antes, entraram na lanchonete, ela surpreendeu-se com a gentileza, não apenas tinha puxado a cadeira para ela sentar – o que ela poderia facilmente interpretar como uma artimanha para encantá-la – mas também por alcançar o cardápio e esperar pacientemente que ela escolhesse. A voz era suave e divertida e a conversa era tomada de interesse e assuntos sem fim. Ela podia passar horas ali, ouvindo-o e respondendo as incansáveis perguntas dele.

Igor tinha um olhar penetrante e era nisso que Ana estava pensando quando o lanche chegou.

— Adoro essas coisas de massa folheada. — A garota disse com simplicidade.

Igor sorriu.

— Por que você estava com tanta pressa? — Ela quis saber.

— Acho que estou sempre com pressa. — Ele respondeu sem desviar os olhos do lanche. — Não consigo sair no horário, é uma coisa que parece fora do meu alcance.

— Dificuldade para acordar?

— Para dormir. — Ele confessou.

— Você deve ter um trabalho estressante.

— Uma chefe estressante pra ser mais exato.

— Hum. — Ela baixou os olhos para o suco, fingindo desinteresse.

É claro que Ana estava interessada em Igor, o homem parecia ter caído do céu na sua frente. Com aquele par de olhos mel e um sorriso estonteante. Mas é claro também que ela não diria nada. Não que fosse uma mulher tímida – muito pelo contrário, tinha muita facilidade em dizer o que pensava. – mas a conquista

era sempre uma arte.

— E você, o que faz? — Igor perguntou, os olhos vincados nela.

Os cabelos castanhos moveram-se devagar. Ana ergueu os olhos claros para ele e abriu um meio sorriso.

— Nada muito estressante. — Ela respondeu, depois de um silêncio premeditado. — Eu sou artista plástica. Meu negócio são os quadros e as esculturas.

— Isso é legal. — Igor disse, mentalmente se repreendendo por não ter percebido antes pequenas manchas de tinta nos cantos das unhas da garota.

— Mas então... — Ana começou ao perceber o olhar do homem para suas mãos. — Qual é afinal essa sua profissão que tanto te tira o sono?

— Eu sou advogado.

— Meu pai vai gostar de você. — Ana falou, arrependendo-se imediatamente por não ter pensando antes. — Quer dizer, meu pai gostaria de você, ele também é advogado.

Nove

Caroline olhou-se no espelho e soltou um longo suspiro. Sabia que não era uma mulher feia, mas nunca fora do tipo que ficava horas na frente do espelho, analisando a aparência ou enfeitando-se.

Era intensa. Do tipo que amava de verdade e do tipo que sofria melancolicamente as dores do coração. E seu coração estava mesmo quebrado. De um jeito que ela achava irreversível, impossível de se consertar. E de quem era a culpa? Quem havia provocado todo aquele sofrimento? Ela mesmo, é claro. A única culpada por toda a dor e tristeza que vinha sentindo era ela mesma. Ela e a música. E por dois anos tinha se castigado, sumindo no mapa e não tocando mais. Sempre levava consigo o violino, como mais uma forma de se castigar pelo que havia acontecido. Olhava-o todas as noites, tirava a poeira e lustrava-o, como se o acariciasse e se

desculpasse pelo repentino afastamento. Desde que chegara na Europa, porém, não tocar havia se tornado um suplício. Tudo a inspirava. Na Itália foram os canais de Veneza que a noite resplandeciam à iluminação da cidade. Em Paris, a Catedral de Notre-Dame quase a enlouquecera, fazendo-a tremer noites inteiras com pesadelos e lágrimas. Ela amava a música e não se deixar levar pelas melodias que o violino produzia era uma forma torturante de morrer. E todos os dias ela tinha se matado um pouco, cuidando do instrumento, amando-o, mas o mantendo longe. Até que chegara a Londres e ela não mais teve forças para se negar aquela paixão.

A música era sua vida e alma e ela tocara em quase todos os pontos turísticos por onde passara, se culpando durante a noite, mas se entregando completamente à música no dia seguinte. Então veio Dony e depois Jimmy e Chase e novamente a música a possuía com a força e arrebatamento de um grande e verdadeiro amor.

Ajeitou pela última vez a alça do vestido preto, deu uma empinada nos seios. Ajeitou o decote que mostrava

discretamente o contorno do busto e achou graça da instantânea vaidade. Passou a mão pelos cabelos soltos e deixou que caíssem delicadamente para baixo dos ombros, formando alguns cachos nas pontas.

Afastando os pensamentos do passado que pareciam querer explodir em sua mente, ela terminou a maquiagem e pegou o casaco. Saiu do quarto sentindo um peso imenso sobre o peito.

— Uau. — Alguém disse quando ela chegou na sala. Não viu quem foi, mas os olhares estavam todos presos nela.

— Você está bonita. — Disse Chase, vindo ao seu encontro e cumprimentando-a com seu jeito comedido de sempre.

— Você também. — Ela respondeu com sinceridade.

Chase era um cara grande, musculoso e todo definido. Vestido com uma calça jeans elegante, uma camisa social azul escuro e um par de sapatos Oxford de duas cores ficava incrivelmente bonito. Não precisava

muito para chamar atenção e Caroline, que não chegava a um metro e setenta de altura se viu ainda menor ao lado dele. Era um homem naturalmente atraente, mas havia uma certa reserva, uma forma comedida de agir e de falar. Ela tinha algumas desconfianças com relação ao jeito do baterista, mas não pensava em dizer nada a respeito. Na verdade não se importava de fato, gostava dele e ponto final.

Dony, que estava com a cara amarrada não ficava atrás, usava uma camisa por baixo de um colete de risca de giz, perfeitamente moldados ao corpo forte e uma calça que ela não soube identificar se era social ou esporte. O cabelo louro estava penteado e brilhando, e o perfume era um pouco doce demais para um homem. Mesmo assim ela o achou charmoso.

Jimmy era de longe o mais neutro e também o mais bonito. A camisa preta estava por baixo de uma jaqueta de mesma cor. A calça se afinilava um pouco nas pernas, mas não o suficiente para definir um estilo mais gótico. Os cabelos castanhos estavam revirados, rebeldes como

sempre. E nos pés usava um... tênis.

— Gostei do tênis. — Caroline disse, um sorriso suave nos lábios.

— Prefiro andar confortável. — Ele respondeu, dando de ombros.

— Eu também. — Ela mostrou a sandália com um salto baixo e fino.

— Isso não me parece nada confortável.

— Você não diria isso se visse os saltos que tenho no Brasil.

De repente Caroline se calou. Jamais falava de seu país de origem e isso a fez enregelar, como se estivesse cometendo um crime brutal. Respirando fundo, ela deu o braço para Chase e se preparou para deixar o apartamento, tentando esquecer que acabava de quebrar uma das mais importantes regras da nova vida: Jamais falar do Brasil, jamais falar do passado...

— Você está cheirando muito bem. — Jimmy sussurrou para ela enquanto a ultrapassava e ia abrir a

porta.

Quando passou por ele - parado, segurando a porta e com um olhar profundo - não desviou o olhar. Chase fingiu não perceber e Dony estava ocupado demais com algo no celular para notar, mas ela sentiu e podia apostar que ele também havia sentido. Como uma fagulha que tivesse pulado de um para o outro quando os olhos se encontraram.

Chegaram a World Boutique – a tal danceteria que tocava músicas latinas nos fins de semana – perto das dez e meia da noite. O local ficava numa parte industrial da cidade, escondido por vários galpões e prédios escurecidos por causa da hora. Caroline olhou os arredores e sentiu um arrepio na espinha, de um lado o Tâmis com sua água escura e fria, do outro, uma grande quantidade de prédios, galpões e contêineres.

Seguindo as instruções de Chase, Jimmy estacionou em uma ruazinha iluminada e abriu a porta do carro para que Caroline – que vinha no banco ao lado – descesse.

A garota saltou do carro e sentiu imediatamente a

corrente fria de ar. Se apressou em colocar o casaco e sorriu para os rapazes, que iam um de cada vez encontrando o frio da noite londrina. Havia vários carros elegantes por todos os lados e ela os ultrapassou sem dificuldade.

— Ouvi muito das baladas de Londres. — Caroline disse para ninguém em particular.

— Esta é vip. — Chase respondeu simplesmente como se aquilo respondesse qualquer pergunta ou dispensasse qualquer comentário.

Os quatro percorreram o resto da rua e deram com uma grande construção cinza. Chase os guiou para uma viela lateral que culminava em uma porta de ferro iluminada por uma lâmpada violeta. O silêncio era perturbador. O baterista tocou uma campainha à direita e esperou impaciente para ser atendido. Um homem beirando os trinta anos abriu uma janelinha de correr e espiou. Chase entregou ingressos e o outro imediatamente abriu a porta.

Os rapazes foram revistados por dois seguranças

enormes e com um detector de metal, receberam instruções sobre ser proibido portar qualquer tipo de arma no local e para que evitassem encrencas. Caroline que foi revistada muito de leve por uma mulher um pouco masculinizada, sentiu como se estivesse entrando em um palácio, cheio de seguranças e normas.

Foram guiados por um corredor na penumbra e todos – com exceção de Chase que já conhecia o lugar – ficaram impressionados. O salão era imenso, escurecido e com luzes piscantes por todos os lados. Mesas finas com banquetas se espalhavam pelas laterais e três bares agitados se dispunham em cantos opostos a fim de atender a todos os clientes. E o lugar estava abarrotado, com pessoas de todos os tipos, em roupas de todas as cores se espalhando, alguns empoleirados nas bancadas dos bares tentando fazer seus pedidos, outros circulando e muitos na pista de dança.

O aroma era fresco apesar da grande quantidade de pessoas e tinha um leve toque de lavanda e canela que agradou Caroline. Chase os guiou a uma área vip no andar

de cima, onde se acomodaram em uma mesa mais larga e baixa com um sofá em forma de L que tinha uma vista ampla da casa noturna.

Depois, o baterista pegou o casaco e a bolsa da brasileira e indicou a uma garçonete bonita que os atendeu prontamente para que os levasse ao guarda-volumes. A moça voltou instantes depois com um ticket que entregou a Caroline e algumas taças de uma bebida fluorescente.

A princípio Caroline hesitou, mas com a garantia de Chase de que a bebida era leve e saborosa, com pouco álcool, ela aceitou. O gosto era mesmo delicioso, uma mistura de frutas tropicais e gelo, com um toque bem sutil de vodca.

A música eletrônica deu lugar a uma batida mais misturada. O DJ que ficava numa cabine circular elevada a quase dois metros do chão, no centro da pista de dança sorriu e um tipo de salsa envolvente começou a tocar.

Vários casais correram para a pista e logo o eletrônico se misturou com a música latina e o som ficou incrível.

— Uma pena não tocar nada realmente brasileiro.

— Chase gritou quando a música ficou muito alta.

— Não tem problema, estou adorando. — Caroline sorriu.

— Então, o que você acha de ir dançar comigo? — Chase disse naturalmente, já puxando-a para fora do sofá.

Caroline sorriu, pediu que Jimmy cuidasse do ticket do guarda-volumes e seguiu o grandalhão pelas escadinhas, direto para o meio da pista. Não demorou para que os dois comesçassem a arriscar alguns passos.

Jimmy ergueu as sobrancelhas impressionado. Caroline estava deslumbrante no vestido preto e rodado. Tinha pernas torneadas e dançava com graça e sensualidade. Chase foi a grande surpresa, sempre tão calado e sério, agora se mexia com desenvoltura e mesmo Jimmy foi obrigado a se espantar com a facilidade com que o grandalhão se dobrava numa mistura de movimentos latinos e de rock. A dupla parecia sintonizada e divertindo-se muito.

— Eu nunca imaginei que o Chase pudesse dançar

daquele jeito. — Dony, que vinha bastante calado desde a casa de Jimmy, falou, parecendo ainda mais surpreso que o amigo.

— Nem eu.

Os dois haviam discutido na sala de estar de Jimmy, enquanto esperavam por Caroline. Dony estava furioso, achando que Jimmy propositalmente vinha se empenhando em atrapalhar sua conquista e Jimmy, que não sabia se estava realmente fazendo isso ou não, jurou veementemente que não. Chamou ainda o amigo guitarrista de idiota e imbecil por este não perceber que a garota não queria envolvimento com nenhum deles e que parecia triste, principalmente quando o assunto era amor. Ele vinha notando como ela ficava quando começavam a trabalhar nas letras sobre amor. Algo havia ferido o coração da garota e ele não podia, nem queria, machucá-la.

Jimmy nunca se considerara um romântico, embora os amigos da banda sempre garantissem que ele fosse. Tinha seus casos amorosos em sigilo e não gostava de

exposição. A fama era um preço que pagava com certo custo em nome de trabalhar com aquilo que amava. Pensando em Caroline, na tristeza que ela parecia carregar como fardo, teve certeza de que jamais faria qualquer coisa para magoá-la. Havia algo naquela garota misteriosa que o atraía, algo irresistível que fazia o coração do cantor saltar feito louco. Talvez ele fosse mesmo um romântico e estivesse inspirado pela aura misteriosa de Caroline, talvez não passasse de uma bobagem. Definitivamente ele não sabia.

Dony estava tão furioso e indignado com o amigo por acreditar que ele estava tentando frustrar seus planos em relação a Caroline que não tinha aberto a boca desde o apartamento. Mas agora, vendo a moça dançar, sob o piscar das luzes, já não tinha certeza se conseguiria continuar com o mau humor. Cada dia que passava se sentia mais arrebatado. Pensava nela mesmo nas horas mais inoportunas e inesperadas. Caroline era sempre simpática, mas apenas isso, nunca dava espaço para um convite para jantar, ou um encontro. Exceto com Chase que sem esforço havia conseguido trazê-la ali e ainda

estava embalando-a em passos de tirar o fôlego.

Chase. Quando não era Jimmy, era Chase. Será que os amigos nunca tinham visto uma garota bonita antes? Precisavam se interessar logo pela que ele queria?

— Você sabia que está no meio de uma disputa ferrenha? — Chase sussurrou no ouvido de Caroline quando a música ficou lenta e ele a colou ao seu corpo para seguirem juntos a melodia.

Era um homem muito alto e forte e precisava curvar-se para encontrar os ouvidos da violinista, e o fazia com destreza. Ela sentia-se pequena e protegida, as mãos mergulhadas nas dele e a cabeça no peitoral.

— Por que você acha isso? — Caroline não conseguiu disfarçar a curiosidade.

Chase sorriu, ecoando a voz grave nos ouvidos da moça. Ela arrepiou-se com a sensação máscula que vinha dele.

— Porque conheço aqueles dois. Dony está furioso porque acha que Jimmy está fazendo de tudo para

atrapalhá-lo.

— Não acredito. — Ela riu. — Não vejo porquê...

— Ah! Você sabe porquê. Você é uma mulher muito interessante. Aqueles dois estão acostumados com garotas perseguindo eles e não com garotas fugindo. Principalmente uma garota bonita que gosta de música tanto quanto eles.

— Em pouco tempo vão desanimar e achar outra por quem disputar.

— Não tenho dúvida quanto a Dony. — Chase sorriu. — Mas Jimmy, não posso garantir, ele é... diferente.

— Eu sei. Vive pela música.

— Realmente. — Chase a girou, acentuando os movimentos *calhentes* da música com um gingado inesperado.

— Mas você... — Ela arriscou, ponderando se deveria falar sobre suas suspeitas. — Você não se deixou abalar pelo meu charme. — Riu, tentando manter o clima

relaxado.

— Você é muito bonita Caroline, só não é meu tipo.

— Ele respondeu, um pouco soturno.

— Eu sei. — Ela completou, ponderando se não teria ido longe demais na conversa.

Chase virou imediatamente o rosto para Caroline, que forçou os lábios num sorriso delicado e compreensivo.

— Gosto de você Chase McClish. — Ela disse, voltando a colar o corpo no grandalhão. — E fico feliz que não se abale por minha causa.

Chase não disse nada, mantendo os braços fortes no entorno da moça. Ela havia percebido, de alguma forma tinha notado, descoberto seu segredo.

Não que ela fosse do tipo que acreditava que todos os homens deveriam cair aos seus pés, nem de longe parecia ser esse tipo de garota deslumbrada. Pelo contrário, agia como se não quisesse ser notada, como se a beleza extraordinária que tinha não importasse ou não

existisse.

— Eu... eu... — Ele não soube o que dizer.

— Não se preocupe, não vou dizer nada. — Ela falou, passando a mão pelos ombros dele e deixando que a baixasse com delicadeza como nas cenas dos filmes antigos em que os mocinhos tiravam suas favoritas para dançar e as tomavam em um beijo. Só que não houve beijo, é claro. Apenas o início de uma amizade profunda e honesta.

— Obrigada.

Dançaram a música seguinte com animação renovada, deixando de lado a conversa sutil sobre a sexualidade de Chase. Não, ela não ligava que ele fosse gay. Vinha desconfiando desde que o conhecera por causa da forma como ele agia, sempre com movimentos estudados, firmes e sérios, como se não relaxasse, como se escondesse algo. Ela tinha muitos amigos na sua vida antiga, sempre tinha sido perceptiva em relação às pessoas e a caráter. Não foi difícil juntar uma coisa com a outra e imaginar porque ele era sempre tão duro. Uma

pena não se assumir, não se permitir viver e ser aquilo que era.

Outra coisa que havia percebido é que ou os amigos da banda não tinham notado, ou fingiam que não. Portanto, ela também não tocaria no assunto. Desde cedo aprendera a respeitar as diferenças das pessoas e admirava Chase. Era mesmo um cara forte.

Caroline conhecia os integrantes da banda *Left Turn* há pouco mais de dez dias e já estava completamente envolvida por eles. Gostava de Chase de um jeito fraternal, Dony a irritava, mas ainda assim era divertido estar a seu lado e Jimmy... Jimmy era um mistério. Não tinha certeza de como se sentia em relação a ele. Ouvir de Chase que o cantor estava tentando frustrar os planos de Dony a deixaram com o coração agitado. *Ele é diferente*. Haviam sido as palavras do amigo grandão. *Diferente*. Mesmo assim ela não podia, não queria se deixar envolver, não depois de todo mal que fizera, depois de tantas dores e mágoas que provocara.

Dony apareceu ao lado da dupla de dançarinos e

sorriu, esticando as mãos calejadas da guitarra para Caroline.

— Você parece um cachorro grudado a um osso. —
Dony disse para Chase que bufou. — E aí, posso me candidatar a uma dança?

Caroline deixou que ele a puxasse. A música era ritmada de um jeito mais tranquilo, exigindo passos mais próximos e sensuais, mas não tanto que precisassem colar os corpos. Ela sentiu-se aliviada com o espaço que ele impôs entre os dois e aos poucos foi se soltando.

— Nunca me imaginei como um osso. — Caroline sorriu, deixando Dony totalmente vermelho.

— Desculpe pela comparação.

Ela deu de ombros.

— Você está linda. — Ele falou depois de girá-la e trazê-la para mais perto.

— Você também está muito bonito, Dony.

O guitarrista alargou o sorriso.

— Você acha que poderíamos ir para um local mais

tranquilo? Queria conversar um pouco com você.

Caroline empalideceu. Não fossem pelas luzes piscantes teria ficado claro o choque que tivera com o que Dony estava propondo. Poxa, ele não perdia tempo mesmo.

— Quem sabe mais tarde. Gostaria de dançar mais um pouco. — Ela se forçou a dizer. Poderia ter dado uma negativa imediata, mas não queria estragar a noite nem para ela nem para Dony, que parecia infantil numa expectativa quase palpável quanto ao que pudesse acontecer entre os dois.

Caroline se deixou girar e rodopiar mais algumas vezes, correndo os olhos pela pista de dança e pelo andar de cima da casa noturna. Queria encontrar Chase, suplicar que fosse salvá-la, mas não o via em canto nenhum, ele simplesmente tinha desaparecido. Nem mesmo Jimmy estava lá. Tampouco o vira na pista de dança. Na certa tinha encontrado uma garota com quem se divertir e estava ocupado demais para incursionar em um resgate emergencial. Ela mesma teria de se virar com Dony.

À medida que o guitarrista se soltava na dança, lançando os braços fortes e desajeitados sobre ela, puxando-a para cá e para lá, o estômago de Caroline parecia querer dar voltas. Se ele não arrumasse outro alvo para seu interesse ela não teria outra opção que não lhe dizer que definitivamente não tinha o menor interesse nele.

Não queria magoá-lo, na verdade não pensava em magoar mais ninguém no mundo, pois ainda se ressentia das tristezas causadas por ela mesma no passado, mas não podia deixar que ele se aproveitasse disso. Mesmo que fosse bonito, famoso e rico.

Dony ficou surpreso com a resposta de Caroline. A princípio tinha imaginado que ela fosse dispensá-lo de imediato, dizendo que estava interessada em Chase, ou em Jimmy ou em nenhum dos três, mas ela apenas dissera que ainda queria dançar mais, deixando para mais tarde uma possível escapada para algum lugar tranquilo em que ele pudesse finalmente investir, com unhas e dentes, em um romance entre os dois.

Ela tinha muita energia para a dança, movia-se com

graça e sensualidade, deixando que ele a conduzisse com rodopios e giros. Dony sabia que não era um dançarino exímio, não tanto quanto Chase havia se mostrado, mas estava gostando de sua atuação e a expectativa de terminar a noite com Caroline em seus braços o enchia de animação.

Uma garçonete cortou a pista de dança na metade da terceira música, trazia um papelzinho nos dedos e uma bandeja na outra mão, empinando distraidamente dois copos. Esperou ser notada por Dony e sorriu, entregando-lhe o recado. Dony olhou o que estava escrito e pareceu confuso.

— Tudo bem? — Caroline questionou, preocupada e aliviada.

— Acho que alguém ligou pra mim, na recepção. — Ele ainda parecia perplexo.

— Acho melhor você ir ver, pode ser importante.

— Mas ninguém sabe que estou aqui. E se fosse importante poderiam ter me ligado no celular. — Ele não desgrudou as mãos das dela.

— Por isso mesmo. Podem não ter conseguido contato com você no celular... é melhor você checar. — Ela sorriu complacente, imaginando que aquela tinha sido uma façanha do destino a seu favor, um sinal de que não podia deixar que ninguém rompesse a barreira que vinha construindo nos últimos anos.

— Tudo bem. — ele disse, se afastando dela com um olhar tenso. — Não demoro.

Caroline o viu subir as escadas seguindo a garçonete para o andar de cima, os ombros iam tensos e ele não olhou para trás. Foi então que a violinista sentiu mãos tocarem a parte de trás de seu braço. Virou-se para dar de cara com Jimmy, um semblante sério e um olhar profundo. Ele segurava o casaco e a bolsa dela.

— Se você se apressar, podemos dar o fora daqui. A não ser que queira ficar esperando até que Dony descubra que não havia ligação nenhuma.

Caroline sorriu, pegou o casaco e a bolsa das mãos dele e começou a andar, murmurando:

— Meu herói.

Jimmy postou uma das mãos distraidamente sobre a lombar de Caroline, guiando-a pela multidão de dançarinos animados em direção a saída. Ela sentiu o toque e arrepiou-se. Era interessante e instintivo como ele agia e como ela parecia perfeitamente adequada aos passos dele. Como se ambos tivessem ensaiado aquela fuga, o ritmo e mesmo a respiração.

— Você me deve uma dança. — Ele falou, quando mergulharam no frio gelado da noite.

— Obrigada. — Ela murmurou. — Achei que Dony ia me arrastar para algum lugar e... — Fez um gesto com a mão na direção do pescoço e colocou a língua para fora, dando a impressão de que Dony pudesse atentar contra sua vida.

Jimmy gargalhou.

— Imaginei. Vi a forma como você estava olhando para todos os lados, parecia prestes a gritar por socorro.

Ele é diferente. As palavras ecoavam na mente da violinista e ali estava mais uma prova. Enquanto ela corria os arredores da casa noturna procurando por

socorro e não encontrava, ele armava um plano para tirá-la dos braços do amigo sem, com isso, arrumar estardalhaço. Uma onda de alívio percorreu o corpo de Caroline ao mesmo tempo em que sentiu algo mais revirando no estômago. Será que se fosse Jimmy a chamá-la para um local mais tranquilo ela também teria tentado escapar?

— Vou ligar para o Chase. — Ele disse, meio sombrio de repente. — Se você quiser ele pode levá-la a algum lugar. Acho que...

— Não estou interessada em Chase. — Ela falou impulsivamente, como tudo que vinha dizendo ultimamente. Sem pensar. Como o estrago já tinha sido feito, continuou: — Você pode voltar pra lá, eu arrumo um taxi, também já sei aonde você esconde a chave reserva.

As palavras de Caroline pegaram Jimmy desprevenido. Até aquele momento não tinha pensado muito em como se sentia sobre ela. Dony insistia que ele estava tentando atrapalhá-lo, como se tudo o que fizesse fosse em prol de atrair a atenção da moça. Agora ele não

tinha mais tanta certeza de que amigo estava errado. Tinha pensado muito nela nos últimos dias, do momento em que acordava até o momento em que deitava a cabeça no travesseiro, agitado demais para dormir de imediato.

Vinha sempre remoendo os motivos pelos quais ela podia ser tão acuada, sempre imaginando que um grande amor deveria ter causado aquela tristeza. Mas jamais se via como algo mais do que um amigo, um porto seguro, um...

— Você está com sono, Caroline? Tem um lugar que acho que você gostaria de ver.

Jimmy dirigiu em silêncio. Caroline olhava pelo vidro levemente embaçado por causa do frio da noite londrina. Já deveria ser perto da uma quando os dois chegaram. Ele estacionou o carro em uma rua mais afastada e a puxou pela mão com um meio sorriso. Os dois caminharam sem deparar com ninguém. Quando ele estacou, Caroline ergueu os olhos e suspirou.

Trafalgar Square.

— Nossa, é lindo.

A praça estava banhada por um brilho levemente dourado, possibilitado pela iluminação amarela que refletia-se na água da fonte. A imagem da fonte, com as duas estátuas do tritão com seus golfinhos era simplesmente linda e Caroline se pegou pensando que não podia gostar mais daquele lugar do que a noite, com a água num misto de negro e dourado, embelezando a torre de Nelson e os leões guardiões, mais à frente.

— É o coração de Londres. — Jimmy falou baixo, a voz grave.

— É. — Ela limitou-se a dizer, os olhos captando tudo ao seu alcance.

— Você tem sorte, conseguiu tocar aos pés de Nelson. — Ele a olhou de esguelha, percebendo a surpresa. — Os guardas impedem que as pessoas cruzem a grade. Geralmente fingem não ver os turistas que gostam de tirar fotos, mas alguém com um violino e uma caixa acústica com toda certeza chamaria atenção deles.

Jimmy apoiou-se na grade fina que circundava toda a extensão da torre, afastando Nelson e os leões do mundo

que os vinha visitar.

Caroline abriu um sorriso astuto.

— Tive que sair correndo algumas vezes. — Ela confidenciou. — Mas acho que acabaram desistindo depois de alguns dias. De certo que não me viram como um grande perigo.

Os dois olharam para os leões por mais algum tempo e sem precisar dizer mais nada começaram a percorrer o caminho de volta. A garota deu uma última olhada para as estátuas e suspirou.

— Se você me permitir, gostaria de levá-la a conhecer mais alguns pontos turísticos. É que como você é nova na cidade não vai saber a hora certa de estar em cada um.

— Ah! E tem hora certa?

— Mas é claro, você precisa ver o Tâmis no fim de tarde, o relógio...

Os dois seguiram até o carro, passando pelos prédios antigos que rodeavam a praça. Tudo tão lindo

quanto ela poderia sonhar em sua vida antiga, quando jamais se imaginava largando tudo e todos por Londres.

Jimmy abriu a porta do carro para Caroline, mas antes que ela pudesse se virar para entrar ele tomou uma de suas mãos entre as suas e soltou um longo suspiro.

— Eu sei que alguma coisa aconteceu com você. — Disse, os olhos azuis profundos partindo dos dedos finos da violinista até encontrar os verdes intensos dela. Ela o fitou em silêncio.

— Não precisa falar. — Ele continuou. — Mas eu sei que você está sofrendo.

Tomada pela surpresa Caroline viu-se completamente desarmada. Não soube o que dizer, mas manteve os olhos focados nele.

Os olhos azuis noturnos de Jimmy pareciam querer dizer muito mais, mas não o fizeram e quando ambos perceberam, as mãos de Jimmy percorriam o rosto fino de Caroline, traçando a linha do queixo e afundando na nuca. Com delicadeza ele a ergueu, colando o corpo da moça ao dele e selando os lábios. O beijo foi suave de início e por

mais que a mente de Caroline gritasse para ela se afastar, tudo que ela conseguiu fazer foi lançar os braços para ele, cravando os dedos nos cabelos rebeldes e tornando o beijo doce e carinhoso em algo abrasador.

A mente de Caroline desligou e ela entregou-se ao fogo que percorria todo seu corpo. Puxou-o para mais perto, devorando-o com ardor. Jimmy movia os lábios com paixão, como se tivesse sede dos lábios dela. Os dois beijaram-se daquela forma por um longo tempo.

Quando ela conseguiu afastar-se dele, estava ofegante e trêmula, num misto de ardor, medo e paixão.

Nenhum dos dois disse nada. Caroline mergulhou no carro e colocou o cinto de segurança. Jimmy afundou no próprio banco e deitou a cabeça para trás. Ela não conseguiu identificar se o gesto era de satisfação ou não, por isso ficou em silêncio, acalmando as batidas agitadas do próprio coração.

Quando tornou a abrir os olhos, Jimmy tinha uma expressão forte, os olhos cravaram-se nela e ela sentiu o desejo percorrendo-o. Novamente o estômago chiou e ela

engoliu em seco a pouca saliva que se formou.

— Acho que Dony estava certo. — Jimmy sussurrou, a voz rouca e suave enquanto dava a partida.

Dez

Caroline entrou no elevador e suspirou. Não sabia como agir com Jimmy agora que praticamente o tinha atacado no principal marco turístico de Londres. Ele vinha calado, calmo e sereno, enquanto ela sentia que estava prestes a gritar e sair correndo.

Um nó havia se formado em sua garganta e ela não sabia mais como desfazê-lo. Então estava interessada em Jimmy, não podia mais negar nem para ela mesma, mas e o que faria a esse respeito? Já sabia que sentia uma atração forte pelo rapaz, pela forma como ele a olhava e pela sensação de ouvir a voz dele, como se esta percorresse todo seu corpo em ondas, arrepiando cada pedacinho de pele. Mas não tinha imaginado que fosse chegar aquele ponto.

Há quase dois anos ninguém a tocava, a beijava ou a fazia sentir-se assim, tensa, nervosa, desejada. Tinha medo de estar se deixando levar, Jimmy era cordial e apaixonante e era difícil não sucumbir a beleza dele. Vê-lo falando e fazendo música era delicioso e saber que ele podia estar disputando-a com o amigo a tinha feito consciente de ainda estar viva e de ainda ser capaz de sentir aquele tipo de coisa, aquele tipo de necessidade e desejo.

Jimmy abriu a porta do apartamento. O coração dele espancava o peito. Os dois tinham se beijado de forma enlouquecedora, mas desde que se separaram e entraram no carro, Caroline se fechara em copas, assumindo uma expressão tensa que o deixou incomodado por todo o percurso. Será que podia tocá-la novamente? Será que ela se afastaria dele como fazia com tudo que dizia respeito ao passado?

Bom, ele tinha que tentar...

Caroline deu apenas dois passos para dentro do apartamento e se viu envolvida novamente pelos braços

fortes de Jimmy. Não imaginara os músculos que agora a rodeavam. Eles se sobressaíam aconchegando-a de um jeito intenso. Ela levantou o rosto e encontrou os olhos profundos dele, totalmente tomados pelo desejo. Sem mais conseguir pensar deixou que o muro que havia criado ao seu redor ruísse de vez e se entregou completamente aquele beijo.

O beijo foi tão intenso e quente quanto os que tinham dado na praça. Como se um furacão os houvesse engolido e os dois lutassem pela sobrevivência, ou melhor, lutassem para devorar um ao outro.

Quando Dony deu-se conta de que a ligação não passava de um trote ficou furioso. Imediatamente as bochechas ganharam o tom rosado e o calor do sentimento. Pediu desculpas a recepcionista que não tinha compreendido exatamente nada do que estava acontecendo e voltou para a pista de dança. Não encontrou Caroline em parte alguma e teve certeza, ao constatar que Jimmy também tinha sumido, de que o recado sobre a tal ligação

emergencial e tudo o mais não passava de um trote do cantor. Tinha perdido sua melhor chance com Caroline por ter caído na armadilha de Jimmy. E agora, nenhum dos dois estava em canto algum.

Droga! Resmungou enquanto rumava para fora da casa noturna. Antes de sair para o corredor escuro que o levaria para a rua deu mais uma olhada pela pista e não os viu. Chase também não estava mais lá, mas isso era comum acontecer. Sempre que iam a alguma festa o baterista desaparecia. Provavelmente gostava de manter suas conquistas em segredo, pensava Dony enquanto a segurança da casa noturna World Boutique abria a porta e permitia sua passagem. E no final das contas não era com Chase que ele estava mais preocupado. Se Jimmy tinha convencido Caroline a sair de lá, com toda certeza estava investindo também. Queria acreditar que o amigo dissesse a verdade quando tinha jurado não estar fazendo nada para atrapalhá-lo, queria mesmo que o caminho estivesse livre para que só ele pudesse conquistá-la. Se assim o fosse não tinha qualquer dúvida de que em algum momento a teria ganhado. O corpo inteiro estremecia só de pensar na

noite que ela poderia lhe proporcionar.

E ainda mais essa, estava sem carro. Por não querer deixar Caroline sozinha com os amigos ele havia insistido que apenas um deles dirigisse. Depois da discussão com Jimmy acabara não querendo criar mais caso e deixou que o amigo os levasse. Só agora percebia a tremenda burrada que tinha feito.

Pegou o celular e ligou para Jimmy, mas o telefone chamou insistentemente e não foi atendido. Consternado começou a discar para uma empresa de taxi. Duas garotas bonitas saiam da boate naquele instante. Uma loura e uma ruiva, ambas altas e com corpos muito bem marcados pelas saias, corseletes e botas. Pareciam gêmeas, não fosse a cor dos cabelos.

A ruiva lançou um olhar para Dony e sorriu, como se o reconhecesse de algum lugar, cochichou para a loura que imediatamente se virou para ele e arqueou as sobrancelhas.

— Ei. — a ruiva disse. — está perdido, gato?

— Esperando o taxi. — Ele resmungou, enquanto

ainda esperava que alguém do outro lado da linha o atendesse.

— Nós estamos de carro. — A loira disse, puxando a outra para perto do guitarrista. — Você não é aquele cara da *Left Turn*?

Dony fez que sim, um sim meio tímido e sorriu. Imediatamente as garotas ladearam o astro.

— A noite mal começou... — A ruiva anunciou, passando o braço pelo de Dony. — Que tal uma carona, gato?

— Espera. — Disse Jimmy, afastando-se dos beijos sedentos de Caroline. Tinha medo que ela desistisse, lembrasse do que quer que fosse que tanto a machucava e simplesmente assumisse aquela postura reticente de sempre e fugisse, mas precisava trancar o apartamento.

Passou a chave na porta e voltou para abraçá-la,

tomando-a nos braços e novamente grudando sua boca a dela.

— Você precisa pegar a chave reserva. — Caroline sussurrou.

— Você tem razão. — Ele disse, tornando a se afastar dela, abriu com pressa a porta e foi fuçar no vaso de plantas que ficava do lado de fora do apartamento. — Preciso arrumar um lugar mais secreto. — murmurou, enquanto fechava novamente a porta e jogava as duas chaves na bancada de mármore negro.

Caroline estava simplesmente linda. Sem o casaco e com os cabelos bagunçados, o vestido levemente rodado e o decote perfeito expondo só o suficiente para deixá-lo doido. A pele dourada dos trópicos, os lábios carnudos pelo beijo, os olhos desejosos... tudo acentuava o que ele sentia. Tudo o fazia querer mais dela. E ela parecia nutrir o mesmo sentimento. Ao tirar a camiseta e a jaqueta dele, Caroline passou a olhá-lo, avaliando o peitoral de Jimmy e sorrindo quando seus olhos se encontravam.

O cantor sabia que jamais seria uma escultura de

músculos como Chase ou meramente *bombado* como Dony - sempre dizia a si mesmo que procuraria uma academia, que se esforçaria mais pela estética, só que nunca o fazia. Mas nada daquilo importava não é mesmo? Não era ele quem tinha levado a garota para casa e estava arrancando beijos incendiados dela?

Não perdeu mais tempo, deixando de lado qualquer resquício do incomodo quanto ao próprio corpo se lançou para ela novamente e foi recebido com calor e paixão. Passou os braços no entorno dela e a puxou para si. Afundou o nariz nos cabelos perfumados e deixou que os dedos percorressem as costas alongadas até quase a curva dos quadris. Ela suspirou.

Caroline sentia-se tonta, estava completamente entorpecida pelos beijos e pela ânsia de ser tocada por Jimmy que mal considerava o que estava prestes a acontecer. Não queria pensar, não queria mais remoer, só queria estar ali e viver aquele momento, aquelas sensações deliciosas que a invadiam.

Todas promessas de não se envolver novamente

com outra pessoa a quem poderia machucar e todas aquelas noites de lágrimas incontáveis sobre o travesseiro precisavam achar outro canto em sua mente para se acomodar, pois agora só pensava em como o desejava, em como queria que ele a beijasse, acariciasse...

Ela queria fazer amor, queria deixar o fogo consumi-la e saborear cada minuto daquilo.

Jimmy era ainda um mistério. Tão meigo e tão ardente. Uma mistura que a deixava ainda mais perdida. Vendo-o sem camisa percebeu o quanto era bonito, o abdome não chegava a ser liso, com pequenas saliências de músculos naturalmente formados que se arrepiavam quando ela tocava. Desceu os dedos até a marcação perfeita da bacia e suspirou, sentindo que ele arfava com o toque. Era um homem extremamente sexy.

Com os lábios, Caroline percorreu o pescoço e a clavícula de Jimmy que gemeu baixinho com a sensação. Ela sorriu consigo mesma, tinha esquecido – em algum momento dos últimos dois anos de pura solidão – como era desejar e provocar aquele tipo de reação em alguém.

Jimmy puxou-a pelos braços e beijou-a novamente. Com avidez e paixão os dois cambalearam para o quarto do roqueiro.

Caroline sentiu o calor do toque do cantor sobre sua pele, resfolegou e puxou o ar com força para os pulmões. Ele continuava acariciando sua nuca e beijando-a ardentemente. De tempos em tempos ele ousava e as mãos vagavam da nuca de Caroline para as costas, a cintura e depois para as nádegas.

Agora, nenhum dos dois conseguia esperar mais. Caroline passou os dedos finos sobre a fivela do cinto dele e abriu, em seguida repetiu o gesto com o botão da calça, vendo o peito dele subir e descer ofegante.

Jimmy virou-a com delicadeza, cravando os lábios no pescoço dela enquanto soltava o pequeno ganchinho na parte de cima do vestido. A roupa dela abriu-se um pouco e cedeu, caindo com leveza pelo corpo e indo parar nos pés.

Jimmy a olhou com espanto. Era simplesmente linda, exuberante e perfeita, ainda mais do que ele tinha

imaginado. Passou os dedos pelo queixo dela, depois as deixou cair para o pescoço e seguiu até que estivessem perfeitamente moldadas ao busto da moça. Não eram nem grandes nem pequenos e ele sentiu as entranhas queimarem ao dar-se conta de que cabiam perfeitamente em sua mão.

Caroline suspirou e gemeu, deixando que ele tirasse sua roupa íntima e percorresse a pele desnuda e quente. Os dois beijaram-se novamente, mas então ela lembrou.

— Não posso. — Murmurou, afastando os braços dele que a envolviam em um abraço de peles nuas.

— O que foi? Está muito rápido?

— É nosso primeiro encontro. Não posso.

Ela ruborizou e Jimmy sorriu.

— Acho... — Começou, envolvendo os dedos dela nos seus e beijando os nós. — Que podemos considerar que nosso primeiro encontro foi no parque, nosso segundo encontro... — Ele beijava os dedos e a face da mão dela. — Foi quando jantamos aqui em casa, depois teve o

parque de novo e todos os outros dias...

— Sanduiche não pode ser considerado um jantar, você sabe.

— Tivemos um almoço também, lembra?

Os olhos de Jimmy afastaram-se das mãos dela e sem mais conseguir resistir ela se jogou em seus braços. Quando ele a virou de costas e começou a beijar os ombros finos e delicados deparou-se com uma cicatriz. Passou os dedos suavemente sobre a marca, seguindo-a da nuca e findando-se uns cinco centímetros depois, na direção do ombro esquerdo. Caroline suspirou de uma forma que o fez compreender que aquela marca fazia parte do doloroso segredo que ela mantinha e que a fazia afastar-se das pessoas e do mundo. Virou-a novamente e a beijou com carinho.

Fizeram amor no chão com ânsia, pressa e desejo. Depois, deitaram ainda entrelaçados na cama confortável. Fizeram amor outras vezes no meio da noite, até que cansados demais sequer para vestir as roupas, dormiram. Ela, com a cabeça no peito dele e ele com o nariz nos

cabelos rebeldes dela.

Onze

Chase estava deitado com a cabeleira esparramada no travesseiro. A figura a seu lado dormia com tranquilidade, respirando vagarosamente enquanto o baterista observava, pensativo. Já tinha perdido as contas de quantas vezes Michael dormira em seu apartamento e ele podia jurar que o relacionamento estava começando a mudar.

Talvez devesse se afastar, culpando os compromissos com shows como sempre fazia quando algum de seus romances se tornava mais sério e a pessoa começava a nutrir alguma expectativa. O problema é que agora não sentia vontade de fazer isso, pelo contrário queria se deixar conduzir por um caminho desconhecido, cheio das emoções que ele tanto afastara por anos e anos. Queria poder dormir ao lado de alguém sem a sensação de

culpa, sem a vergonha de ser diferente e sem medo de ser descoberto.

Ser gay não deveria ser um problema nos tempos atuais, mas Chase não conseguia deixar de remoer quantas complicações aquilo podia causar em sua carreira. Gostava de música, gostava de ser baterista de uma banda famosa, amava os amigos apesar de não suportá-los em alguns momentos e agora, gostava da nova integrante da banda, mesmo que fosse uma adição temporária. Não queria perder o que havia conquistado com tanto esforço. Não queria abrir mão daquilo e ainda havia o pai. E esta era a maior e mais difícil complicação com a qual precisaria lidar, se quisesse assumir uma postura diferente.

O pai, tão correto, tão tradicional e severo jamais o aceitaria, gritaria bem alto sobre a vergonha de ter um filho afeminado e o rejeitaria para sempre. Seria doloroso além do que ele podia suportar, mesmo que houvesse a mãe. Ela, por outro lado o encheria de beijos e abraços. A mãe seria capaz de entender, sempre entendia tudo que

dizia respeito a ele, e sempre o amava, mesmo quando ele mesmo não parecia o fazer. Contar a ela no entanto, significava efetivar aquilo que por muito tempo tinha acreditado ser passageiro, ser apenas uma bobagem adolescente sem peso no futuro. Mas não era, não podia ser passageiro, se o fosse é claro que já teria passado. Chase era homossexual, não mais podia enganar a si mesmo fingindo que aqueles relacionamentos não passavam de uma brincadeira que acabariam quando surgisse a garota certa – uma garota que nunca surgia pois ele jamais se interessa por nenhuma. Chase não tinha mais paz, não conseguia mais agir como se aqueles sentimentos não existissem, principalmente quando tudo o que mais desejava era ser ele mesmo.

Quanto tempo mais conseguiria esconder dos amigos? Quanto tempo mais conseguiria viver com casos furtivos e paixões rápidas? Será que algum dia poderia deixar que alguém o visse como realmente era? Será que poderia se dar ao luxo de amar alguém e de ser amado?

Com a mente em turbilhão, o baterista passou a mão

sobre o contorno musculoso de Michael. O rapaz sorriu ainda dormindo, jogou um dos braços sobre ele que fechou os olhos e deixou o sono envolvê-lo. Cansado de se atormentar.

Caroline abriu os olhos e encontrou o quarto totalmente escuro. Não sabia ao certo que horas eram, mas sentia-se tão cansada que cogitou virar para o lado e voltar a dormir. A memória da noite anterior surgiu com um rompante, fazendo-a respirar fundo e com dificuldade. Ela estava na cama de Jimmy, enrolada no lençol macio dele e sentindo o cheiro amadeirado no travesseiro. Tinha feito amor com um homem maravilhoso, preocupado com o seu prazer e incansável. Tinha sido incrível. Mas agora Jimmy não estava mais ali e ela sentiu uma pontada no peito. Será que ele tinha ido dormir no sofá?

Enrolada no lençol, Caroline levantou e foi para a sala. Encontrou Jimmy na cozinha, só de cueca e preparando café. Quando a viu, ele sorriu, largando os pãezinhos que colocava na bandeja e indo beijá-la com

ternura.

Caroline passou a mão pelos cabelos e ficou envergonhada, não apenas por estar uma bagunça, mas por ter se sentido usada, achando que ele tinha deixado ela na cama e ido dormir em outro local para que a moça não criasse qualquer tipo de expectativa.

— Queria fazer uma coisa boba. — Jimmy disse, o rosto animado. — Mas você acaba de me impedir.

— Café na cama, é? — Ela sorriu, sentando-se na banqueta e atacando um pãozinho. — Estou faminta.

Jimmy ficou contente com a reação da garota, virou-se para pegar café anunciando que ele mesmo tinha feito.

Caroline soltou um grunhido de espanto quando viu as costas dele, arranhadas de cima a baixo.

— Minha nossa, você foi atacado por uma fera selvagem. — Ela disse.

Jimmy tentou ver as costas mas não conseguiu, dando de ombros serviu as xícaras e passou a comer animadamente.

— Não senti nada. Bom, nada nas minhas costas pelo menos. — Ele riu, mordendo o pão como se fosse a última refeição de sua vida.

— Me desculpe, não percebi que estava...

— Bom, agora você me deve uma dança e uma noite sem arranhões. — ele concluiu sério.

Ela não respondeu, ruborizada.

— Ou com arranhões, não me importo com eles pra dizer a verdade e pode ser uma manhã ou uma tarde se você preferir. — Provocou-a.

— Você não vai querer correr o risco de ser atacado novamente, ou será que vai?

— E você ainda tem alguma dúvida? — Ele inquiriu, os olhos ardentes descendo pelo lençol amarrotado com o qual ela se cobria.

— Meu Deus, você parece um tarado me olhando assim. — ela riu. — Veja se minhas costas também não estão marcadas.

Caroline falou, levantando-se e deixando o lençol

cair. Rapidamente Jimmy percorreu a distância entre os dois e a abraçou pelas costas, cravando as mãos nos seios dela e beijando-a na nuca.

— Nenhunzinho sequer. — ele murmurou. — Mas podemos resolver isso agora mesmo.

Tomando-a nos braços, ele a carregou para a sala, depositou-a no tapete e afundou o corpo ao dela, fazendo-a estremecer de prazer. Com beijos longos e deliciosos ele percorreu cada pedaço de pele que encontrou acariciando e beijando, estremecendo quando ela o tocava e puxava para mais perto, sedenta novamente. Tão logo estavam banhados de suor, gemendo e arfando de prazer e paixão.

Ficaram ali por mais algum tempo, até que Caroline sentiu o estômago chiar e se viu obrigada a ir comer.

— Meu estômago está furioso. — Ela disse, levantando-se e apanhando o lençol pelo caminho. — Vou tomar um banho.

Quando voltou, Jimmy, que já vestia uma bermuda e camiseta leve, abriu um sorriso triunfante. Caroline estava

linda, apesar de vestida com uma camiseta larga e macia. Com um olhar de provocação ele seguiu os contornos das pernas dela e parou, os olhos fixos na região mais íntima, escondida pelo tecido branco da roupa.

— Nem pense nisso. — ela anunciou, o dedo enriste. — Preciso comer.

— Tudo bem, mas depois nada vai me impedir de descobrir o que você está escondendo aí embaixo.

Os dois sorriram com naturalidade. Devoraram o restante dos pães e frutas que dispunham na bancada negra trocando olhares provocantes e risinhos infantis.

— Acho que nós podíamos desaparecer hoje... e amanhã e depois também. — Jimmy anunciou enquanto retirava as xícaras da mesa. — Meu pai tem um chalé pequeno em Yorkshire. Podíamos escapar pra lá por alguns dias.

— Você costuma raptar muitas garotas? — Caroline disse, totalmente séria.

— Não. — Ele respondeu espantado. — Claro que

não, mas é que pensei que...

A garota abriu um sorriso imenso e ele compreendeu que ela o estava provocando. Ficou corado e sorriu em resposta.

— Engraçadinha. Então, o que acha?

— Claro. Seria bom dar um tempo e ainda não conheço Yorkshire.

— Você vai adorar, existe vários locais onde podemos caminhar e tem...

Uma pancada forte na porta o sobressaltou. Caroline empalideceu e Jimmy ficou tenso.

— Vou me trocar.

Caroline saiu da sala, Jimmy foi até a porta. *Maldito porteiro*. Pensou, enquanto destrancava a porta e já sabendo que só podia ser um dos rapazes da banda.

— Por que você não atende o maldito celular? — Dony cobrou ao entrar no apartamento.

Jimmy bufou, consternado.

— Muito engraçado o que você fez ontem?

— Não estou entendendo. — Jimmy tentou soar natural.

— Me mandar um recadinho, sumir com a garota e não atender a porcaria do celular. Eu podia ter sido assaltado, sabia?

— Coitado. — Jimmy soou irônico. — Aposto que arrumou uma carona, não foi?

— Arrumei. Com duas gatas que você precisava ver... uma ruiva e uma loira que me deixaram mor...

Dony parou de falar ao notar o olhar irritado de Jimmy. Andou pela sala e sentou-se em uma das banquetas diante da bancada.

— E onde ela está?

— Por que você quer saber? — Jimmy crispou furioso.

— E por que você está tão irritado?

— Tenho mais o que fazer, Dony. Se puder ir arrumar alguma coisa pra fazer e me deixar em paz...

— Tudo bem, vou esperar pela Caroline aqui.

— Não, não vai. — Jimmy bufou.

— Por que não?

— Você acha certo o que está fazendo, Dony?

— Agora quem não está entendendo sou eu.

— Você fica com duas mulheres numa noite e vem correr atrás dela na manhã seguinte? Ou vai dizer que não ficou com a tal ruiva e a loira? Quando foi que você se tornou esse... esse... — Grunhindo, Jimmy se afastou do amigo.

— Você nunca se incomodou com isso antes. — Dony deu de ombros.

— Mas a Caroline é diferente, ela é legal, você não vai tratá-la como uma qualquer. — Jimmy berrava, rosto vermelho e o coração explodindo.

— E o que você tem com isso? Que direito você tem de dizer como eu devo tratar a Caroline?

— Todo o direito.

Dony arqueou as sobrancelhas.

— Você está caído por ela, não está?

Doze

Igor sentiu o estômago dar um nó. Há oito meses estava praticamente namorando Ana. Nunca haviam parado para discutir o relacionamento, além do mais, a garota parecia ignorar as convenções e agia como se Igor fosse dela e de mais ninguém. Ele até que gostava daquilo.

Na verdade gostava de tudo nela, do jeito como o olhava no meio da noite, tomada por um desejo incrível; da forma como sempre esperava que ele entrasse no banho para depois entrar sem pedir e ocupar a ducha toda, até que ele a tomasse em beijos quentes e carícias deliciosas; mas acima de tudo, o que ele mais gostava era da forma como ela dormia, os dedos enrolados nos pelos do peito dele, o semblante tranquilo. Era uma artista extremamente talentosa e seu apartamento era

tomado por quadros, rabiscos, fotos e tinta. Havia tinta para todo o lado, das paredes pintadas teatralmente as estantes e armários. Parecia comer, beber e respirar arte.

Ele não sabia ao certo quando se apaixonara por ela, se no dia em que a conhecera, quando os dois tomaram suco e ela simplesmente parecia uma visão divina com os cabelos soltos e rebeldes, se na primeira vez que haviam feito amor, tomados pela paixão, ou se em todas as vezes que ela lhe mandara fotos com caretas por mensagem do celular. Não. Ele não conseguia se lembrar, Ana estava em todos os lugares, parecia pertencer a ele tanto quanto ele sentia-se inteiramente dela. Como se tivesse sido assim sempre.

Agora, diante do espelho, via um homem de vinte e seis anos com os nervos à flor da pele, indo conhecer o sogro e escondendo uma caixinha com um par de alianças na calça. Se Ana soubesse, com toda certeza, teria achado graça. Constantemente ela dizia que ele a lembrava de personagens do cinema ou de livros e agora

estava mesmo se sentindo assim.

E para piorar as coisas: o sogro. O sogro era mesmo advogado, mas não qualquer um. Era um dos homens mais importantes do país, dono de um escritório de renome internacional e rico. Muito rico. Jamais teria imaginado quando a conhecera que ela poderia ser filha de um de seus ídolos.

Deveria estar feliz, não deveria? Estava apaixonado por uma garota linda, encrenqueira, artista brilhante e que parecia retribuir com a mesma intensidade. Mas ele estava tremendo, não apenas por causa do sogro, mas por causa dos dois anéis que esperavam, dentro da caixinha no bolso. E se ela dissesse não? Será que Ana diria não?

Pensando nisso começou a amargar. Ela era uma mulher de temperamento forte, gênio difícil e não parecia gostar que dissessem o que tinha de fazer. Com toda certeza se sentiria pressionada e não aceitaria a proposta de casamento. Com uma dor no peito, ele saiu de casa remoendo a situação. Se antes tivesse a pedido

em namoro, oficializado o relacionamento, qualquer coisa que pudesse indicar que ela estava com ele, seguindo na mesma linha...

Com a certeza de que receberia um não como resposta, ele saiu de casa atrasado. Dirigiu mecanicamente e não ficou espantado quando estacionara no portão da mansão em que os pais de Ana moravam. Se ele estava certo de que eram ricos, agora achava que eram mais do que isso. A casa era linda, com um jardim imenso, três andares, porteiro, janelas imensas... E ele só conseguia pensar em uma coisa: Ela vai dizer não!

Ana o recebera com um sorriso animado. Estava linda, numa calça jeans nada social e com uma blusa que acentuava os seios bonitos. Era de tirar o fôlego e ele sentiu o estômago novamente chiar quando ela envolveu os braços finos em seu pescoço e o beijou com fervor.

— Estava começando a achar que você não vinha.
— Ela sussurrou.

— *Estive pensando nisso. — Ele sorriu.*

Ana arqueou as sobrancelhas confusa, mas não disse nada. Levou Igor para a sala e o apresentou aos pais. Miguel, o grande advogado e Marta, a socialite.

O casal o tratou com cortesia e informalidade, o que não amenizou em nada a crescente angústia que o fatigava.

— *O que está acontecendo com você? — Ana cochichou no meio do jantar enquanto o pai tagarelava sobre direito tributário e a crise mundial.*

— *Nada. — Ele resmungou mal humorado.*

— *Pai. — Ana falou alto e chateada. — Você sabe que nós não estamos entendendo nada do que você está falando, não sabe? — Ela sorriu e isso acertou ao pai em cheio, como se toda a sala de jantar se iluminasse com aquele sorriso.*

— *Na verdade eu estou e concordo em parte com o senhor. — Igor falou, tentando afastar os pensamentos das alianças.*

— E no que você discordaria?

— Não precisamos de mais leis, se o senhor me permite dizer, precisamos de reformas em nossos Códigos, como foi feito recentemente com o Código Civil.

O homem de cinquenta e poucos anos sorriu, satisfeito com o rapaz, não apenas ele o tinha contrariado – mostrando opinião e força de caráter – como tinha feito um argumento plausível.

— Bom — Disse Miguel, o olhar divertido. — Talvez possamos discutir sobre isso mais tarde.

— Gostaria muito.

Igor queria agradar ao sogro, ou quase sogro, mas não era dado a cenas pedantes, por isso preferia agir com comedimento do que fazer papel ridículo, bem porque estava ali por Ana e não pelo pai dela. Estava ali pela garota que amava e a quem queria desesperadamente pedir em casamento, mas que estava quase desistindo por causa da certeza do não em resposta.

— Droga. — Igor murmurou lá pelas tantas.

— Se você não disser o que está errado, não tenho como ajudá-lo. — Ana murmurou em resposta, pegando sua mão por baixo da mesa e apertando com carinho.

— É que acho que você... não, não acho, tenho certeza.

— Mas do que você está falando afinal? — Ana disse alto demais, fazendo com que os olhos dos pais se voltassem para os dois. Não tinha mais jeito, se ia ser humilhado ou não, não importava, precisava falar, pedir.

— Ana. — Ele arriscou, o estômago dando voltas e mais voltas. — Droga, Ana. Você sabia que eu te amo?

— Sim. — Ela disse simplesmente.

— Sim? — Ele não entendeu. — Você sabia que eu a amo?

— Já disse que sim.

— Como?

— Você sempre diz quando está dormindo.

— *E você nunca me disse nada, por quê?*

— *Pensei que se você quisesse que eu soubesse teria dito. Em algum momento as pessoas costumam dizer que amam umas às outras, não é?*

Ele resmungou algo que ela não compreendeu.

— *Também amo você.* — *Ana anunciou sem qualquer dificuldade.*

— *Ama?*

— *E você tem alguma dúvida disso?*

— *Não, sim. Não sei.*

Ela gargalhou e ele sentiu os nós do estômago afrouxando um pouco.

Era isso que estava incomodando você?

— *Não.*

— *Tem mais então?* — *Ela o olhou confusa.*

Igor tirou do bolso a caixa com as alianças e colocou em cima da mesa, ao lado da sobremesa de Ana. Ela ficou branca, os olhos arregalados de espanto.

— Tem mais. — Ele disse, um sorriso grande se formando nos lábios. — Quer casar comigo?

Treze

— O que está acontecendo? — Chase perguntou, ao chegar ao apartamento de Jimmy e dar de cara com Dony sentado num canto do sofá, Jimmy em outro e Caroline em pé, diante dos dois com um rolo de macarrão nas mãos e um olhar furioso.

— Até que enfim alguém com um pouco de juízo. — ela resmungou.

— Por que você está com esse rolo, Caroline? — Chase achou graça da forma como ela empinava o utensílio culinário.

— Estou ameaçando esses dois, o que você acha?

Chase gargalhou.

— Por quê?

Suspirando ela começou o relato.

— Estava me trocando no quarto quando ouvi uma gritaria, corri para ver o que era imaginando um assalto ou algo do tipo. Mas adivinha só? — A garota apontou para os dois que tinham os braços cruzados sobre o peito e um olhar desafiador em direção um do outro. — Achei esses dois engalfinhados no chão, quebrando tudo pelo caminho e falando as maiores bobagens. Agora estão aí, jurando que se odeiam e dizendo que vão abandonar a banda.

Chase gargalhou novamente, jogando os cabelos longos para frente e indo sentar-se no meio dos brigões.

— Quando você me ligou achei que tivesse acontecido algum acidente. — ele não parava de rir, admirado com a forma como a garota conduzia a situação. Já tinha visto os amigos brigando antes, discutindo e mesmo quebrando coisas, mas nunca tinha encontrado alguém que os administrasse daquela forma. Era espantosamente divertido — Acho que a única coisa que aconteceu aqui foi você.

— Bom, então não será mais problema pois estou

indo embora. — A garota crispou.

— Não! — Jimmy pulou. — Você não pode ir, não tem culpa de Dony achar que todas as mulheres pertencem a ele.

— Eu não acho isso. — Dony tentou argumentar.

— Acha sim. — Chase rebateu, ainda achando graça da cena.

— Não importa o que você pensa, eu não sou de ninguém. E não vou permitir que vocês estraguem a amizade e o trabalho por minha causa. Já tive minha dose de problemas para uma vida inteira.

— Você pode ficar na minha casa. — Chase sorriu, provocando ainda mais os dois amigos.

— Claro. Ótimo! — Dony berrou, levantando-se e indo postar-se entre Caroline e Jimmy. — Primeiro ele e agora você? O que é isso, um plano contra mim?

— Seu idiota. — Caroline retrucou com um tom de voz ainda mais alto e apontando o rolo de macarrão para ele novamente.

— Afinal de contas aonde você arrumou isso? — Chase avançou para ela e pegou o utensílio de madeira, examinando-o.

— Na segunda gaveta do armário da pia. Você sabia que ele tem um kit de confeitiro inteiro ali? Não consigo imaginá-lo fazendo doces.

— Você tem um kit de confeitiro? — Chase perguntou para Jimmy que deu de ombros.

— Veja você mesmo. — Caroline indicou, mostrando forminhas, saco de confeitar e outros utensílios que lembravam moldes. — Não sei para que serve metade dessas coisas. — Ela admitiu para o olhar atento e avaliador de Chase.

— Eu nunca pensei que você gostasse de fazer bolos. — Chase virou-se para Jimmy que tinha voltado a se sentar no sofá com o mesmo olhar emburrado de antes. — Já sei quem fará meu próximo bolo de aniversário.

Jimmy bufou, irritado demais para considerar as provocações.

— Tudo bem, afinal de contas por que vocês dois brigaram? Já sei que só pode ter a ver com Caroline, mas o que os levou as vias de fato?

— Jimmy está agindo feito um doido. — Dony respondeu.

— Eu? Eu? — Jimmy grunhiu. — Você dormiu com duas garotas na noite passada e depois veio procurá-la, como se fosse obrigação da Caroline de recebê-lo de braços abertos. Você virou um tipo de maníaco sexual insaciável, é isso?

— Claro que não. E o que você tem a ver com o fato de eu ter dormido com outras pessoas? Se você não tivesse tirado ela da festa eu poderia ter dormido apenas com ela. E se fosse esse o caso, eu ficaria apenas com ela, claro.

Jimmy se lançou novamente para cima do amigo e os dois caíram sobre o tapete. Chase correu para afastá-los e Caroline apanhou o rolo novamente. Depois acertou Dony no braço. Ele gritou espantado.

— Pra começo de conversa. — Ela disse, quando

os dois se desvencilharam e Chase conseguiu que ele se sentasse no sofá. — Eu não ia dormir com você. Dony, você é um cara legal, mas é muito mulherengo e além do mais... Além do mais, você me irrita às vezes.

— Então por que disse que podíamos sair para um local tranquilo? — Ele falou melancolicamente.

— Foi você quem disse, eu só estava tentando arranjar um jeito de escapar sem magoá-lo.

— E pra isso precisava cair direto nos braços dele? Por que tá na cara que vocês ficaram.

— Não é da sua conta com quem fico ou deixo de ficar. — Ela o ameaçou com o rolo novamente, fazendo Chase soltar outra gargalhada. — Não me provoque ou acerto essa sua cabeça oca.

Dony grunhiu de raiva e surpresa.

— Posso mesmo ficar na sua casa até terminarmos as músicas? — Caroline apontou para Chase.

— Desde que não leve esse troço com você.

— Ótimo. Vou arrumar minhas coisas. E você...

fique bem longe de mim seu lunático. — Ela apontou para Dony que bufou e corou imediatamente.

— Que mulher. — Chase suspirou.

— Ah! Não bastasse esse traidor, você também caindo de amores por ela? Droga!

— Não se preocupe, pois não estou interessado nela. Não do jeito que vocês estão pelo menos.

— Sei. — Dony continuou. — você diz isso agora, espere ela estar desfilando no seu apartamento com aqueles sorrisinhos meigos e o sotaque arrastado.

— Dony, não fale bobagens. — Jimmy resmungou.

— E não foi isso que aconteceu com você, senhor estou acima de tudo porque sou um Deus...?

— Como é? — Jimmy chiou.

— Você é um traidor. — Dony pulou do sofá furioso, as mãos para cima e os olhos provocando nova briga.

— E você parece uma criança brigando por causa de um doce. — Jimmy desviou o rosto, tentando acalmar a

ânsia de esganar o amigo.

— Como posso continuar com vocês depois dessa? Como? — Dony resmungava, andando de um lado para outro. — Tantos anos jogados fora.

— Não entendo porque todo esse drama, Donald. — Chase asseverou.

— Eu realmente estava interessado nela. É a primeira garota por quem realmente me interesso, pensei que poderia levar a sério.

— Tanto é que dormiu com uma ruiva e uma loira na mesma noite. — Jimmy não ia deixar barato, estava tomado pela raiva e ciúme.

— Você vai ficar falando disso até quando?

— Até o último dia da minha vida se precisar.

— E você, por que está agindo assim? Como se o mundo estivesse acabando... — Chase olhou de esguelha para Jimmy.

— Não importa. Só não acho certo que ele faça isso com ela. Caroline é uma garota incrível, não merece ser

usada.

— Ah! Estou entendendo. Bom, em algum momento vocês terão de se acertar, a banda não pode e não vai seguir sem um de nós. Além do mais... — Disse levantando-se e indo parar diante da janela, os olhos fixos na paisagem cinza. — Existe coisas muito piores com que se preocupar.

— Você não vai começar com aquela conversa de fome no mundo, guerras e doenças, vai? — Dony chiou, indignado.

— E de que adiantaria? Quando vocês dois metem algo na cabeça tentar tirar é quase como tentar arrancar leite de pedra.

— Chase. — Jimmy abrandou a voz. — Você podia mudar de ideia. Caroline pode continuar aqui.

— Nunca vi você desse jeito por ninguém. — Chase confessou, os olhos escuros e astutos analisando a expressão do amigo. — E nos conhecemos há muito tempo.

Vencido, Jimmy admitiu:

— Eu sei. Acho que gosto dela. Muito.

— Já disse isso pra ela? — Chase inquiriu pacientemente.

— Não. Acho que se disser ela vai acabar fugindo. Está na cara que está magoada. Ela guarda esse segredo que quebra o coração dela... não sei...

— Eu também acho. — Dony concordou, aproximando-se da conversa. — E acho que deveríamos descobrir. Já imaginou se ela for uma daquelas garotas do *mulheres assassinas*? — Completou, lembrando-se do programa sobre mulheres que se casavam e tiravam a vida dos maridos por causa da herança ou ciúme.

— Não! Ela não é. Além do que é um direito dela não querer falar nada pra gente. Quando sentir vontade vai contar... Até lá... — Jimmy suspirou. — Ela podia ficar aqui...

— Essa garota pegou você de jeito, não foi? — Dony resmungou, mais vencido do que chateado.

Jimmy não respondeu, mas os braços caíram para as laterais do corpo e ele soltou um suspiro longo e pesado.

— Acho que vamos ter que resolver as coisas. — Declarou Chase. — Jimmy gosta da garota, Dony, e acho que gosta mesmo, nunca o vi agir desse jeito. Jimmy, acho que Dony gosta um pouco dela, mas não consegue ficar longe de um rabo de saia e eu... eu não estou interessado nela. — Chase continuou. — Então agora só nos resta saber o que ela pensa sobre isso. Ou fingimos que nada aconteceu e que está tudo maravilhoso, os dois aceitam uma pequena disputa limpa e no final, vejamos quem ela escolhe. Se é que vai escolher algum de vocês.

— Desde quando você virou esse alcoviteiro? — Jimmy resmungou para Chase.

— Você está disposto a abrir mão de Caroline para que Dony tente conquistá-la?

— Não!

— E você, poderia abrir mão dela para que Jimmy pudesse investir na arte da conquista? — Chase falou, tentando manter o tom sério.

— Não.

— Então, só temos a solução de uma disputa. Mas uma disputa limpa e que vença o mais honrado e... É isso, que vença quem tiver de vencer.

— Merda! Tudo bem. — Jimmy resmungou.

— Por mim também. Desde que seja jogo limpo, sem recados falsos e fugas de casas noturnas.

— Então é isso. Está resolvido.

Caroline voltou para a sala quase meia hora depois, arrastando uma mala pesada e com o estojo do violino às costas. Resmungava sobre precisar pegar a caixa acústica, um cesto de lixo e mais alguma coisa quando deu com Chase tranquilamente mexendo no celular, enquanto Jimmy jogava videogame com Dony, como se nenhuma briga ou xingamento tivesse sido disparado nas horas anteriores.

— Mas... mas o que está acontecendo aqui? — A garota surpreendeu-se ao ver os dois amigos rindo e provocando-se.

— Acabo de descobrir que houve uma infestação de

baratas no meu apartamento e terei de mandar dedetizar. Ah! E os dois fizeram as pazes, claro.

A garota voltou para o quarto xingando em seu idioma de origem. Nenhum dos três quis arriscar perguntar o significado das palavras, mas desconfiavam, pelo tom, que deveria ser algo bem ruim. Ela ficou trancada no quarto pelo resto do dia, sem sair nem mesmo para comer. Tocou violino boa parte da tarde e dormiu o restante do tempo, irritada demais para querer ver os integrantes da *Left Turn*.

— Você não acha que ela está trancada há muito tempo? — Jimmy perguntou para Dony, com o rosto tomado por uma expressão infantil de preocupação.

— Será que devemos chamar um médico? — o outro completou. — Talvez chamar o Chase, ele parece ter muito jeito com ela.

— Não será necessário. — Foi a voz de Caroline que respondeu, pegando os dois de surpresa.

A garota apareceu perto da bancada, os olhos vincados numa expressão séria e tensa. Nenhum deles

disse mais nada, observando enquanto ela começava a abrir gavetas e armários.

— Não adianta procurar, escondi o rolo. — Dony declarou com toda a seriedade possível depois de algum tempo.

Ela não respondeu.

— Você está com fome? — Jimmy correu para a cozinha, tentando interceptá-la pelo caminho.

— Não, mas estou com raiva. Vocês são loucos. E eu só não me mando porque assinei a porcaria de um contrato com aquele seu agente esperto. Três músicas! Três músicas e eu desapareço.

— Desculpe. — Jimmy resmungou. — Não queria que nada disso tivesse acontecido.

A violinista se encolheu. Os olhos de Jimmy eram tão profundos e tristes. Facilmente podia se deixar convencer, entregar-se novamente àquela paixão que já a tinha dominado na noite anterior. A não ser por Dony estar ali, os olhos vincados nela e no amigo.

— Acho que vou dormir. — Ela resmungou, saindo da cozinha e voltando a se trancar no quarto.

Jimmy suspirou pesado. Estava tão envolvido, tão frustrado e ao mesmo tempo tão esperançoso... o coração martelava como o tique-taque de uma bomba relógio, e a sensação que o cantor tinha era de que realmente estava prestes a explodir.

Preparou um sanduiche caprichado e um copo de suco, com as mãos suadas e uma vontade arrebatadora de esmurrar a porta e envolver Caroline em seus braços, bateu na porta de Caroline e esperou que ela permitisse sua entrada. Como ela apenas resmungou, ele insistiu.

Quando a chave começou a mover-se na fechadura simplesmente deixou o lanche sobre uma banquetta e saiu, trancando-se no próprio quarto. A garota viu o corte triangular do pão e sorriu, lembrando-se da primeira noite em que estivera ali. Desde aquele dia, mais de uma semana havia transcorrido e todas as noites eram sempre diferentes. Às vezes comiam pizza e discutiam culinária europeia, noutras saíam para comer em restaurantes

discretos cuja comida era de lamber os dedos e falavam basicamente sobre música. Não havia mesmo tédio quando dizia respeito a banda Left Turn.

Ela pegou o lanche e se enfiou novamente na penumbra aconchegante do quarto. Na manhã seguinte trataria de inventar uma vingança contra aqueles dois malucos que a tinham deixado tão irritada. Aquela confusão não ia sair barato. Mesmo Chase receberia o que merecia por ter inventado uma desculpa para deixá-la ali no meio do fogo cruzado.

Quatorze

Timot olhou os papéis à sua frente e insuflou o ar com força. Esfregou a testa e voltou a mirá-los, como se pudesse arrancar a resposta para seu questionamento dali. Já sabia que a garota escondia algo, mas jamais imaginaria o que fosse.

Tinha sido quase uma guerra conseguir as informações, os recortes e as matérias. De acordo com seu contato na mídia internacional, o pai da moça – uma dessas figuras importantes - provavelmente tinha desembolsado uma boa grana para que o caso caísse no esquecimento, ameaçado alguns donos de revistas com possíveis processos e pago algumas indenizações.

Por que não podia ser só um caso de uma viciada? Timot pensava enquanto relia os papéis. Teria sido bem mais simples ficar de olho em Caroline se ela fosse uma porcaria de uma viciada. Mas não. As coisas não podiam

ser tão simples, tão fáceis.

Estava em um verdadeiro dilema. Jimmy que vinha mantendo-o informado sobre a evolução das músicas parecia maravilhado com a garota e já imaginava um álbum inteiro com a participação dela, Dony agia como o idiota de sempre, falando o tempo todo em como ela era bonita e gostosa, enquanto Chase, que sempre fora o mais racional do trio tinha assumido a postura de um defensor.

Menos de quinze dias e a tal Caroline Braga já tinha virado a *Left Turn* do avesso, conquistando até o mais sensato do grupo e se tornando quase uma parte da banda.

E aí estava o dilema. Podia deixar tudo como estava e fingir que não sabia de nada. É claro que isso poderia se reverter em publicidade negativa caso alguém desencavasse aquelas histórias como ele tinha feito – e Timot tinha certeza de que sempre havia algum desocupado disposto a isso; ou podia simplesmente expor a moça, contar tudo o que tinha descoberto para os rapazes e correr o risco dela desaparecer, colocando toda a história de novos sons Tâmis a à baixo.

Correr riscos faz parte do trabalho. Pensou, escondendo os papéis em uma pasta e enfiando-a na gaveta com chave da escrivaninha. Depois que as canções estivessem prontas e gravadas voltaria a pensar no assunto. Por enquanto um simples: “Não encontrei nada a respeito”, deveria resolver qualquer questão que por acaso surgisse.

As mãos dela estavam vermelhas. O cheiro de sangue se espalhou rápido assim como a cor encarnada que se espalhava por todos os lados. Ainda confusa ela tentou compreender o que estava acontecendo. O barulho, a visão turva, o cheiro, nada fazia sentido. Num instante estava no carro, sorridente e linda, acompanhando a melodia de Mozart, no outro tudo havia virado um grande borrão vermelho e doloroso. E o sangue não parava de correr de sua testa. Ela sentiu o gosto das gotas sobre os lábios e ficou tonta.

Caroline acordou aos gritos.

Abriu os olhos e deu-se conta de que estava no

quarto onde vinha dormindo nos últimos dias, na casa de Jimmy. O sangue, todo aquele grande mar vermelho não passava de uma lembrança. Uma terrível lembrança.

Instantes depois a luz do corredor acendeu-se e uma figura masculina projetou-se na sombra da porta, meio confuso. Ainda trêmula ela apenas esticou as mãos para ele.

Jimmy percorreu a curta distância entre eles sem qualquer dificuldade, tomou-a nos braços e deixou que ela afundasse o rosto em seu peito, ainda quente da cama. Caroline chorou.

Tudo o que sentia era a força daquelas memórias, da dor que tinha causado a si mesma e a tantas pessoas e de repente se viu completamente sem forças para continuar. Afundando ainda mais a cabeça no peito desnudo do cantor, deixou que as lágrimas vertessem desenfreadas, até que restasse apenas os soluços e sacolejos de dor do corpo.

— Me desculpe. — A garota balbuciou depois de bastante tempo, não conseguindo evitar e sendo novamente

tomada pelas lágrimas.

Jimmy não disse nada, aconchegando-a ainda mais ao seu abraço forte. Caroline dormiu em algum momento entre os espasmos e a fúria de lágrimas. Sem explicar o motivo.

O cantor foi aos poucos puxando-a para o travesseiro, abraçando-a ao próprio corpo e deitando-a rente a ele.

Pensou muito no descontrole de Caroline e sentiu-se culpado por causa do tumulto pela manhã. Talvez a confusão com Dony tivesse complicado as coisas entre eles. Ainda assim, não podia evitar a sensação boa de estar ali, de senti-la buscando abrigo no aconchego dele. Ou era mesmo o romântico que os amigos diziam, ou Caroline o havia transformado num molenga. Não importava.

A garota ressonou em meio a um soluço. O sono tenso e cansado, como se estivesse esgotada demais para manter a si mesma. Ele acariciou-a nos braços e depois esticou as próprias pernas sobre a cama, deixando-a

enganchar-se ainda mais a ele.

Dormiu sentindo o cheiro doce dos cabelos dela enquanto as lágrimas secavam sozinhas em seu peito.

Dony tomou banho e se jogou na cama. Tinha ido embora da casa de Jimmy depois que Caroline se enfiara novamente no quarto, ignorando a ambos. Queria conversar com a garota, explicar que não tivera a intenção de ofendê-la, mas não houvera uma chance sequer e para piorar as coisas, Chase havia contribuído com o vocalista da banda, arranjando uma desculpa para que ela continuasse lá, sob toda a influência do charme de Jimmy. Remoendo, virou-se de um lado para o outro sem conseguir pegar no sono.

Por que estava tão chateado com Jimmy, afinal? Por que queria tanto aquela garota?

No final das contas era um cara famoso, bonitão e com uma boa grana no banco. Podia ter a mulher que quisesse, no país em que estivesse... Por que tinha de ser Caroline?

Porque ela não o queria. E isso o deixava enlouquecido.

Caroline. A mulher misteriosa que vinha rejeitando-o desde a primeira troca de olhares. Era mesmo uma criatura indescritível.

Virou mais algumas vezes na cama até que a mente vagou para a noite da festa latina, na World boutique. Tinha estado com Caroline em seus braços, dançado com ela de uma forma deliciosamente sexy e por muito pouco não a tinha conquistado. Mas haveria outras oportunidades e ele não permitiria que Jimmy se metesse entre ele e a louca vontade de ter aquela mulher.

Ele teria Caroline Braga, nem que para isso tivesse de ir ao Brasil e voltar.

Caroline sentiu o cheiro masculino emanando do peito de Jimmy e abriu os olhos, devagar e cansada. O calor do corpo forte a seu lado preenchia todo o ambiente.

Ela sentiu os olhos doerem e o nariz pinicar, uma dolorosa sensação de derrota percorrendo todo seu corpo. Respirando profundamente, a garota afastou-se um pouco do cantor e o observou. Ele dormia com uma expressão tensa no rosto, as mãos protetoramente envolvendo-a por baixo do pescoço e na cintura. Não conseguiu deixar de se culpar por tê-lo deixado ver como estava fragilizada e quebrada por dentro, por ter permitido que descobrisse seu lado mais fraco. Era quase tão doloroso quanto a própria lembrança.

Jimmy mexeu-se na cama e suas mãos percorreram a pele fina da cintura de Caroline distraidamente, em um gesto natural e rotineiro, como alguém que confere se o amante continua a seu lado durante o sono.

De repente ela sentia-se plenamente consciente da presença dele, não da forma melancólica como estivera percebendo minutos antes, mas de um jeito ainda mais arrebatador.

Caroline esticou os dedos e tocou os cabelos bagunçados do cantor. Uma ou duas piscadas desajustadas

depois e ele a observava em silêncio, analisando cada pedacinho do rosto marcado pelas lágrimas, tomado por uma compaixão indescritível.

Nenhum dos dois disse nada, fitando-se à pouca luz que escapava do corredor para o quarto. Jimmy acariciou a face da garota, limpando as marcas do delineador borrado e beijando-a nos olhos. Ela estremeceu, não esperava por um gesto tão despretensioso e doce.

Num instante depois, o toque carinhoso se transformou numa onda tumultuosa, num desespero retribuído por ambos. Os beijos calmos e tranquilos não mais existiam e havia apenas lugar para a paixão ardente que queria consumi-los.

Caroline, tomada pela necessidade de toque e calor, puxou Jimmy para bem perto, afastando qualquer receio que o rapaz ainda tivesse. Envolveu as pernas longas ao redor dele e deixou-o puxá-la para cima de seu corpo. Os olhos britânicos se encontraram com os brasileiros e eles perderam o fôlego. Era indiscutível a química que havia entre os dois, a ânsia por descobrir os mistérios de cada

um. Um incêndio prestes a explodir.

Logo as mãos do cantor percorriam todo o busto da violinista, acariciando e arrancando pequenos espasmos e arfadas de prazer de ambos.

Os dedos de Caroline deslizaram pelo peitoral de Jimmy, fazendo um pequeno rastro por onde as unhas curtas dela roçavam. Beijaram-se ainda por um longo tempo, tocando as partes de pele que alcançavam e arrancando gemidos tímidos e sufocados, embargados pelo desejo.

E o desejo os consumiu através das carícias sôfregas, do toque incendiado e dos gemidos roucos que eclodiam como ondas de um mar tempestuoso. Caroline ajeitou-se sobre Jimmy e sentiu-o enrijecer. Estremeceu de prazer conforme friccionava-se ritmicamente sobre o membro. Ele abriu um sorriso de prazer e mordeu os lábios.

Caroline não pôde deixar a satisfação de lado ao perceber que suas investidas o estavam provocando mais e mais, excitando-o de uma forma arrebatadora.

Jimmy deixou que os pensamentos escapassem e logo não mais pensava no que havia presenciado horas antes, concentrando-se somente na pele fina e macia da moça.

Puxando-a para perto, Jimmy a beijou novamente e depois a rodou, posicionando-a de costas na cama e se ajeitando com delicadeza entre as pernas dela. Beijou-a nos seios e mordicou o pescoço dela, contornando a silhueta com a língua. No ventre de Caroline brincou com os lábios, numa mistura de beijo e mordida que a fez gemer alto. Desceu um pouco mais e mergulhou na parte mais íntima da garota, pressionando a língua contra a pele fina e quente. Com movimentos arquejantes ela não mais conseguiu se conter, gemendo alto e agarrando os ombros de Jimmy com as unhas. Cravou-as com força conforme ele intensificava as carícias.

— Jimmy... — Ela sussurrava. — Por favor... por favor. — murmurava em português, excitando-o ainda mais.

O cantor não parou até que ela soltasse um espasmo

de prazer, estremecendo sobre os lençóis suados e quentes.

— Minha vez... — Caroline murmurou, ainda em seu idioma natal.

De repente não conseguia se lembrar das palavras em inglês e por mais que se esforçasse só conseguia sentir. E as sensações eram fantásticas, deliciosas. Jimmy se deixou conduzir, não compreendia as palavras pronunciadas por Caroline, mas o tom de voz cortado e o olhar, diziam de uma coisa. Era a vez dela...

Deitando-o de costas na cama, Caroline começou beijando-o no lóbulo da orelha, murmurando coisas em português e roçando a pele salgada do pescoço com a língua. Percorreu o corpo quente e só parou quando encontrou o membro ereto. Mergulhou os lábios nele e começou a acariciá-lo. Sugou-o por um bom tempo, atenta a cada movimento do cantor. Ele erguia os quadris de leve, gemendo e apertando os lençóis com as mãos.

A respiração de ambos estava ofegante quando ela finalmente sentou-se sobre Jimmy, afundando o membro

firme e pulsante entre suas pernas. Geceram juntos, iniciando um movimento frenético em plena sintonia.

Fizeram amor como se o mundo estivesse acabando e aquele fosse seu último respiro.

Quinze

A acústica no estúdio de gravação era incrível. Caroline não podia negar que a música feita em parceria com a banda *Left Turn* também não era ruim. Já na primeira vez que a passaram, a violinista conseguira captar as vibrações deliciosas e achou que o arranjo feito por G. Milton, um dos melhores na área, tinha ficado surpreendente. Ela não fazia ideia de como alguém poderia pegar um CD gravado numa sala, com fragmentos de uma canção e transformá-la em algo tão sensual e forte como ele fizera.

Caroline abriria a música com uma melodia triste, tocada sem o acompanhamento elétrico do violino. Em seguida Dony entraria com a guitarra, num solo grave que se encaixava perfeitamente ao som do violino. Logo harmonizariam os dois instrumentos e ela acrescentaria a empolgação eletrônica do violino, arrastando a música

para um verdadeiro vendaval de emoções.

Aquele era arranjo que parecia impossível, mas que tinha sido definido por G. Milton com maestria e embalava o estúdio inteiro, arrancando sensações variadas dos músicos.

Jimmy entrava com a voz rouca e grave logo que a melodia fosse minguando, permitindo também o acompanhamento de Chase. O cantor parecia uma visão de outro mundo, os olhos fechados e os lábios movendo-se num ritmo doloroso e delicioso. Caroline sentia-se enfeitiçada pela cena, como se tivesse mergulhado num transe e não conseguisse encontrar a saída.

O ápice da música era ainda mais intenso, com a guitarra e a bateria enlouquecendo em acompanhamento da voz forte do cantor. E Jimmy tinha uma extensão vocal que surpreendeu a garota ainda mais. No final, todos estavam sem fôlego.

A composição ficou incrível e apesar da letra ser inteiramente sobre sofrimento e solidão, ninguém pôde negar que era mesmo muito uma das melhores músicas que

já tinham ouvido ou feito.

Timot andava de um lado para o outro, atormentando G. Milton que fingia não vê-lo. Era mesmo um homem excêntrico, com uma cabeça careca que parecia brilhar à luz bruxuleante do estúdio e que simplesmente ignorava as intromissões desconexas do empresário da banda. G, como exigiu ser chamado, tinha mãos longas e parecia dominar todos os instrumentos, inclusive o violino, manejava-os sem dificuldade parecendo sempre sentir a música quando ela vibrava. Os olhos fechados indicavam a Caroline a natureza do talento dele. Sensibilidade.

Quando tinha de explicar alguma coisa técnica simplesmente demonstrava, deixando palavras desnecessárias de lado. Era muito esguio e tinha a voz suave e serena, mas firme de um jeito arrepiante. Caroline não sabia ao certo como se sentia perto dele, se confiante, animada ou simplesmente intimidada. Era um homem interessante que despertava a curiosidade da musicista.

Fizeram muitas tomadas, gravaram juntos e separados, pequenos coros, refrão e umas poucas alterações no arranjo. Por fim, tudo que antes estava perfeito e belo, agora parecia simplesmente fantástico e estonteante.

Horas haviam se passado quando finalmente o grupo fez uma pausa.

Todos estavam famintos e a garota não pestanejou com a ideia de dar uma escapada para uma lanchonete e se fartar de comida nada saudável. De preferência se ver livre de Timot, que volta e meia lançava olhares de esguelha para ela, como se tivesse algo engasgado e não conseguisse despejar. Ela não queria mesmo saber o que podia ser. Não tinha a menor intenção de se tornar parte da banda, tampouco qualquer tipo de estrela da música.

Timot ficou no estúdio e continuou a ladainha de tormento ao experiente profissional que os acompanhava na preparação da primeira canção em parceria com a violinista. Queria prazos, datas e perspectivas, e a opinião sobre um sucesso eminente.

— Sr. Oliver, se não fechar essa matraca vou expulsá-lo daqui. — Foi a última coisa que Jimmy e Caroline escutaram antes de escapar sorrateiramente, desviando do percurso dos outros integrantes da banda que já entravam no elevador.

— Aonde estamos indo? — A violinista inquiriu ao ser praticamente arrastada pela porta que dava para as escadas.

Jimmy não disse nada, pressionou-a contra a parede assim que a porta fechou pesadamente. Beijou-a com fogo. Logo as mãos dele estavam burlando a barreira da blusa de gola alta da moça e os dedos percorrendo a pele quente e arrepiada. Ela arfou e envolveu os braços no pescoço de Jimmy, fazendo-o colar-se ainda mais ao seu corpo.

Ficaram ali por alguns minutos, beijando-se e tocando de forma que seria considerada indecente se alguém visse. Desceram os dez lances de escada parando de momentos em momentos para beijos enlouquecidos e carícias ainda mais aprofundadas.

Há dias vinham daquela forma, atacando um ao

outro e quase colocando o apartamento de Jimmy a baixo. Beijavam-se na rua, no apartamento, no parque e aonde mais estivessem. Não se importavam com a presença de estranhos desde que nenhum deles fosse Dony e quando ficavam sozinhos no apartamento, depois de horas de ensaio com os outros dois membros da banda, arrancavam as roupas e se atracavam numa cena digna de um filme para maiores.

Caroline sentia-se revigorada e desde a noite em que se deixara pegar aos prantos nunca mais tivera aquele terrível pesadelo. Jimmy dormia quase todas as noites com ela e parecia não ter a menor pretensão de mudar o que vinha se tonando uma rotina. Uma ardente rotina.

O ar gelado do outono acertou-os em cheio quando saíram da gravadora. Caroline tinha as faces rosadas e a boca levemente inchada, sorriu ao sentir a pele vibrar com o vento que assoviando eriçava os pelos de sua nuca e pinicava a pele. Jimmy passou os braços ao redor dela e a puxou para rente dele, aconchegando-a. Andaram por duas quadras sem se preocupar com os olhares que volta e

meia se lançavam para o astro.

Encontraram uma lanchonete pouco tempo depois e mergulharam no calor agradável. Comeram e conversaram por alguns minutos, trocando olhares insinuantes e provocações sobre comida e música.

Não repararam quando uma figura alta e loura apareceu, uma carranca estampada no rosto e linhas tensas contornando os olhos negros. Dony.

— Achei que fossem se juntar a nós... — Dony crispou, aproximando-se da mesa em que o casal comia.

Chase apareceu logo depois, o olhar rabugento de sempre. Ao vê-lo Caroline soltou o ar que estava prendendo desde que ouvira a voz de Dony. Sorriu para o grandalhão, mas imaginou que sua expressão não deveria passar de um olhar de súplica, pois Chase gargalhou alto enquanto puxava uma cadeira para se acomodar entre ela e Dony.

— Pelo visto já começaram a comer... — Dony crispou, ainda mais furioso.

— Não vimos vocês quando saímos...

— É que o idiota esqueceu a carteira no estúdio e me obrigou a voltar com ele. — Chase resmungou. — Você está bem? — Perguntou olhando diretamente para Caroline que engasgou com um pedaço de massa folheada e começou a tossir.

Ela gaguejou que sim e tomou um gole grande de refrigerante.

— E como é que nos acharam aqui? — Jimmy olhava indignado para Dony que sorriu e deu de ombros.

— Já comemos aqui uma dúzia de vezes, esqueceu Dom Juan?

O cantor lançou um olhar furioso para o amigo, mas isso não o deteve e ele continuou.

— Lembra-se da última vez? Ou será que foi na vez anterior quando aquelas garotas russas cismaram conosco e praticamente nos obrigaram a visitá-las no Savoy...?

Chase deu uma cotovelada nas costelas de Dony que grasnou como uma pato rouco engasgado. Jimmy que

estava muito vermelho abriu um sorriso torto e feroz.

— Você quer dizer aquela garota russa e a amiga transexual que se apaixonou por você?

— Ela não era trans...

— Então ela não tinha feito a cirurgia, ainda?

Chase gargalhou e Caroline arqueou as sobrancelhas, achando a cena mais cômica do que realmente era.

De repente ela arregalou os olhos e puxou algo dos lábios. Os três homens viraram-se para ela de imediato, percebendo a agitação da violinista.

— Você tem certeza de que está bem? — Chase insistiu, vendo-a ficar mais vermelha do que uma pessoa seria capaz.

— Pi..pi.. — ela gaguejou em português. — Pimenta.

— Não entendi. — Dony resmungou, olhando-a com mais atenção e percebendo-a curvar-se com dor.

Jimmy percebeu o pedacinho vermelho que ela

tirara da boca e falou:

— Você é alérgica a pimenta?

Caroline não conseguiu responder, sentia-se sufocando. Tentou se levantar, esbarrou em um copo e então tombou. Inconsciente.

Jimmy saltou e a pegou no ar. Caroline estava vermelha e respirava com dificuldade, puxando o ar ruidosamente. O rosto parecia inchar e a pele assumiu uma coloração respingada de manchas. Os lábios da moça dobraram de tamanho e diluíram-se numa coloração arroxeada.

— Chame uma ambulância ela é... Meu Deus, ela não está respirando. Alguém faça alguma coisa. Socorro.

Jimmy entrou em pânico.

Chase passou por Dony que começava a discar para a emergência e alcançou o cantor que apertava Caroline inconsciente nos braços. Obrigou-o a colocar a moça no chão e abriu espaço em meio ao tumulto de clientes e funcionários que se formava ao redor deles. Sentiu a

pulsação de Caroline e começou a forçar os lábios cheios sobre os dela, impelindo com força ar aos pulmões.

Chase repetiu aqueles movimentos de obrigar os pulmões da moça a respirarem até que o primeiro paramédico o substituiu com um tubo de oxigênio. Estava ofegante e tenso.

Jimmy andava de um lado para outro, desnortado, sentindo-se impotente e frustrado. Dony não estava em melhor estado, nunca tinha presenciado algo assim e não fazia ideia de como reagir. Até que a moça começou a ser removida.

Enquanto a garota era levada em uma maca, o paramédico questionou quem a acompanharia. Jimmy não deu margem para os demais e mergulhou no assento ao lado da maca, pegando a mão de Caroline entre as suas e afundando num estado de espírito sombrio.

Dezesseis

Ana olhou-se no espelho e abriu um grande sorriso. As mãos ainda estavam suadas e a maquiagem havia borrado um pouco no cantos dos olhos, mas se observando o conjunto da obra podia assumir que estava linda, tal qual suas belas esculturas. O vestido branco tinha um decote arredondado que ela facilmente enchera com os seios firmes. Apesar de ser o dia mais romântico de sua vida, ela não podia deixar de imaginar a reação de Igor ao deparar-se com ela num vestido como aquele, delicado e sensual.

Sorrindo apanhou o buquê, deu o braço ao pai e seguiu para o destino e os braços do homem que amava.

Igor estava elegante num smoking preto, posicionado adiante do altar e à espera do início da cerimônia. Ana estava atrasada apenas cinco minutos, mas isso o estava deixando nervoso além do normal.

Tinha medo que a garota mudasse de ideia, fugisse porta fora com um enorme véu arrastando-se pela rua, ou simplesmente não aparecesse e mandasse o pai dar a notícia. Mas ela não faria isso. Era temperamental e tudo mais, mas não do tipo que abandonava alguém no altar. Ou será que faria? Ana tinha lhe garantido na noite anterior que estava ansiosa, feliz e que não fugiria, mas ele a conhecia bem o suficiente para saber que seu nervosismo só passaria quando a visse, vindo ao seu encontro com o buquê de flores nas mãos.

A marcha nupcial se iniciou e ele sentiu uma onda de alívio percorrer o corpo, repreendendo a si mesmo pela insegurança e falta de confiança no sentimento que nutriam um pelo outro. Não demorou para que Ana surgisse na entrada da igreja, um imenso sorriso nos lábios e um vestido que o fez arregalar os olhos. A garota caminhou sedutoramente na direção dele, alongando as pernas torneadas que o vestido deixava à mostra. Se alguém tivesse dito que ela entraria na igreja vestida de branco e que mesmo assim arrancaria um suspiro de consternação do padre, ele jamais teria

duvidado, só não imaginava que ele mesmo pudesse estar suspirando agora.

O vestido com decote arredondado deixava o contorno dos seios bonito e volumoso, enquanto a parte de baixo era curtíssima e exibia um bronzeado dourado nas coxas. Ela tinha malhado muito as pernas, ele deveria ter desconfiado que estivesse aprontado alguma coisa. De qualquer forma estava linda e ele sorriu ao recebê-la, cumprimentando o sogro e lançando um sorriso grande para o padre. Era a mulher mais linda e louca que já conhecera e a amava mais do que a própria vida.

Depois disso, o restante da cerimonia passou como um borrão, do qual ele só se lembraria do sim e da vontade louca de arrancar a roupa da esposa ali mesmo.

Dezessete

Timot Oliver entrou no quarto em que Caroline estava, no London Memorial Hospital e deparou-se com a banda *Left Turn*. Os rapazes tinham expressões tensas e cansadas, mas Jimmy era de longe aquele que mais parecia abalado. Sentado ao lado da cama em que a violinista repousava num sono profundo, ele parecia congelado, os olhos fixos na silhueta adormecida e as mãos grudadas nos dedos finos dela.

Chase estava perto da janela, olhando para a rua por uma fresta na cortina e Dony fuçava no celular, como se estivesse matando tempo. O empresário os observou por uns poucos segundos. Era mesmo muito interessante a forma como aquela estrangeira tinha se infiltrado entre os membros da banda e praticamente se enraizado. Tudo isso então pouco tempo.

E o vocalista da banda, sem sombra de dúvidas, era

o mais atingido. Era quase palpável que o garoto estava apaixonado e isso fez com que o empresário questionasse a si mesmo sobre como as coisas ficariam caso a moça decidisse desaparecer da vida deles e continuar com sua peregrinação, sua fuga do passado.

Jimmy Walker era um jovem promissor, um artista em todos os sentidos da palavra, inclusive na sensibilidade em relação ao mundo. Sentia e vivia intensamente. Suas músicas comprovavam isso. Timot jamais o tinha visto se apaixonar. Sabia de pequenos romances e casos, mas nada que conseguisse sua atenção por muito tempo e nada que o levasse ao estado de pavor em que parecia mergulhado ali. O empresário não queria e não podia perder o talento natural que içava a banda ao sucesso. Em algum momento ia ter de confrontar a situação com a musicista brasileira.

Os recortes de jornal e os demais documentos sobre o grande mistério da moça ainda estavam na gaveta, mas ele não fazia ideia do que fazer com tudo aquilo.

Afastando os pensamentos sobre o que ainda estava

por vir, Timot pigarreou. Os rapazes lançaram um olhar atento em sua direção e o cumprimentaram de longe. Estavam todos exaustos e preocupados.

— Como ela está? — Inquiriu Jimmy em voz baixa.

— Fora de perigo. Se tudo der certo amanhã ou depois terá alta. — O cantor respondeu sem tirar os olhos da garota.

— E ela já acordou? — Timot continuou.

— Ainda não, o sedativo é muito forte.

— E vocês, como estão?

Jimmy não respondeu, mas Chase veio até o empresário e soltou um longo suspiro.

— Foi um grande susto. — Apertou a mão do agente.

— Posso imaginar. Os médicos disseram mais alguma coisa?

— Não. — Dony foi quem respondeu, sem parar de passar os dedos grossos de guitarrista sobre a tela do celular.

— Acho que vocês já podem ir embora, tenho certeza de que qualquer novidade o hospital entrará em contato. — Timot falou, dando um tapinha de leve no ombro do vocalista da banda.

— Não. — Jimmy retrucou, os olhos azuis faiscando.

— Não vai ajudar em nada os três aqui, ficarão cansados e só vão piorar....

— Vocês podem ir, mas eu vou ficar. — Jimmy interrompeu o empresário com brusquidão.

— Tudo bem. — o homem não quis continuar a discussão, o rapaz já era um adulto. — Será que posso falar com você, Chase?

Chase assentiu e o seguiu para o corredor, de lá seguiram para a máquina de refrigerantes na altura dos elevadores.

— O que foi? — Chase falou com a voz de trovão tentando soar baixo para não alarmar os passantes.

Timot soltou um suspiro pesado antes de responder.

— O que vai acontecer quando ela for embora?

Chase olhou-o confuso.

— Caroline Braga não vai ficar, depois que cumprir a parte dela no contrato vai desaparecer, é o que ela faz.

— O que você está querendo dizer, Timot?

— Que ela não fica muito tempo em lugar nenhum. Agora não vai ser diferente, vai acabar sumindo em algum momento e teremos problemas enormes pra resolver. Jimmy.

— Mas e a história do visto?

— Um visto não a obriga a ficar em Londres. Ela pode ficar em qualquer lugar da Inglaterra e provavelmente vai desaparecer logo que tenha uma oportunidade. Isso se não fugir para qualquer outro ponto no mundo. Ela tem mais carimbos no passaporte que uma aeromoça teria em anos de profissão.

Chase esfregou o rosto sem ter uma resposta.

— Por que você está tão certo de que ela vai embora? — Chase conseguiu exprimir depois de um

silêncio tenso.

— Fiquei muito intrigado quando a conheci e comecei a pesquisar sobre ela. — Timot começou a dizer. — Não podia deixar que uma pessoa estranha se envolvesse com vocês e colocasse em risco tudo que conquistamos. Foi muito difícil, mas descobri certas coisas...

— Você a investigou? — Dony que chegava naquele momento interrompeu o empresário, seus olhos escuros estavam realmente mergulhados na curiosidade e desconfiança.

— Investiguei. Demorei muito mas consegui descobrir...

— Eu sabia que ela tinha um segredo. E o que foi que você desencavou, afinal? — Dony aproximou-se dos dois.

— Não importa. Precisamos nos preparar.

— Jimmy. — Chase anunciou para Dony que arqueou as sobrancelhas como se compreendesse.

O cantor era um poço de emoções. Sempre que se envolvia com um projeto o tomava para si como a própria vida e o levava até as últimas forças, entregava-se totalmente. Timot imaginava que provavelmente era assim também com sentimentos como amor e ódio. E isso o preocupava.

Tinha sido dessa forma com as campanhas para doação de órgãos e sangue em que ele havia se metido alguns anos antes, após um amigo de infância perder a vida por falta de um transplante de rins. Jimmy tinha vivido, respirado e comido a ideia fixa de convencer as pessoas da necessidade de doarem seus órgãos. Afundara de corpo e alma naquilo e acabou parando no hospital, estafado física e mentalmente.

A banda lucrava muito com as emoções à flor da pele de Jimmy, cada campanha em que ele se metia revertia-se em dinheiro nas contas bancárias de Timot e dos garotos, mas o vocalista jamais pensava sobre isso. Doava-se tanto para suas causas que nada mais importava. O grupo ainda não tinha se livrado dos resquícios das

últimas vezes e por isso, nem Timot nem Chase queriam ver o vocalista passar por algo parecido novamente. Mesmo que os benefícios fossem inegáveis.

Jimmy sentia as coisas diferentemente das outras pessoas. Era apaixonado e íntegro, profundo e emocional. Fora sua determinação ferrenha e o talento incomum que os levara ao sucesso. Um tombo naquela proporção e por um sentimento como amor... Nenhum deles podia imaginar a reação dele.

— E você acha que eles estão juntos? — Dony quis saber.

Chase bufou indignado ao constatar o interesse de Dony.

— Idiota. — Crispou antes de girar nos calcanhares e voltar para o quarto de Caroline.

— O quê? — Dony saiu atrás do amigo, deixando Timot pensativo.

Espero que os dois não se matem. Foi o pensamento do empresário enquanto apertava o botão para

chamar o elevador.

Era madrugada quando Caroline despertou. Estava sonolenta e tinha o corpo amolecido, mas conseguiu discernir bem a figura de Jimmy, cochilando sentado em um sofá à sua esquerda. Ele tinha os braços cruzados sobre o corpo e a cabeça pendia para trás, apoiando-se desajeitadamente no encosto. Ainda estava vestido com as roupas da gravação e parecia extremamente fatigado.

A garota olhou ao redor e deu com os outros dois membros da banda por ali também. Ficou surpresa. Chase estava acordado, recostado na janela com uma expressão de profundo cansaço, enquanto Dony dormia empoleirado em uma poltrona ao estilo cadeira do papai, as pernas e braços amontoados. Como era possível que um homem daquele tamanho dormisse tão enrolado? Era quase como uma trouxa de roupa toda amontoadada num canto da casa. A camisa bonita do guitarrista estava amassada e os cabelos bagunçados.

Chase percebeu a violinista que acenou com os

dedos trêmulos.

— A bela adormecida desperta. — Ele sussurrou, indo sentar-se na beirada do leito dela.

Caroline soltou um longo e doloroso suspiro antes de murmurar com a voz rouca e entrecortada.

— Odeio hospitalais.

Chase sorriu.

— Você nos deu um grande susto.

— Desculpe por isso.

Ele dispensou as desculpas com um aceno distraído. Ela afundou nos travesseiros e soltou outro suspiro cansado.

— Acho que você precisa descansar um pouco mais. — Chase anunciou, arrumando as cobertas da garota.

— Leve esses dois pra casa. — Caroline murmurou pouco antes de apagar novamente.

— Como se alguém pudesse convencê-los. —

Chase sorriu tristemente.

Quando ela voltou a despertar já era de manhã e um filete de luz solar penetrava no quarto pela mesma fresta onde antes Chase observava a noite londrina. Todo o corpo da violinista doía, como se tivesse sido atropelada por um enorme caminhão ou sido pisoteada por uma grande manada furiosa.

Respirou fundo e esperou que o corpo começasse a reagir. Não queria nem imaginar como deveria estar parecendo.

Uma conversa acalorada que ocorria do lado de fora do quarto sobressaltou-a. Caroline forçou os olhos a focarem-se nas duas pessoas que pareciam bater boca. Jimmy e Dony, como sempre.

Os dois gesticulavam e pareciam prestes a se engalfinhar em socos e pontapés. Chase andava de um lado para outro, resmungando e repreendendo os dois, se metendo entre eles sempre que pareciam prestes a pegar um ao outro pelo colarinho.

— Isso não é uma disputa. — Caroline ouviu Jimmy

trincando os dentes.

Dony resmungou alguma coisa que ela não conseguiu compreender. Apontava o dedo grosso no rosto de Jimmy e o fuzilava com os grandes olhos negros.

— Porque eu a amo! — o cantor respondeu melancolicamente depois de mais algumas palavras acaloradas.

A surpresa fora tanta que Caroline não conseguiu evitar e soltou um grunhido. Jimmy virou-se, o rosto vermelho e as sobrancelhas arqueadas.

— Caroline. — Ele correu até ela. — Você está bem?

A garota estava sem ação. Tinha escutado o suficiente da conversa para ficar aterrorizada. Jimmy a amava e agora ela não sabia o que fazer. Jamais imaginara se apaixonar por ele, sequer tinha sonhado se tornar parte da banda ou da vida dele. Agora tudo se complicava. Jimmy a amava. E ela, afinal o que sentia por ele?

Com um suspiro pesado Caroline tentou erguer o

corpo da cama, mas uma onda nauseante a dominou e ela precisou fechar os olhos para evitar que tudo começasse a girar.

— Me sinto como se tivesse sido atropelada. — Resmungou, decidindo fingir não ter ouvido nada do que fora proferido instantes antes. — Você está péssimo. — Falou para Jimmy que abriu um sorriso amarelo.

— O médico passou por aqui agora pouco, disse que se tudo der certo até o final do dia você será uma mulher livre.

— Ótimo.

Caroline sorriu.

— Como você está se sentindo? — Jimmy envolveu os dedos finos da violinista entre os seus. Seu rosto transparecia um misto de preocupação e cansaço.

— Bem melhor.

— Pimenta! — Dony soltou do nada. — A garota pimenta. — Riu.

— Pois é. — Ela retribuiu com um sorriso fraco. —

Agora você já conhece minha kriptonita.

— Nem brinque. — Chase resmungou.

— Você sabia que foi ele quem fez a manobra de ressuscitação? Meteu aquela boca enorme em você...— Dony contornou Jimmy e foi sentar-se perto da cabeceira dela, apontou para Chase que ficou vermelho como a pimenta que quase a matara.

Caroline suspirou.

— Precisei ser ressuscitada?

Dony assentiu.

— Obrigada, Chase. — Ela soltou com dificuldade.

— Não agradeça, aposto que ele ficou bem feliz por tirar uma lasca de você. — Dony provocou.

— Não seja tão imbecil, Dony. — Jimmy grunhiu furioso.

— Ah! — o guitarrista respondeu, sentindo-se um bobo por tentar fazer piada com a cena que o deixara verdadeiramente assustado. — Me desculpe, só quis fazer uma piada, foi pura sorte o grandão saber como salvá-la.

— Teria sido uma pena perder a única pessoa capaz de acertar esses dois com um rolo de macarrão. — Chase retrucou, tentando parecer confiante.

Algo muito sutil soou no tom de voz dele e Caroline soube imediatamente que Chase estava vestindo a armadura, assumindo a postura intocável de sempre, reerguendo o muro que evitava que outras pessoas percebessem sua vulnerabilidade. Alguma coisa tinha de ser feita e ela já começava a cogitar algumas formas de ajudar seu salvador a se livrar das barreiras que o impediam de assumir quem realmente era. Ele parecia tão infeliz, tão triste...

Uma enfermeira baixa e roliça, de pele escura e cabelos presos em um grande coque entrou no quarto e afastou os rapazes da cama, examinou os sinais vitais da moça, fez várias perguntas sobre como a violinista se sentia e sorriu com cortesia antes de sair novamente.

— Bom. — Caroline anunciou. — Vocês estão dispensados.

Os três olharam-na com desconfiança.

— É isso mesmo. Podem ir embora cuidar da vida, você está todo amarrotado, precisa de um banho e pentear essa cabeleira loura. — Apontou para Dony que abriu um sorriso charmoso.

— E quanto a você, Chase McClish, muito obrigada por salvar minha vida, mas trate de arrancar Jimmy daqui e providenciar para que ele coma alguma coisa que não seja hambúrguer. Quando eu receber alta vou precisar de uma carona...

— Você está nos expulsando? — Jimmy arqueou as sobrancelhas, fazendo os belos olhos azuis cintilarem.

Caroline sentiu um frio no estômago, algo que subiu por sua espinha e findou-se na nuca. De repente, queria se jogar nos braços do músico e deixar-se envolver por todo o amor que ele parecia dispor. Mas não o fez, contentando-se em acenar com a cabeça em concordância.

Os rapazes se despediram e mesmo Jimmy à contragosto acabou acatando a dispensa e indo embora, estava cansado e dolorido de dormir no sofá. Foi para casa onde afundou na cama sem trocar de roupa. Sonhou

com Caroline, com o cheiro de seus cabelos e lágrimas.

Dezoito

Dony se despediu de Caroline fingindo que tudo estava bem, saíra do quarto da moça acompanhado por Chase e mal se despedira do amigo ao chegar no estacionamento. Tinha algo em mente e não queria mais perder tempo.

Era um absurdo Jimmy sentir-se dono da garota. E daí que eles tinham ficado juntos? E daí que Jimmy estava apaixonadinho por ela? Por que o vocalista deveria ter mais direito do que Dony?

Apesar de o cantor declarar que não havia disputa nenhuma, Dony ainda estava na batalha e não tinha planos de desistir. Faria o que fosse preciso para mudar aquilo. Queria Caroline com todas as suas forças e lutaria para que isso se concretizasse.

Percorreu todo o resto do caminho em silêncio,

tamborilando com os dedos no volante sempre que uma sinaleira fechava. Se alguém poderia ajudá-lo a descobrir o segredo de Caroline, esse alguém era Timot. Depois seria apenas uma questão de tempo até que soubesse como usar a informação para afastar o cantor da violinista e se aproximar dela.

— Mas o que você quer, afinal? — Timot esbravejou depois de dizer pela quinta vez que não contaria para Dony o suposto segredo de Caroline.

— Saber a verdade.

— Isso já entendi, mas quero saber por quê!

— É um direito meu, você sabe, ela é uma estranha e...

— Cale a boca Donald! Você acha por acaso que sou algum velho estúpido? Já percebi que você e Jimmy estão em guerra por causa dessa garota, mas não vou dizer nada sobre isso até que os três estejam aqui diante de mim, juntos. Não seria honesto e justo.

— Mas afinal de contas o que ela fez de tão

horrível?

— Já disse que não vou falar mais nada.

— Pois bem, então vou cancelar meu contrato com você e procurar um empresário que realmente zele pelos meus interesses.

— Faça isso. Jimmy vai gostar de saber que você não é mais um empecilho entre ele e Caroline.

Dony bufou consternado.

— Droga, por que você não pode facilitar as coisas ao menos uma vez? — Resmungou. — Eu preciso saber, tenho o direito.

— Escute garoto. Vá para casa e deixe essa história de lado, se houvesse algo com que se preocupar eu já os teria alertado. Se você quer tanto essa garota deveria se concentrar nisso e não em achar coisas do passado dela. Coisas que vão fazer com que ela vá embora e se afaste de vocês dois.

— Mas o que ela pode ter feito de errado? O que de tão grave...?

Timot o dispensou com um gesto de mão e uma carranca. Dony teve certeza de que não ia conseguir arrancar nada do velho. Bom, talvez ele estivesse certo e o melhor jeito fosse mesmo achar outra forma de se aproximar de Caroline. Quem sabe como um amigo...

Quando a porta bateu e Timot finalmente se viu livre da insistência de Dony, o velho empresário abriu a gaveta que mantinha trancada e puxou o envelope.

De dentro retirou fotos e matérias de jornais, nas quais o rosto de Caroline sempre aparecia mergulhado em profundo sofrimento. O que quer que ela pensasse em fazer depois de compor as músicas com a *Left Turn*, não mudaria o passado e não a faria esquecer o que havia ocorrido, o que fizera.

Talvez se ele contasse aos rapazes da banda, se Jimmy descobrisse quem sabe pudesse ajudá-la. Ou talvez simplesmente a deixasse partir sem todo o drama que o cenário estava projetando.

É claro que Timot preferia agenciá-la, com o talento e beleza que Caroline tinha, seria fácil transformá-la numa

celebridade, a internet vinha sendo um grande recurso para isso. Se um romance entre ela e o roqueiro queridinho da Europa surgisse, então, as vendas explodiriam e os dígitos em sua conta não parariam de ganhar zeros. Contudo, não podia esquecer que assim como Jimmy, ela era sensível e estava sofrendo.

“Droga! Maldito dilema!” O velho pensou, esfregando o rosto e deixando as imagens sobre a mesa. Só um cara como Jimmy para se apaixonar por uma garota tão complicada quanto Caroline. *“Tão parecidos...”*

Jimmy abriu a porta do carro para Caroline. Agitado e tenso como ficava sempre que estava nervoso. Em sua mente, a cena dela tendo a reação alérgica que quase a levava desta vida ficava indo e voltando, embrulhando seu estômago e ferindo-lhe a alma.

Caroline desceu devagar, aspirando fundo o cheiro frio daquela habitual tarde cinzenta de Londres. Subiu de elevador em silêncio e assim ainda estava ao entrar no apartamento, seguida por Jimmy que ainda parecia um

pouco afoito.

— Bem vinda de volta. — O cantor forçou um sorriso.

— Obrigada. — Ela não estava com ânimo para conversas longas.

Queria tomar um banho quente e demorado e deitar-se naquela cama que em tão pouco tempo se tornara aconchegante e familiar.

Jimmy deixou os poucos pertences dela à porta do quarto da violinista e esperou que ela entrasse. A garota entrou e suspirou, deixando os ombros caírem com o peso de tudo que vinha angustiado-a.

— Caroline...

Ela parou, temendo o tom de voz do cantor, imaginando o que ele poderia estar esperando dela. Depois de tudo e principalmente depois do que ela escutara no hospital, não sabia como reagir, como dizer o que devia.

— Eu sei que você ouviu. Você sabe o que eu sinto.

— O cantor declarou quase em um sussurro.

Ela não conseguiu se virar, procurando palavras para expressar o tamanho buraco que havia em seu coração.

— Por favor, Jimmy, não...

— Caroline...

— Quando nosso contrato acabar, eu vou embora. Você sabe disso, não sabe?

Jimmy engoliu em seco, sentindo um nó formar-se em sua garganta.

— Eu sei. — Jimmy tentou parecer firme, mas o som de sua voz tremeu e ele teve certeza de que desmoronaria ali mesmo, diante da primeira garota que realmente amou.

— Então, talvez nós não devêssemos complicar as coisas...

— Apenas me deixe terminar. — ele pousou as mãos com delicadeza sobre os braços finos dela, lutando contra a ânsia por tomá-la em um abraço longo e forte. —

Não estou pedindo nada a você. Nada. Não espero que sinta o mesmo, mas também não vou esconder como me sinto. Eu a amo Caroline. Sei que você vai embora em breve, mas ainda assim, eu a amo.

Caroline se virou naquele momento e com os olhos forçando as lágrimas a retrocederem tentou montar um sorriso, o que se revelou em uma carranca que exprimia toda a dor que sentia.

— Obrigada por tudo James Walker.

— Sabe que soa muito bem dito por você.

Caroline sorriu, aconchegou o rosto no peito do astro e fechou os olhos, deixando o perfume masculino dele invadir-lhe a alma e arrancar todas as barreiras que a protegiam das dores que o mundo pode causar.

Jimmy tocou o rosto de Caroline com carinho, levantando o queixo fino da violinista e depositando um beijo suave na ponta. Ela fechou os olhos e deixou-se embalar pelo beijo arrebatador que veio em seguida.

Sem mais pensar em nada os dois guiaram-se

apenas pelo desejo e paixão e o beijo foi tão intenso e profundo que lhes permitiu desfrutar muito mais do que o sabor um do outro. Ambos viajaram até o mais profundo sentimento, entregando suas almas aquela chama que os possuiu.

— Droga Jimmy!

A voz grave e furiosa de Dony despertou os dois que se afastaram desajeitadamente.

— O que você está fazendo aqui? — O cantor tentou parecer calmo, mas seu coração espancava o peito perturbadoramente.

Dony não disse nada por algum tempo, olhando para Caroline como se todo seu mundo desmoronasse.

— Nada. — Falou, sem tirar os olhos dela, que se tornara um tormento em sua vida.

Só naquele momento ele tinha certeza, naquela porcaria de momento em que a pegara aos beijos com o melhor amigo é que Dony soube. Ele a amava. Bateu à porta ao sair.

Jimmy ficou parado, confuso. Aquele olhar de tristeza de Dony o havia pego de surpresa e ele não fazia ideia do que dizer ao amigo.

— Acho que você precisa ir atrás dele. — Caroline falou.

Jimmy apanhou o casaco e correu, mas Dony já estava longe, furioso, magoado e completamente apaixonado por uma garota que provavelmente nunca teria.

Dezenove

Chase piscou algumas vezes e finalmente acordou, dando de cara com um olhar profundo de Michael. O baterista sorriu ainda sonolento, contente por estar ali, diante de alguém que realmente fazia seu coração bater.

— Nós precisamos conversar. — Michael anunciou, a voz tensa.

Chase ergueu-se sobre os cotovelos e lançou um olhar especulativo ao outro. Vinha evitando aquele tipo de conversa há bastante tempo por saber tudo que estava em risco ali. O olhar do outro, porém, deixava bastante claro que nenhum dos dois sairia daquela cama sem que a questão estivesse esclarecida.

— Tudo bem. Diga.

Michael deu um sorriso tímido antes de anunciar:

— Acho que me apaixonei por você.

Chase sentiu como se fosse tomado por uma força arrebatadora, envolvendo-o numa mistura de dor e ternura.

— Você não vai dizer nada, Chase?

— Minha vida é muito complicada...

— Eu sabia. — Michael crispou, levantando de um pulo e começando a vestir os jeans.

— Michael...

— Eu sei que você é um astro, mas não estou aqui por isso. Respeito sua decisão de manter sua opção sexual em sigilo, a decisão é sua, mas não posso e não vou me envolver num relacionamento assim.

— Assim? Assim como?

— Como se o que fizéssemos fosse sujo e errado.

— Eu não disse isso.

— Nem precisou. Olha só para você, Chase. Um adulto que tem medo do que as outras pessoas vão pensar.

— Eu não tenho medo do que os outros vão pensar.

— Chase pegou as mãos de Michael com carinho. — Eu tenho medo do que meu pai vai pensar.

Michael ergueu o olhar para o baterista e sentiu que finalmente a barreira que o fechava em um mundo de aparências estava ruindo.

— Eu sei exatamente como minha mãe reagiria, sei que ela me abraçaria e continuaria como se nada mudasse em nossas vidas, mas o meu pai... o meu pai provavelmente nunca mais conseguiria olhar pra mim. Já foi tão difícil fazê-lo aceitar a minha profissão...

De repente as lágrimas vertiam desenfreadas sobre a pele mal barbeada de Chase. Ele sentou-se na cama, esfregou o rosto e deixou-se chorar como nunca antes fizera.

Michael não foi embora.

Caroline soltou uma gargalhada divertida ao ver o que havia acontecido. Jimmy, desconcertado apenas suspirou.

— Acho que vamos ter que pedir pizza.

A violinista riu novamente.

— Vai dar um belo trabalho limpar essa bagunça.

— Ainda não entendo o que fiz de errado. Segui a receita à risca.

— Se você seguiu à risca como é que foi parar massa e legumes no teto? Não me diga que é um novo jeito de comer? De cabeça para baixo e pendurado no teto...

— Engraçadinha. — Jimmy envolveu-a em um abraço, sujando-a de molho, massa de suflê e legumes explodidos.

A receita tinha ido por água baixo, mas o clima continuava delicioso. Caroline já estava mais animada e conforme os dias iam passando parecia esquecer as barreiras que a impediam de viver aquele romance e simplesmente se deixar levar pelo afeto e pelo sexo constante com Jimmy.

As músicas também fluíam como um rio caudaloso que procura incansavelmente o mar. No dia anterior

havam finalizado a terceira e última música do contrato. Como desculpa tiveram a inteligente ideia de criar uma canção bônus para o álbum e assim o trabalho havia recomeçado, ora interrompido pelos beijos sôfregos que trocavam, ora pela fome, ora pela vontade de não fazer nada além de acariciarem-se. Aquela canção talvez demorasse mais do que as outras três juntas para se concretizar, mas nenhum deles realmente parecia determinado a concluí-la.

— O que você acha de comermos fora? — Jimmy beijou o pescoço de Caroline.

— Desde que seja um restaurante discreto, por mim tudo bem. — Ela declarou, olhando enviesado para as roupas manchadas da meleca que definitivamente virou o jantar.

Saíram quase duas horas mais tarde, depois de limpar a bagunça na cozinha, de fazer amor no chuveiro e se atracar aos beijos entre a secagem de cabelo de Caroline e os cadarços de Jimmy.

A noite úmida de Londres nunca fora um problema

para Caroline, havia aquela agradável aura outonal e a paisagem cinzenta do dia dera lugar a um brilho animado noturno. Definitivamente ela adorava estar ali.

Os dois jantaram em um pequeno bistrô de comida italiana, arriscaram algumas palavras no idioma e divertiram o garçom tentando imitar um casal italiano de mafiosos. Jimmy jamais imaginaria sentir-se tão confortável com estranhos, mas Caroline parecia ter o dom de transformar uma brincadeira que facilmente passaria por grosseria em uma grande cena comédia. Tinha um imã que fazia com que as pessoas sorrissem facilmente para ela e isso era eletrizante.

Quando estava feliz, era impossível não se sentir contagiado. Tomaram do melhor vinho do local e conheceram o dono, um autêntico italiano de uma pequena cidade ao sul da toscana. O deixaram encantado com seus muitos elogios. Por fim, Jimmy deu alguns autógrafos e tirou uma foto com o anfitrião, após ser descoberto por alguns adolescentes que jantavam animados nas mesas do fundo.

O homem se ofereceu para deixar o jantar por conta da casa, mas o astro do rock ficou ofendido e decidiu que deveria, inclusive, deixar uma boa gorjeta. A violinista por sua vez, parecia deliciada com a cena teatral de Jimmy, fazendo-se de magoado.

Saíram do restaurante e caminharam por algum tempo, as mãos dadas e o rosto avermelhado pelo frio que começava a se intensificar.

Para Jimmy nem a fama, o dinheiro ou todos os projetos sociais em que havia se metido eram capazes de superar aquela sensação de puxar Caroline para o aconchego de seu peito e envolvê-la em seus braços. O aroma do cabelo dela já estava impregnado em todo seu corpo e ele se via desolado só de pensar no dia que teria de dar adeus. Talvez ela mudasse de ideia. Talvez também estivesse feliz e fosse capaz de abrir seu coração. Talvez...

Ele tinha esperanças. Precisava achar o momento certo para conversar sobre o assunto. Tinha medo da reação da violinista, mas não podia mais ficar remoendo

sobre aquilo, sofrendo antecipadamente por um adeus que podia muito bem ser adiado pelos próximos sessenta ou setenta anos. Pelo menos para ele, esse adeus podia jamais vir. Só precisava convencer Caroline disso.

Retrocederam o caminho, voltando para o carro e depois para o apartamento de Jimmy. No percurso discutiram sobre as coisas de sempre: música e músicos, comida e restaurantes, viagens e outras bobagens que vinham se tornando parte de seu repertório.

Já no elevador o cantor não pôde mais se conter. Assim que a porta dupla se fechou, apertou o botão de número 11 e encarou Caroline.

— Não vá embora.

Ela ergueu as sobrancelhas sem compreender a princípio.

— Aconteceu alguma coisa muito forte com você no passado.

Ela baixou os olhos, nervosa.

— Escuto você chorar durante a noite, seus

pesadelos.

— Por favor... — murmurou engasgada.

— Não estou pedindo que me conte. Só que me deixe fazer parte do seu presente e quem sabe do futuro.
— ele continuou, os olhos firmes nos dela.

— Jimmy...

— Sei que você sente algo por mim, não é só um caso, não pode ser.

— Eu... — Caroline suspirou. — Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada, apenas não vá embora, não agora.

Com o coração apertado e o rosto afogueado, o cantor aproximou-se de Caroline e pôde sentir a força das batidas do coração dela. Como se estivesse prestes a pular de seu peito.

A porta do elevador abriu e Caroline escapou para o frescor do corredor, insuflando o ar com dificuldade.

Jimmy, percebendo o quanto ela estava perturbada,

arrependeu-se de ter tocado no assunto e desistiu de continuar a conversa. Mesmo que não houvesse outra chance, causar mais dor nela era tudo o que ele mais queria evitar. Abriu a porta do apartamento e a seguiu silenciosamente pela sala.

— Mas que diabos... — Jimmy soltou ao dar de cara com Dony sentado no sofá, os olhos presos em uma porção de papeis.

O guitarrista ergueu os olhos dos papeis e fixou-os em Caroline que enregelou ao notar a expressão ferina que ele mantinha.

— Vocês demoraram. — Dony declarou, abrindo um sorriso ferino que direcionou para Jimmy.

— Preciso acabar com essa história de chave reserva. — O cantor resmungou em resposta. — O que você quer, Dony?

— A verdade!

— Sinto muito, Dony, se você não está feliz, mas...

— Cale a boca, Jimmy! — O guitarrista crispou,

levantando do sofá e abanando algumas imagens nas mãos.

— Você acha que me importo com o que você sente?

Nem Caroline nem Jimmy tiveram reação com aquela explosão.

— É sempre o Jimmy, o coitadinho que precisa ser preservado, protegido para não ficar sofrendo... Oh! Pobre Jimmy.

— Dony... — Jimmy começou a dizer quando o outro jogou algumas fotos na sua direção.

O cantor pegou uma e olhou espantado. Na imagem Caroline estava banhada em sangue, uma expressão de terror formada no rosto. Desorientado, ele olhou para a violinista que puxou a foto de suas mãos e congelou no momento em que seus olhos encontraram os da imagem.

Ela não disse nada, mas sua expressão imediatamente se transformou.

— Você sabia que ela matou alguém? — Dony declarou.

— O quê? — Jimmy murmurou, confuso.

— Saberla se tivesse aberto a mala dela antes. Ela guarda uma pasta inteira de recordações.

Caroline correu para seu quarto e encontrou tudo revirado, voltou afoita, os olhos torturados.

— Por que você está fazendo isso? — Ela arquejou, sentindo que o ar começava a faltar.

— Por que não? Você entra nas nossas vidas, nos coloca uns contra os outros e acha que eu deixaria por isso? — Dony parecia enlouquecido, reunindo mais fotos e lançando-as para ela.

— Dony! Pare com isso! — Jimmy avançou contra ele.

— Você sabia disso? — Caroline choramingou, pegando as fotos com as mãos trêmulas. — Por isso aquela conversa no elevador?

— Não! Eu não sabia de nada. Ainda não estou entendendo o que está acontecendo aqui. Que história é essa de que você matou alguém?

Jimmy tentou se aproximar de Caroline, mas ela já

se afastava dele com o terror envolvendo cada parte de seu corpo. Deixou as fotos caírem sobre seus pés e saiu correndo.

— Caroline... — Jimmy tentou ir atrás dela, mas Dony o segurou pelo braço e bateu em seu peito com um recorte de jornal.

Um carro totalmente destruído, uma jovem assustada com as mãos sujas de sangue e corpos cobertos. A notícia era em português, mas Jimmy não precisou traduzi-la para compreender.

Vinte

— Ana, o que você está fazendo?

— Arrumando a mala do bebê. — A garota disse, acariciando a barriga com um gesto protetor.

Ele sorriu. Já estava acostumado com aquele gesto, sabia que ela o fazia inconscientemente, mas gostava de ver.

Seriam pais jovens, mas estavam prontos. Igor sentia, no fundo do coração que sim. Não havia outra mulher para quem olharia e mesmo com aquele barrigão, não havia outra mulher mais sexy. Ele a amava, o que podia fazer? Ainda estava tão apaixonado quanto há dois anos, quando haviam se conhecido.

A garota teimosa que havia jogado uma laranja nele. Nunca tinha se imaginado numa situação daquela nem no resultado a que poderia chegar. Se alguém o

tivesse parado na rua e dito que iria se apaixonar pela moça mau humorada a quem iria atropelar, jamais teria acreditado e mesmo assim agora estava ali, vendo-a acariciar o ventre com as mãos finas e as unhas vermelhas.

Os cabelos escuros caíam em cascatas pelos ombros e o vestido estava levemente apertado no ventre, mas isso não a impedia de perambular de um lado para outro pela casa.

— No que você está pensando? — Ela perguntou, enquanto dobrava a roupinha do bebê.

— No dia em que conheci você.

— Você quer dizer no dia em que me atropelou... — Ela sorriu desafiadoramente.

— Não tive culpa. — ele provocou. — estava saindo da garagem, não a vi e nem doeu tanto assim.

— Eu gritei. Teria gritado se não doesse?

— Ah! Você grita por qualquer coisa. Se uma barata aparece você grita, se aparece alguma coisa na

tevé grita para eu vir ver também... Agora me pergunto o que poderia fazer uma moça tão bonita e delicada atirar uma laranja em alguém.

— Eu gritei, você não escutou, atirei as laranjas.
— Ela riu, lembrando-se de atirar a primeira laranja no vidro fechado do carro e esperar que ele abrisse para atirar mais uma, certificando-se de acertá-lo na cabeça.
— Nada se comparado a dor que me causou com o atropelamento.

Igor riu, encerrando a discussão.

— Aonde você está indo com essa bolsa, Ana?

— Para o carro.

Ele a olhou torto, sem compreender de imediato.

— Está na hora. — Ela disse pacientemente.

— Na hora de quê?

— Do seu filho nascer. Santo Deus, homem! O que há com você hoje?

— Já? — Ele engasgou. — Mas você nem está com contrações.

— É claro que estou. Só porque não estou gritando e agindo feito louca não quer dizer que não está doendo. Está e muito.

— Então precisamos de um hospital. — Ele se apressou. — Me dê a bolsa. — Disse, puxando a bolsa das mãos da esposa.

Ela não se mexeu esperando pela atrapalhão.

Igor correu pela sala com a bolsa da esposa nas mãos, procurando por alguma coisa que nem mesmo ele parecia saber o que era. Depois, como um furacão saiu do apartamento e correu pela escadaria, descendo de dois em dois, os degraus.

Ana sorriu quando a porta do apartamento bateu. Vagarosamente foi até a bancada da sala e apanhou as chaves do carro e a carteira dele. Abriu a porta e a fechou, dando de cara com o marido aflito que voltava para buscá-la, depois descobrir que esquecera o mais importante, a esposa e o filho prestes a nascer.

— Desculpe, amor. Acho que fiquei nervoso.

Com carinho, Ana sorriu e entregou os pertences para ele. Esperou as contrações irem e virem, apertando com força os punhos fechados e cravando as unhas na própria pele da palma. Só então o seguiu.

No carro, Ana alternava entre sorrisos afetuosos e carrancas de dor, apertando com força a bolsa os próprios braços. Igor via a cena e sentia o desespero crescer. Dirigiu em alta velocidade pela noite escura e fria.

Caroline Braga era o nome mais promissor da escola de música e da própria orquestra estadual naquele ano. Tão jovem, linda e tão cheia de paixão pelo violino. Uma única nota irradiava a vida que ardia frenética dentro dela. Um acorde emendava-se naturalmente em outro e logo ela estava criando coisas inacreditáveis. Do clássico toque erudito a batida contemporânea eletrônica. Estava sempre em busca de algo mais, como um surfista que vai mais e mais fundo no mar em busca da onda perfeita. Assim ela o era com a

música.

A melodia que estava repassando pela vigésima vez na última hora era deliciosa e embalou o sono de Augusto, seu noivo. A penumbra do auditório fazia com que os olhos dela pesassem cansados e os dedos tremessem. Talvez fosse hora de encerrar. É claro que no outro dia logo cedo estaria de volta, levando à exaustão, braços, costas, dedos, ombros, tudo.

Sua melhor chance de se tornar alguém notável na música estava marcada em forma de uma audição especial que ocorreria em dois dias. Se se saísse realmente bem talvez fosse uma das escolhidas para participar da orquestra sinfônica de Veneza e depois nem o céu seria o limite. Estava tão envolvida com aquela ideia, com a vontade de vencer aquele desafio que decidiu repassar a melodia mais uma vez.

Uma hora mais tarde sentiu o corpo implorar por um descanso. Cada junta doía, cada músculo estava retesado e dolorido. Desligou os aparelhos eletrônicos e o amplificador, guardou o violino no estojo depois de

limpá-lo e finalmente desligou as luzes, escurecendo o auditório e silenciando os ecos dos acordes que a fariam alçar voo para um mundo completamente novo. Um mundo que a aguardava há muito tempo.

Desceu os degraus do palco pela coxia, ainda recolhendo e enrolando um dos cabos que faziam parte de seu arsenal. Foi em direção a primeira fileira da plateia onde Augusto dormia esparramado sobre um assente pequeno e surrado. Cutucou-o com os pés duas vezes seguidas, até que ele acordasse. Sobressaltado o noivo pulou.

Ela deu-lhe um beijinho suave e anunciou a partida.

Já no carro, ela espantou-se com o adianto da hora. O relógio do rádio marcava uma da manhã.

— Você estava linda, amor. — Augusto disse entre um bocejo e outro.

— Você dormiu metade do ensaio.

Ele fez um beicinho que ela retribuiu com um

olhar enviesado.

— O que você acha de eu dirigir? Você parece mais cansado do que eu.

— Fique à vontade, o plantão no hospital acabou comigo. — Disse, saindo do carro e indo assumir a posição de passageiro.

Caroline pulou para o banco do motorista, colocou o cinto e deu a partida. No meio do caminho ligou o rádio e deixou que a melodia de Beethoven enchesse seus ouvidos e a guiasse pelo caminho.

O noivo dormia profundamente, ressonando como um gatinho que se aconchega em um cesto de novels de lã e dorme pesado depois de brincar. Caroline tocou o rosto dele e sorriu consigo mesma. Tinha muita sorte, um pai amoroso que conseguia lhe proporcionar uma vida maravilhosa, inclusive todas as horas que queria com o instrutor de música americano caríssimo; uma mãe obcecada por cremes de beleza e por exercícios físicos que insistia que uma vida saudável era o melhor caminho para a felicidade; um irmão que sempre dava

um jeito de irritá-la e os meter em confusão, mas que também era seu maior fã e melhor amigo; e um noivo lindo, apaixonado e bem sucedido, ah! E um dorminhoco.

Seguiu pela estrada rumo ao bairro chique em que morava com a família. Em breve aquela paisagem se tornaria uma lembrança de toda sua juventude e anos de estudo, em breve, só passaria por aquela estrada uma vez ao ano, de passeio, nas férias da orquestra veneziana. Em breve...

Os olhos de Caroline estavam tão cansados, pesando com a força da gravidade, os músculos queriam relaxar, mas ainda doíam pelas horas de treino, a cabeça parecia não querer mais atinar o caminho a seguir. Aos poucos, os pensamentos sobre a vida nova que teria na Itália, sobre o casamento que deveria ocorrer logo que os dois estivessem estabilizados na Europa, os repasses mentais das notas da melodia que lhe abriria as portas da música internacional, tudo foi ficando distante e cinza, sumindo vagarosamente até se tornar um grande

breu. Caroline dormiu ao volante e só acordou quando sentiu a pancada.

Desorientada, abriu os olhos e sentiu a vertigem assumir o controle. A respiração custava a sair, um gosto de sangue inundava seus lábios e corria por sua garganta, queimando-a. ela olhou para as mãos, tentando compreender o que ocorria e foi quando viu SANGUE. Havia sangue por todos os lados.

Caroline fechou os olhos e puxou o ar com força, obrigando-o a penetrar pelas narinas feridas e afundar no peito, buscando dominar os próprios sentidos, mas estava cansada e machucada demais. Quando tornou a abri-los percebeu o grande estrago que provocará ao dormir na direção. O carro estava destruído e ninguém, nem mesmo anos depois, conseguiria explicar como ela havia sobrevivido com apenas costelas quebradas e hematomas.

Ainda sentindo as dores do acidente, Caroline tentou alcançar o noivo, mas o corpo dele jazia inerte no asfalto. Augusto estava sem cinto de segurança,

dormindo com o banco reclinado e na certa voara pelo vidro com o choque, indo transformar-se numa grande poça de sangue no chão negro e triste. O airbag destruído junto a ele.

A musicista sentiu o corpo vergar ao ver o homem que amava daquela forma. Tentou tocá-lo, o reanimar, mas nada fez com que ele voltasse a respirar, estava morto.

Um ruído despertou a atenção de Caroline, que ainda chorava com o corpo do noivo nos braços. Ela olhou ao redor tentando compreender e foi quando viu uma mão se mexer.

Estava tão absorta na morte de Augusto que nem percebera o estado do outro carro. O automóvel, um carro popular branco, não tinha mais a parte da frente, tão amassado ficara com o choque provocado pela violinista. Caroline levantou cambaleante. Depositando delicadamente a cabeça do noivo no asfalto, seguiu na direção do carro e soltou um grito desesperado ao ver quem mexia a mão. Uma mulher cujo ventre anunciava

uma gestação avançada.

A mulher que estava sentada no banco do passageiro, tinha o rosto, a roupa e os cabelos totalmente ensanguentados e lutava para afastar o airbag que se abrira com o impacto e agora a sufocava. A parte de baixo de seu corpo havia sido destruída assim como o carro. Caroline arrancou o Airbag com força e tentou ajudar a moça, mas ela gemeu e cuspiu sangue. Chorando, passou a mão muito machucada sobre o ventre e lamuriou-se.

O motorista tinha cerca de trinta e poucos anos e grunhiu de dor como uma presa momentos antes de dar seu suspiro final, mas ao invés disso ele chamou pelo nome da esposa. Ana. A mulher que lutava por sua vida e pela do bebê, que respirava com esforço, numa tentativa de ficar viva mais um pouco chamava-se Ana.

Caroline desmaiou no minuto seguinte.

Vinte e um

A chuva fina sob o céu negro de Londres cobria as lágrimas que vertiam desenfreadas pelo rosto de Caroline. A maquiagem misturando-se e amargando o sabor que teimava em afundar nos lábios dela.

Esbarrando pelos poucos passantes que se protegiam com guarda-chuvas e capas, ela correu sem pensar para onde. As imagens do acidente desenhando-se diante de seus olhos com força e brutalidade.

Em um instante atravessava uma rua, no outro estava diante de Ana, a mulher que perdera a vida no acidente provocado pelo cansaço de Caroline. Era tudo culpa dela, tantas horas de ensaios exaustivos, tanta obsessão... Tudo por um sonho que jamais iria se tornar realidade. Tantas vidas destruídas por causa dela.

E agora, perdida naquele tormento de imagens disformes, gemidos de dor, lágrimas e sons de buzinas, ela não sabia o que fazer, nem para onde ir. A água caía com mais força empapando a roupa. Nunca deveria ter se deixado envolver de novo pela música, nunca deveria ter se permitido amar novamente.

E como Jimmy pudera compactuar com a armação de Dony? Por que precisavam destruí-la daquela maneira?

Como se ela mesma não se culpasse e punisse dia após dia desde o acidente. Como se cada acorde tocado no violino não lhe infringisse a mesma dor de uma faca cravando-se no coração.

A dor rasgava seu peito e foi preciso parar e se apoiar em um poste para não cair sem forças em meio aos estranhos que fugiam do frio que começava a esticar suas garras e acariciar as faces mornas marcadas pelas gotas gélidas da chuva.

Quando o mau tempo se transformou em tempestade, Caroline se viu diante do prédio de Chase. Havia estado ali apenas uma vez durante um passeio com Jimmy. Não

sabia porque seu corpo a conduzira inconscientemente até ali e pensou em continuar andando. Talvez a água da chuva pudesse lavar todas as coisas que fustigavam a alma. A dor que lhe era imposta pela tempestade de sentimentos era demais para suportar, cambaleante, ela entrou na recepção e ignorou o porteiro, indo para o elevador, as mãos trêmulas tentando apertar o botão.

O homem de uniforme pareceu alarmado ao ver a moça naquele estado, a garota estava atordoada e mal conseguia balbuciar o nome do morador a quem ia visitar.

— Chase McClish. — Ela sussurrou, o corpo miúdo convertido em uma silhueta tremendamente assustada e encharcada. Apertando as mãos uma na outra, ela se encostou na parte de trás do elevador e deixou o olhos fecharem-se, tornando o choro ruidoso e triste.

O porteiro não disse nada, apertou o botão, esperou que as portas se fechassem e discou para o apartamento do baterista.

Quando o elevador apitou, anunciando o andar desejado, Caroline estava no chão, encolhida e chorando

sem parar. Chase estava do lado de fora da porta, esperando-a com uma toalha e braços prontos para aconchegá-la.

Ao vê-la daquela forma sentiu o coração doer, correu para abraçá-la e envolvendo-a na toalha macia a ergueu do chão e amparou enquanto a guiava para dentro do calor do apartamento.

— Você está bem? — Chase perguntou, certificando-se de que conseguia ficar de pé.

Caroline fez uma negativa silenciosa, baixou o rosto para as mãos e voltou a chorar.

— Eu os matei, Chase, matei.

Jimmy voltou para seu apartamento transtornado. Tinha perdido Caroline de vista quando um sinal de trânsito abria e uma pequena comitiva de carros o obrigara a parar. Depois disso correu por alguns quarteirões mas não viu nem sinal dela, derrotado retornou.

Quando passou pela porta de casa, seu rosto estava vermelho e sua respiração pesada. As roupas encharcaram o chão por onde ia passando.

Dony ainda estava lá, recolhendo as fotos e recortes de jornal. Um semblante inexpressivo vincado no rosto forte. Realmente tinha achado que fazer todo aquele estardalhaço ao enfrentar Caroline era o melhor jeito de vingar-se, mas agora não estava tão certo disso. A forma como a estrangeira havia ficado transtornada, o desespero de Jimmy. Talvez tivesse ido longe demais.

Horas antes, quando chegara ao apartamento do colega de banda e ex-melhor amigo, não imaginara que ao mexer nas coisas dela realmente encontraria algo sobre seu misterioso passado. Muito menos que fosse um passado tão triste. As imagens perturbadoras estavam escondidas no fundo da mala de Caroline e pareciam ter sido vistas milhares e milhares de vezes.

— Desgraçado! — Jimmy se lançou para Dony que não o vira entrar por estar mergulhado na confusão dos próprios pensamentos, culpando-se por ter ido além de

qualquer limite e provocado uma dor terrível na garota de quem gostava. — Como você pôde?

O primeiro soco foi tão forte e inesperado que Dony caiu novamente no sofá, desorientado. Jimmy pegou-o pelo colarinho e o jogou para o outro lado da sala. Dony rolou sobre a mesa de centro, espatifando-a.

— Eu sei! — Dony gritou quando o cantor voou sobre ele novamente. — Eu errei, me desculpe. Não pensei direito.

— Você nunca pensa. — Jimmy o lançou novamente pela sala, furioso demais para se importar com o que se quebrava pelo caminho.

Dony bateu com as costas na bancada da cozinha e cuspiu sangue. Jimmy estava enlouquecido. Ódio era tudo o que sentia. Nunca havia se apaixonado de verdade e agora era obrigado a ver a única mulher com quem tinha se importado partir com o coração destroçado. Tudo por causa do maldito egoísmo e a mania de Dony achar que poderia ter a mulher que quisesse, quando quisesse. E pensando nisso a raiva fazia seu sangue ferver e os punhos

acertá-lo com raiva.

— Por que, Dony? Por que você tinha que querer logo ela?

Jimmy sentiu as forças deixarem seu corpo e arriou ao lado do outro.

Dony limpou o nariz que escorria um filete de sangue. Poderia ter reagido, entrado naquela briga e lançado sobre o cantor toda a raiva que vinha nutrindo nas últimas semanas, mas não. Ele sabia que merecia cada soco, cada palavra e cada sentimento ruim que Jimmy nutrisse. Ele tinha ido longe demais.

— Você não entende, não importa o que ela fez. Eu realmente a amo.

Vinte e dois

O apartamento de Chase tinha um leve aroma de perfume masculino misturado a menta que vinha do chá que o amigo do rockstar oferecia para Caroline. Ela tentou sorrir em agradecimento, mas cada pedacinho de seu rosto parecia inchado e dolorido e por isso apenas meneou a cabeça e bebeu o chá.

— Talvez seja melhor eu ir embora. — Michael cochichou para Chase.

— Não é necessário, Caroline sabe de tudo.

Michael alteou as sobrancelhas grossas e sorriu para a estranha que parecia completamente perdida no mundo. Era uma criaturinha pequena e fragilizada, tremendo sob a toalha enquanto bebia com dificuldade o chá.

— Vou preparar um banho pra você e arranjar

alguma coisa que sirva para trocar essas roupas que estão um bagaço. — Deu um tapinha nos joelhos dela enquanto passava.

— Desculpe. — Ela murmurou para Chase quando estavam sozinhos.

— Pelo que?

— Por estragar sua noite, por vir sem ser convidada, invadir seu espaço com meus problemas... — a garota desatou a chorar novamente.

— Nunca conheci ninguém como você, Caroline. Deixou os meus dois melhores amigos completamente loucos. Amansou meu empresário compondo canções incríveis, me descobriu... E, agora, pelo jeito caiu nas graças do Michael também.

Ela não esboçou nenhuma reação.

— Não precisa se desculpar. — Chase a abraçou, deixando-a chorar sob sua roupa amassada.

Michael retornou algum tempo depois, carregando uma toalha, uma camiseta de Chase e mais alguma coisa

que achou necessário para uma garota bonita e abalada se recompor.

— É bom saber que você tem coração. — Falou para Chase, sentando-se do outro lado de Caroline e tomando os dedos tímidos da moça entre os seus. — Meu nome é Michael O'Donnell e eu fico muito feliz por conhecer uma amiga do Chase.

Caroline ergueu os olhos para ele e sorriu.

— Sinto muito por isso. — Ela disse limpando os olhos e entregando a xícara de chá para Michael.

— Ah! Que bobagem. Se você veio aqui num momento difícil significa que ele é um bom amigo, e isso me deixa feliz.

Chase surpreendeu-se com a forma como Michael estava conduzindo a situação, numa mistura paternal e amigável. Era um louro jovem e musculoso, mas sempre surpreendia Chase com suas coisas de garoto inteligente e bom rapaz. Quem diria que ele seria capaz de transformar aquele momento dramático em um encontro de amigos ou quase isso.

— Bom, agora que já sabe quem eu sou e o que sou do Chase... Bom, isso nem eu sei, mas em todo caso, por que você não me conta sobre você? O que foi que aconteceu? Alguém a machucou?

E Caroline contou.

Partindo de um início que não incluía nenhum dos músicos da *Left turn*. Falou do noivo, dos planos para o casamento, da paixão pela música e a audição para a filarmônica italiana, do acidente e de como toda sua vida havia se transformado num grande tormento. Contou sobre os pesadelos com Ana, a mulher que perdera a vida no acidente; o sangue que nunca saía de sua mente, borrando até o mais eletrizante acorde que ela escutasse; e como vinha se punindo nos últimos dois anos, carregando o violino ao redor do mundo sem jamais se permitir tocá-lo. Isso até chegar a Londres e a beleza cinza da cidade tomá-la com a força de um terremoto, obrigando-a a entregar-se novamente às notas melancólicas do violino. Ela havia se rendido e tocado diante da torre de Nelson por vários dias até conhecer Jimmy e sua maldita insistência.

Agora estava novamente com o coração partido. Amava Jimmy. Ah! Sim, não podia mais negar, assim como não podia esquecer que por sua causa outro homem que amara estava morto, além de uma família inteira. Jamais se perdoaria e jamais perdoaria Jimmy e Dony por armarem toda aquela cena com os recortes de jornais.

Fazia algum tempo que vinha cogitando a hipótese de abrir seu coração para o cantor, dizer da dor que carregava e pedir para que ele não a odiasse por isso, por não vê-la como um monstro que causava a morte de uma mulher grávida; depois da conversa no elevador achou mesmo que poderia fazer isso e que entregar seu coração era um preço pequeno a ser pago pela felicidade que ele proporcionava... até que viu Dony. Toda dor tinha voltado furiosamente. Arrebentando a pouca estabilidade que conseguira construir.

— Não acho que Jimmy faria uma coisa dessas... — Chase opinou enquanto Michael trazia mais chá para eles. — Dony, por outro lado, sempre faz todo tipo de estupidez...

— Não importa quem fez o quê. — o louro falou, entregando uma xícara quente para a violinista. — A verdade é que, pelo que você está contando, sofreu um acidente. Acidentes acontecem e você não ficar se culpando por isso.

— Michael!

— Ah! Chase, por favor. Ninguém pode passar a vida se torturando por uma fatalidade. Você mesma disse que seu noivo estava exausto, se ele dirigisse, poderia ser ele a provocar o acidente... Em algum momento temos que deixar nossos erros e medos e seguir a vida.

Caroline não disse nada. Sabia que ele tinha razão, mas não conseguia se livrar de toda aquela dor, de todo o sofrimento que aquelas lembranças causavam.

Depois de um banho e muitas lágrimas, finalmente Caroline dormiu, aconchegada em um cobertor macio no sofá discreto de Chase.

— Nossa, que história... — Michael disse, compadecido da expressão triste que a violinista tinha enquanto dormia.

— Vou ligar pro Jimmy.

— Vai?

— Só para avisar que ela está bem.

— Você acha uma boa ideia?

— É isso ou deixar ele revirar a cidade atrás dela.

Já deve estar indo a hospitais...

— Você não está falando sério...

— Você não conhece meus amigos.

Michael fechou o cenho e Chase arrependeu-se imediatamente do que dissera.

— Olha, o Jimmy é um pouco dramático e o Dony só faz burrada, então acho melhor avisar que está tudo bem.

— Claro. Acho que vou aproveitar e ir embora. — Michael forçou um sorriso.

— Você não vai ficar?

O louro deu de ombros.

— Não sei se é uma boa ideia. Se os seus amigos

aparecerem por causa dela vão acabar percebendo...

Chase pensou por alguns instantes, se deixasse que Michael fosse embora, provavelmente estaria se deixando vencer novamente por todo aquele medo do que os outros pensariam a seu respeito, medo do pai.

— Fique. Não sei se vou conseguir lidar com tudo isso sozinho.

— Mas e os seus amigos?

— Que se dane!

Michael entregou o celular para Chase e sorriu. Em seguida tirou a camisa e jogou-se na cama.

— Chase. — Jimmy atendeu o telefone, afoito. — você não sabe o que aconteceu...

— Ela está aqui. — Chase respondeu com seu jeito sério de sempre.

— Graças a Deus. Estou indo praí.

— Não. É melhor você esperar até amanhã, de qualquer forma ela já está dormindo, estava muito nervosa.

— Ela contou o que aconteceu?

— Contou. Você está bem?

— Não! Aquele imbecil... Como ele pôde fazer isso?

— E você não sabia de nada?

— Claro que não. Quando chegamos, Dony estava aqui, e tinha todos aqueles recortes de jornais com fotos da Caroline espalhados. Ela ficou transtornada, achou que eu tivesse alguma coisa a ver...

— Ah! Que merda o Dony foi fazer dessa vez... — Chase deixou escapar. — Bom, amanhã vocês conversam, aposto que tudo vai se resolver.

— Como ela está?

— Arrasada, mas vai ficar bem.

Jimmy suspirou pesado.

— Obrigado.

Nenhum dos membros da *Left Turn* dormiu naquela noite. Dony, culpando-se pela grande burrada que fizera e

pela dor dos hematomas; Chase, pensando sobre todas as coisas que vinha deixando de fazer e das escolhas que vinha tomando desde sempre; Jimmy só pensou em Caroline e na dor que ela deveria estar sentindo.

Logo cedo, o cantor apareceu no apartamento de Chase e para surpresa de ambos, pois o baterista acabava de acordar, havia apenas um bilhete deixado por Caroline sobre a mesa da cozinha. “Be happy my friend.” (Seja Feliz meu amigo).

Todo o mundo de Jimmy desmoronou.

Vinte e três

— Pai. Sou eu. — Caroline sentiu um nó se formar em sua garganta ao ouvir a voz do pai do outro lado da linha. — Sim, estou bem, estou voltando.

O sinal para que os aparelhos eletrônicos fossem desligados soou, uma aeromoça de pele pálida e batom vermelho passou pelo corredor, certificando-se de que todos os passageiros, inclusive Caroline, seguissem as regras. A violinista olhou para a única bagagem que tinha e suspirou. — Preciso desligar, o avião vai decolar em alguns minutos. Você pode me buscar no aeroporto? Tá bom. Obrigada.

Assim que ela desligou o celular a comissária lançou um olhar simpático em sua direção e se afastou, continuando com o procedimento padrão.

Jimmy sentia o coração espancando o peito. Nem o som de sua respiração pesada conseguia abafar o som das batidas alucinadas. Correndo pelo aeroporto, esbarrou em várias pessoas antes de ser parado por um segurança.

— Senhor, está tudo bem?

— Preciso saber de onde saem os voos para o Brasil. — Ofegou.

— No balcão de informações podem ajudá-lo, mas tenho que pedir que se acalme pois está assustando as pessoas.

— Tá, que seja, tudo bem. — Jimmy correu para o balcão de informações, atropelando um casal de turistas no caminho e deixando o segurança consternado.

— Por favor. — Jimmy abordou a jovem recepcionista como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco. — Brasil. — esbaforido foi tudo o que conseguiu dizer.

— Desculpe senhor, não compreendi.

— A plataforma de embarque para o Brasil. — Ele soltou, respirando com dificuldade.

— Plataforma B.

Mal ouviu ela falar e disparou pelo saguão em direção a plataforma de embarque de número B, as pessoas desviando dele à medida que se lançava para elas como um louco.

Caroline. Caroline. Caroline. Era tudo em que conseguia pensar.

Ao encontrar o bilhete na casa de Chase ele não teve dúvidas de que ela estava indo embora, abandonando seu violino e o abandonando. Ela poderia muito bem estar indo para qualquer lugar da Europa, podia já ter pego um trem e estar á milhas dali, mas alguma coisa no coração de Jimmy insistia que ela estava voltando para casa, para o Brasil. E por isso ele avançava.

A plataforma B estava tranquila, poucas pessoas se acomodavam aqui e ali, conversando ou mexendo no

celular. Jimmy olhou ao redor e não a viu. Na porta de embarque, um atendente carrancudo barrou sua passagem, deixando claro que o voo para o Brasil já tinha partido.

Mas o astro do rock inglês não ia desistir. Talvez ela não tivesse embarcado ainda. Sentado em um banco que lhe permitia plena visão da plataforma de embarque, ele esperou.

Horas e horas se passaram e Jimmy continuava ali, sem arredar-se do lugar, pulando cada vez que o auto falante anunciava uma nova partida daquele portão.

Já era por volta das oito da noite quando Chase apareceu. Tinha uma expressão tensa no rosto quadrado de irlandês. Sentou-se ao lado do cantor e lhe deu um tapinha de leve no joelho.

— Há quanto tempo você está aqui, Jimmy?

O outro deu de ombros, os olhos ainda focalizando a grande letra B acima do portão.

— Acho que é hora de ir. — Chase continuou.

— Eu sei que ela vai embora, eu sinto isso, cara.

Não vou sair daqui até ter a chance de falar com ela.

— Ela já foi. Timot conseguiu checar algumas listas de embarque, como você pediu, e encontraram uma Caroline Braga num voo hoje cedo, nesse momento ela está bem longe daqui.

O cantor trincou os dentes.

— E então ele ficou preocupado com o idiota aqui e o mandou para servir de babá? — Jimmy sentia um misto de raiva e frustração.

— Claro que não. Vim porque me preocupo com você. Agora vamos parar com a choradeira e comer alguma coisa, sua cara está péssima.

— Acabou. — o cantor soltou entre um engasgo amargurado. — Simplesmente acabou...

— Você já ouviu falar de uma coisa chamada internet? — Chase abriu um sorriso divertido. — Nada é impossível hoje em dia, vamos...

Caroline exiba olheiras profundas e uma expressão de quem estava guardando coisas demais para não desmoronar, quando desembarcou no aeroporto internacional de São Paulo.

Não havia qualquer bagagem à sua espera e mesmo assim ela parou diante da esteira e observou mala após mala seguir seu rumo direto para mãos ansiosas. Estava cansada demais para qualquer coisa. Tudo o que mais queria era ir para casa e dormir. Ou chorar.

A primeira pessoa que avistou foi o pai. Ele vinha apressado em sua direção, havia deixado os outros para trás quando a vira e esticou os braços grandes quando estava perto o bastante. Ela afundou no abraço dele e todas as lágrimas que ela já pensava terem esgotado, tornaram a cair com a fúria de uma tormenta. Todo o restante do caminho até a casa da família passou como um borrão. O abraço da mãe, o sorriso de canto do irmão. Não conseguiu fixar nada em sua mente.

Quando chegou, tudo o que conseguiu fazer foi

balbuciar um obrigado fraco e mergulhar nos lençóis macios e limpos de seu antigo quarto. Dormiu por 18 horas.

Jimmy passou 14 horas diante da tela do computador sem encontrar qualquer sinal da existência de Caroline Braga. Fechou a tela e suspirou. Como alguém podia simplesmente não existir? Como podia não haver ao menos um sinal de alguém na internet? Tudo bem que ela não fosse dada a redes sociais, mas ainda assim, não encontrar absolutamente nada era devastador.

Bateu com força na escrivaninha. Os dedos começaram a latejar, mas ele tinha coisas mais importantes em que pensar. Olhando para as fotos e recortes de jornais que Timot lhe entregara horas antes, (Quando o pegara pelo colarinho e ameaçara colocar fogo no escritório caso não o fizesse), não soube o que fazer. É claro que o velho empresário tinha razão. A família de

Caroline havia pago muito bem para que o escândalo sobre o acidente desaparecesse. Provavelmente fossem pessoas importantes o bastante para isso. Ou talvez, ele estivesse ficando louco e Caroline não passasse de um sonho que agora se transformava em pesadelo.

— É como se ela simplesmente não existisse. — Resmungou, afastando-se da mesa.

Chase estava sentado na beirada da cama de Jimmy, esfregou o rosto e disse:

— Talvez a gente precise pensar em outra maneira de encontrá-la.

— Vou para o Brasil.

— O Brasil é enorme, como você acha que vai encontrá-la lá?

— Eu vou dar um jeito.

Jimmy pegou um recorte de jornal e examinou os olhos assustados da moça que ilustrava a matéria. Em negrito e letras grandes dizia “*Acidente em via expressa*

deixa três mortos!” O cantor não se importou com a tradução, a imagem já dizia o bastante para seu coração bater acelerado.

— Você tem razão, preciso parar de agir como um imbecil. Onde está o meu celular?

— Acho que você o atirou na parede há duas horas.

— Merda.

Chase levantou-se com a calma de sempre e puxou a cortina de leve, deixando o aparelho visível para o astro que o apanhou insuflando o ar.

— Às vezes pareço uma criança. — Jimmy disse, recolocando a bateria no celular.

O baterista não disse nada, tornou a se sentar na cama e passou as mãos pelos cabelos compridos.

— O que você vai fazer?

Jimmy andava de um lado para o outro, reconfigurando as coisas de sempre no aparelho. Relógio, data, etc. Coisas para as quais ele não tinha a menor paciência.

— Vou ligar para o meu pai, preciso de um detetive desses que encontra pessoas desaparecidas. Se ele a encontrar, vou para o Brasil. Aquela mulher não pode mesmo achar que vai entrar na minha vida, revirar tudo e depois desaparecer.

— Ótimo. Então acho que eu já vou. — Chase disse, indo em direção a porta.

— Você queria falar alguma coisa?

— Acho melhor deixar pra outra hora.

Jimmy ergueu os olhos do celular e fitou Chase. O baterista tinha uma linha tensa na testa, mas forçou um sorriso do tipo que não convence ninguém. O cantor largou o aparelho ao lado do laptop e tornou a encarar o amigo.

— O que foi?

Chase sentiu que a garganta se fechava e arrependeu-se imensamente do que estava prestes a fazer.

— Não é importante.

— Então você pode me dizer.

O baterista passou a mão suada sobre o cabelo e soltou o ar dos pulmões com força, como se o estivesse prendendo há bastante tempo.

— Eu sou gay.

Vinte e quatro

— Eu sei. — Jimmy limitou-se a dizer, dando de ombros.

— Você sabe?

— Sei.

— Desde quando?

— Desde sempre, acho.

Chase não disse mais nada. Jimmy chegou perto do amigo e abriu seu habitual sorriso de galã, do tipo que sempre fazia tudo parecer melhor.

— Menos um pra me encher por causa da Caroline. —disse.

O baterista ergueu os olhos marejados, ainda sem conseguir abrir a boca.

— Você é gay, o Dony é um tarado e eu, louco. Uma combinação perfeita para uma banda de rock, você não acha? — Esticando os braços, Jimmy alcançou o amigo e deixou que o grandalhão afundasse num abraço desajeitado e cheio de soluços. — Dony vai transformar a

sua vida num inferno, você sabe, não sabe? Acho que você vai precisar dar uns socos nele, aproveite e dê uns por mim.

Chase riu. Finalmente o nó na garganta se desfazia e o eterno peso sobre os ombros parecia ceder, evaporando no ar, como se jamais tivesse existido.

— Vou considerar sua proposta de surrar o Dony.

O quarto de Caroline tinha cheiro de flores. Não que houvesse alguma no quarto ou plantadas ao redor da casa. Além do que o quarto ficava no segundo andar de uma mansão não apenas imponente como caríssima. Provavelmente a mãe havia aterrorizado as empregadas para darem jeito no aposento antes de sua chegada. A violinista abriu os olhos e arquejou. Estava mesmo de volta ao Brasil.

— Até que enfim você acordou, já estava prestes a chamar a mamãe pra obrigar você a levantar.

Caroline sentou na cama ao ouvir a voz rouca do irmão mais novo.

— Você não deveria estar na faculdade, Pedro? — Resmungou, tornando a se atirar sobre o travesseiro.

— Minha irmã fica fora por quase dois anos e eu devia ir pra faculdade ao invés de atormentá-la? É claro que não, preciso tirar o atraso. Além do mais existe uma coisa chamada férias.

Pedro, levantou-se da poltrona e se jogou na cama, ao lado de Caroline. Ela deitou com a cabeça sobre o abraço quente do loiro que em nada parecia mais jovem que ela.

— Não quero falar. — Resmungou.

— Tudo bem. Não vou te encher tanto assim, a mãe vai fazer isso por todos nós.

Caroline gemeu.

— Ah! Sim, ela está lá embaixo atormentando a velha Jô, já mandou fazer comida pra um exército inteiro e mandou limpar o estúdio. O engraçado é que você não

trouxe o violino.

— Ela vai acabar comigo.

— Se você aparecer assim lá embaixo, é bem provável que ela não faça nada. Talvez chame um médico ou um exorcista...

Caroline afastou-se do irmão, pulou da cama e foi olhar-se no espelho. Soltoou um grunhido ao dar de cara com uma jovem morena, pele pálida e olheiras profundas. Os cabelos estavam uma bagunça.

— Nossa. Meu cabelo tá uma droga.

— Vou dar um tempo pra você despachar a versão *O chamado*. — Pedro levantou da cama, abraçou Caroline e se afastou. — É bom ter você de volta. — Completou antes de sair.

Caroline desceu as escadas e entrou no hall arejado e muito iluminado. O coração espancava com força o peito. Ela forçou um sorriso ao ver o pai, aparecendo naquele momento, ao pé da escadaria.

— Como você está? — Ele a beijou na testa.

— Tudo bem, pai. Mas preciso falar com você antes...

— Antes da sua mãe começar o interrogatório.

Ela sorriu. O pai era uma versão trinta anos mais velha que o irmão, Pedro. Tinha cabelos levemente grisalhos nas pontas e algumas rugas nos cantos dos olhos. Tirando isso, esbanjava vitalidade com seu corpo de 50 anos.

— Vamos ao meu escritório.

Com os olhos apertados, uma linha tenta na testa e os lábios comprimidos com força, a violinista tentou manter a postura ereta diante do pai. Os dois estavam sentados no sofá do escritório. Ele a olhava com expectativa, afinal, aquela era sua menininha, sua filha e parecia extremamente ferida.

— Pai... — Ela suspirou.

— Não importa o que tenha acontecido, nós estamos aqui por você.

Caroline não sabia o que dizer, de repente sua mente estava completamente vazia e ela tinha novamente um nó apertado na garganta. Sentia como se estivesse prestes a desmoronar.

Depois de encarar o olhar do pai, tão complacente, tão preocupado, era difícil manter-se firme e assim as lágrimas começaram a correr. Abraçando-a ele disse:

— Sabe, qualquer pessoa já teria reconstruído a vida, seguido adiante, mas você, filha, você sempre foi diferente, especial.

— Eu machuquei aquelas pessoas, pai, machuquei.

— Você não tinha a intenção, qualquer um poderia ter provocado o acidente. Qualquer um.

— Mas fui eu. Como vou seguir adiante? Como recomeçar?

— Com tempo e paciência.

Caroline afundou no ombro do pai, deixando a

sensação de segurança reconfortá-la.

— Preciso que alguém busque minhas coisas. — Disse, recompondo-se.

— Eu ia mesmo perguntar o que você tinha feito com seu violino.

— Foi presente do meu avô, eu jamais iria perdê-lo.

— Tudo bem, e onde estão suas coisas?

— Num apartamento na área central de Londres. Será que tem alguém... discreto que possa fazer isso?

— O que está acontecendo, Caroline?

Os olhos do pai estavam vincados e pela primeira vez ela pôde ver a força dos anos e das preocupações pesando sobre eles.

— Não está acontecendo nada. Estive hospedada com alguns amigos e decidi voltar pra casa. Como o voo era muito em cima da hora não tive tempo pra pegar as minhas coisas.

— Você é uma péssima mentirosa. — Ele deu uma batidinha de leve nos dedos dela.

Com um suspiro, Caroline levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Tem mais uma coisa. — Disse, passando as mãos pelos cabelos. — Quando forem buscar minhas coisas... não podem dizer aonde estou, onde estamos.

— Caroline.

— Pai, esse acidente sempre vai me perseguir, não posso fingir que nada aconteceu, as pessoas sempre acabarão descobrindo e me julgando. Por favor, pai. Tudo o que eu quero é um pouco de paz.

— Está certo. Não que eu concorde, mas vou respeitar sua decisão. Tenho a pessoa certa para essa missão.

— Tem?

— Pedro.

— Ah! Não pai, ele não.

— É ele ou eu e pode ser que eu mude de ideia dependendo do que encontrar lá.

Caroline afundou no sofá e forçou as lágrimas para dentro do peito. Elas queimaram a garganta e os olhos.

Chase bufou. Estava sentado diante de Timot, separados apenas pela mesa grande e atulhada de papéis.

No outro canto da sala estava Dony, mexendo no celular como se algo muito importante o obrigasse a manter os olhos fixos no aparelho.

Jimmy, observava os prêmios na parede do empresário, ignorando displicentemente o guitarrista.

— Não estou entendendo. — Timot declarou, depois de algum tempo no silêncio desagradável. — Afinal o que vocês querem? Já disse que não sei onde a moça está e não acho que seja uma boa ideia continuar com isso.

— Não tem nada a ver com a Caroline. — Chase respondeu, um tom mais alto que o normal.

— Então...

— Precisamos esclarecer algumas coisas. — Jimmy aproximou-se de Chase, colocando as mãos protetoramente nos ombros do amigo.

— Ok! Seja o que for eu aguento. — Timot sorriu, antevendo que boa coisa não deveria resultar daquela conversa.

— Quero fazer um anuncio oficial. — Chase falou devagar, como se ainda buscasse em sua mente algum motivo que o impedisse de fazer aquilo.

Depois de um tempo em silêncio, o baterista viu que não tinha mais saída. Enfrentar o pai na noite anterior, depois de abrir o coração para Jimmy, tinha sido doloroso demais. Levaria muito tempo ainda para que o velho o aceitasse. A mãe como sempre apenas sorria, dera um tapinha em sua mão, dizendo-lhe do orgulho que sentia dele e tudo havia se encerrado antes mesmo dele digerir o ato. É claro que ela sabia, ela melhor do que ninguém o conhecia e amava. O suficiente para não se importar com suas diferenças.

Timot pigarreou.

— Quero fazer um anuncio oficial. — Chase repetiu, os olhos ainda travados na linha fina da mesa.

— E o que devemos anunciar? — O velho perguntou, esperando pela bomba.

— Que eu sou gay.

Dony largou o celular, incrédulo.

— Você, é o que? — O guitarrista perguntou, aproximando-se bem de Chase e cravando seus olhos nos do baterista.

— Exatamente o que você ouviu. — Chase retrucou mal humorado.

— E você não achou importante nos contar isso antes? — Dony rebateu.

— Eu sabia. — Jimmy declarou, satisfeito.

— Você contou pra ele e não me contou?

— Se você não fosse tão idiota teria percebido, como eu percebi há anos. — o cantor declarou, cruzando

os braços sobre o peito.

— Nossa. — Foi tudo que Timot conseguiu exprimir depois de analisar o trio por algum tempo. — Aquela garota nocauteou vocês.

— Não tem nada a ver com ela. — Jimmy bateu na mesa.

— Claro que tem, mas pra mim isso não é problema. Vou marcar uma coletiva de imprensa com os sanguessugas da música.

— Com quem? — Dony perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Repórteres. Muitos repórteres. Isso será um prato cheio. Espero que o resultado seja bom.

Timot puxou o telefone do gancho, antes de chamar a secretária, porém, lançou outro olhar inquisidor para o baterista.

— Você sabe que declarar sua homossexualidade é o mesmo que pintar um grande alvo nas costas, não sabe?

Chase concordou.

— Tudo bem então. — Apertou o botão do ramal da secretária. — senhorita Devon, ligue para Mark Comunicações e marque uma reunião urgente.

Quando desligou, seu rosto parecia tranquilo.

— Está feito. — Chase declarou.

— Vai dar tudo certo. — Jimmy sorriu.

— Ainda não acredito que você não me contou. — Dony bufou. — Por que eu sou sempre o último a saber?

— Se você se importasse um pouco mais com outras pessoas além de você, talvez isso não acontecesse. — Chase retrucou pouco antes de deixar a sala.

— Eu preferia que ele te desse um soco, mas gostei da resposta. — Jimmy seguiu o amigo baterista.

Dony observou os dois saírem, a saliva amargou sua boca. Ele sabia o que tinha de fazer, mas era mais difícil do que parecia.

Quando o último membro da banda *Left Turn* saiu do escritório, Timot apreciou o silêncio. Como era possível que três rapazes conseguissem deixá-lo à beira

da loucura? Talvez estivesse chegando o momento de pensar em uma aposentadoria.

Vinte e cinco

Depois de encarar as milhares de perguntas da mãe com evasivas e respostas enfáticas sobre ser deixada em paz, Caroline foi, aos poucos, voltando a vida normal. Bom, não tão normal, pois essa era uma palavra que ela praticamente não conhecia desde que ganhara o primeiro violino, aos 8 anos.

Estava sentada no tapete bem no meio do estúdio. Os olhos vagando pelo lugar que tinha sido adaptado há muitos anos e se tornado seu canto especial. Na época a violinista deveria ter não mais que 9 anos, foi o momento em que seus pais perceberam que a música não era um hobby passageiro ou brincadeira de criança. Ali, ela passara boa parte dos anos. Ao invés de brincar de bonecas, tocava até que os dedinhos estivessem em carne viva e não conseguisse sequer erguer os braços.

Antes dos dez anos já era capaz de tocar Arcangelo

Corelli, Giuseppe Tartini, Antonio Vivaldi e Mozart e, também já arriscava melodias próprias. Quase deixara a mãe louca de preocupação por não comer direito e ficar tão exaurida. A música sempre fora a paixão e o talento de Caroline. Ela tinha nascido para aquilo. Nada conseguira dissuadi-la, nada até o dia em que dormira ao volante e provocara uma das tragédias mais noticiadas de todos os tempos. “Filha de empresário milionário que provoca acidente e mata a filha grávida de um dos mais proeminentes advogados do país”. Aquilo quase destruía a violinista.

No final das investigações ela estava livre, não havia nada que provasse mais do que um acidente contra ela. E mesmo o pai da moça, destruído, compreendera a fatalidade que ocorrera. Caroline nunca se recuperara do acidente e passara dois anos fugindo da música, carregando o violino e punindo-se. Até... ele entrar em sua vida.

Ela limpou as lágrimas dos olhos e aspirou o cheiro suave da madeira lustrada. Olhou o visor do celular e

esperou, mas o irmão não havia retornado nenhuma mensagem desde que dissera que estava chegando ao endereço de Jimmy.

Tentando desviar a atenção do que estaria acontecendo com Jimmy Walker, começou a mexer em páginas de notícias, fofocas e outras bobagens pelo celular. E em todas elas deu cara com Chase, um olhar duro de quem montava sua armadura e se protegia contra o mundo. Logo abaixo da foto do baterista a notícia: “Baterista da famosa banda de rock britânica assume homossexualidade e causa furor no mundo da música.” Pelo menos alguém estava seguindo adiante.

A campainha tocou duas vezes antes de a porta ser aberta. O cara que atendeu era ninguém menos que um dos cantores mais legais do mundo. Jimmy arqueou as sobrancelhas com desconfiança.

— Bom dia. — Pedro anunciou, num inglês americanizado bastante fluente.

— Não tenho nada a declarar. Já disse tudo o que penso sobre Chase.

O rapaz, magro, alto e bronzeado não carregava nenhuma máquina fotográfica nem celular ou outro aparelho que pudesse estar utilizando para gravar algum furo de notícias, pelo contrário apenas o olhava com um misto de curiosidade e admiração. Jimmy já ia fechar a porta quando o estranho se adiantou.

— Vim buscar as coisas da Caroline.

Jimmy ficou imóvel.

Ao notar a reação do cantor, Pedro tornou a olhar a letra pequena da irmã no papel. Estava no lugar certo. Ao menos ela podia ter avisado que o “amigo” com quem estivera nos últimos tempos era ninguém mais e ninguém menos que um dos seus roqueiros favoritos. Ele não sabia mais o que dizer; pedir um autógrafo estava fora de questão.

— Onde ela está? — Jimmy rompeu o transe e saiu do apartamento, procurando-a pelo corredor e no elevador.

— Ela está longe, mas me pediu pra pegar as coisas dela.

— Longe? Onde?

— Não posso dizer.

— E você é o que dela?

Pedro lançou para Jimmy um olhar especulativo. Estava tão claro que o roqueiro estava caído por sua irmã mais velha.

— Não posso dizer nada, cara. Sinto muito. Não tenho autorização.

— Então não pode levar as coisas dela. — Jimmy cruzou os braços e fechou o cenho.

— Na verdade posso. — Ele esticou um documento assinado por Caroline e com um carimbo jurídico. Havia também a assinatura de um juiz. — Acho que não é necessário um escândalo com a polícia e a mídia, é?

Jimmy empertigou-se. Pedro passou a mão suada pelo cabelo.

— Não é a minha intenção. Na verdade nem sabia que as coisas dela estavam com você, mas preciso levá-las.

— Tudo bem. — O cantor disse, vencido.

Pedro foi levado ao quarto onde Caroline estivera hospedada. As coisas de sua irmã estavam organizadas e havia uma pastinha sobre a cama, com recortes de jornal. Tão logo aproximou-se da cama viu do que se tratava e compreendeu porque Caroline não queria contato com o músico. O acidente havia voltado para cobrar seu preço. A felicidade de Caroline.

Sem tocar na pasta, mas com a mandíbula trincada e a raiva fervilhando por dentro, Pedro pegou as coisas da irmã e carregou-as na direção da porta.

— Meu empresário precisa falar com ela, acertar alguma coisa sobre as músicas que criamos.

Pedro estacou no lugar.

— Músicas?

Jimmy deu de ombros. Pedro fixou o cantor em seu campo de visão.

— De que músicas você está falando?

O cantor foi até o aparelho de som e ligou-o. Não demorou muito para o som melancólico do violino da irmã começasse a encher a sala. Logo, uma batida compassada eletrônica começou a acompanhar o instrumental e a voz rouca de Jimmy fez o restante do serviço.

Era incrível. Caroline não apenas tinha se envolvido de alguma forma com uma banda famosa, como tinha voltado a tocar.

— Ela tocou. — Soltou sem querer.

— O talento dela é incrível.

Com o rosto afogueado Pedro não conseguiu segurar as emoções. Ódio faiscava nos olhos verdes, tão parecidos com...

— E você precisava magoá-la? Não podia

simplesmente ter terminado com ela? Por que usar o acidente contra ela? Por quê?

— Eu não sabia. Foi coisa do Dony, eu juro que não sabia.

— Vocês são todos uns imbecis. Caroline não merecia isso.

Deixou a porta aberta quando foi embora. Jimmy tentou conversar, mas o rapaz simplesmente lhe dera as costas e partira.

“Estou voltando pra casa com suas coisas. Está tudo bem.”

Caroline olhou a mensagem e respirou fundo. Não sabia exatamente como deveria se sentir com aquela resposta do irmão. Se aliviada ou tremendamente assustada ou pior, triste por saber que Jimmy não fizera nada para encontrá-la. Estaria disposta a passar por cima

do que acontecera se ele tivesse feito?

Afastou os pensamentos sobre o cantor e voltou a tirar a poeira dos velhos violinos.

Pegou o Luthier feito especialmente para ela. Presente do pai quando completou dezoito anos. Apertou o arco, passou um pouco de breu, ajustou a queixeira e colocou a espaleira. Posicionou o instrumento e sentiu o suave aroma da madeira. Afinou a nota lá até sentir a vibração macia da nota. Começou a tocar e não parou por horas.

Jimmy pensava em Caroline quando de repente se deu conta de onde conhecia aqueles olhos marcantes do estranho que levava as coisas dela. Aquele garoto só podia ser um parente. Um irmão...

Saiu porta afora sem pensar em mais nada. Desceu as escadas feito louco e por pouco não conseguira

alcançar o rapaz. Ele já estava embarcando no taxi quando Jimmy, totalmente alucinado, o puxou pelo braço.

— Já entendi que você não vai me dizer onde ela está. Eu sei que ela voltou para o Brasil.

Pedro não disse nada.

— Por favor, apenas diga pra ela que eu não sabia, que não me importo o que ela possa ter feito. Nada vai mudar o que eu sinto. Eu amo a sua irmã.

Pedro estava deitado de barriga para cima e os olhos abertos. O quarto estava escuro, mas ele não conseguia esquecer o som da música. Tinha certeza de que era ela, que aquele violino tão melancólico e sedutor acompanhando Jimmy Walker era sim tocado por sua irmã.

O voo de volta para o Brasil estava marcado para dali uma semana, tempo o bastante para ele fazer um

passaio por Londres e cidades vizinhas, mas agora ele não estava bem certo se isso era uma coisa boa. Não estava mais com ânimo para turismo. Tinha ouvido a irmã tocando novamente, tinha visto os recortes sobre o acidente e ouvido que Jimmy Walker a amava.

O cara estava acabado, os olhos marcados por olheiras profundas e tinha um desespero na voz. Não que Pedro entendesse muito de amor, ainda estava na fase de curtir as festas da faculdade e beijar o maior número de garotas que pudesse. No fim das noites de sexta sempre tinha uma companhia para passar a noite, mas nunca tinha sentido nada além de atração.

Pedro não ia conseguir dormir. Acendeu a luz do abajur, abriu o laptop e acessou o site das reservas de voo. Alterou a passagem para a manhã seguinte.

Vinte e seis

O estojo do violino de Caroline foi disposto sobre uma prateleira no estúdio. Os olhos da garota estavam tão secos quanto profundos. Pedro a observou calado.

Já era tarde quando ele chegara do aeroporto. Tinha pego um avião com três conexões e sentia cada partícula de seu corpo implorando por um banho e cama, mas ainda não estava pronto para dormir.

— Pelo visto você voltou a tocar. — Ele passou o dedo sobre o violino favorito da irmã, que estava sobre uma mesa de canto. — Isso é uma coisa boa.

Caroline não disse nada.

— Eu ouvia sua música com a *Left Turn*. Você podia ter me avisado.

A violinista arriou no sofá, cruzou as pernas e cobriu o rosto com as mãos. O som que saiu em seguida

era a mistura de um gemido de dor e um pedido de desculpas. Ele a abraçou.

— Bom, acho que o cara gosta de você. Ele parecia meio acabado.

Caroline chorou. Por todos os motivos que ele imaginou. O acidente, a morte do noivo, a morte do casal, por Jimmy.

Uma das empregadas bateu na porta e a violinista se apressou a limpar o rosto. Estava vermelha e a maquiagem havia manchado a camiseta do irmão.

— Com licença. — A jovem entrou um pouco sem jeito. — Tem um rapaz estrangeiro querendo falar com você.

Caroline arregalou os olhos. Não sabia se sentia feliz ou triste. Disparou pelo corredor. O irmão a seguiu.

O coração dela explodia no peito, saltitando para todas as direções. Ela entrou na sala e encontrou o pai, conversando com o estranho, desviou dele e sentiu que todo o ar de seus pulmões escapava. As pernas falharam e

ela precisou se apoiar no pai.

— Caroline.

— O que você faz aqui? — Ela disparou, furiosa.
— Como você me achou, Dony?

Dony tentou se aproximar dela, mas foi bloqueado pelo irmão de Caroline que ao ver a expressão atormentada da garota se pôs entre eles. Era menor que o guitarrista, mas não ia permitir que chegasse até ela. As palavras de Jimmy ainda ressoavam em sua cabeça.

— O que está acontecendo, Caroline? — Rodolfo, o pai da musicista parecia confuso.

— Nada, pai. Ele já vai embora.

Ela se afastou do pai e com os olhos vincados numa expressão dura apontou para a porta.

— Get out, Dony. — Berrou para o guitarrista. — Get out, now!

Dony não se mexeu.

— Pai, é melhor chamar os seguranças. É ele, não é? Foi ele que magoou você... — Pedro interveio.

Virando-se para o famoso, Pedro trincou os dentes.

— Seu amigo me contou o que você fez, eu vi os recortes. Seu desgraçado. Como se a minha irmã já não estivesse sofrendo. É melhor você ir embora antes que eu o obrigue.

Dony desviou da raiva de Pedro e postou-se diante de Caroline.

— Por favor Caroline, me deixe explicar. Preciso dizer algumas coisas e prometo que depois irei embora, pra sempre.

— Fale o que quer e vá embora. — Ela crispou.

— Podemos ir a algum lugar? Gostari...

— Você tem um minuto, Dony, depois meu irmão vai chamar a polícia.

Ele suspirou.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? — Uma loura na faixa dos cinquenta anos entrou na sala.

— Está tudo bem Lorena. — Rodolfo se apressou

em dizer, depois sentou-se confortavelmente no sofá, esticou as pernas e declarou — Então meu rapaz, estou bastante curioso...

Dony engoliu em seco.

— Sabe, desde que a minha filha voltou da Inglaterra os violinos e o estúdio voltaram a ser usados, mas eu confesso que nunca ouvi tantas melodias tristes tocadas por ela. Seja o que for que você tenha feito, eu quero saber e para sua saúde é melhor que ela aceite suas desculpas.

Caroline precisou conter a vontade de sorrir. Estava furiosa com Dony e confusa em relação a Jimmy, mas o pai... o pai sempre tinha o dom de transformar até as piores situações. Com ele o peso das coisas era retirado e tudo parecia tão simples, quase bobo. Ela sentou ao lado do pai, cruzou os braços e esperou.

— Eu fui um idiota. — Dony começou a dizer, um pouco intimidado por tantos olhares.

— Você foi mais do que um idiota. — Caroline rebateu.

— Eu sei e você tem toda razão de me odiar, mas o Jimmy não teve nada a ver. Eu estava com ciúme, sabia que você escondia alguma coisa e queria usar para afastar os dois...

— Ele pediu pra você vir me dizer isso? E como me encontrou? — Olhando para o irmão, apontou o dedo. — pedi pra ser discreto.

O rapaz encolheu os ombros.

— Depois que você foi embora percebi a burrada que fiz, contratei um detetive particular aqui no Brasil e ele se lembrava do caso, quero dizer, ele sabia quem era a sua família e conseguiu seu endereço. Embarquei assim que recebi a informação.

— Merda. — Ela xingou em português, mas Dony não se importou, tinha um semblante cansado e culpado.

— Eu vim pedir desculpa. Gosto muito de você, muito mais do que queria admitir e mesmo que eu não mereça o seu perdão, o Jimmy... bom, o cara é meu melhor amigo, eu deveria ter respeitado. Não vi o quanto ele a ama até que tivesse ido longe demais.

Caroline não disse mais nada. Afundando no sofá ouviu cada palavra, cada explicação, cada novo pedido de desculpas. Quando o guitarrista se calou, minutos depois, tomado por uma expectativa ansiosa, ela simplesmente se virou e saiu. Trancou-se no quarto e se enfiou sob as cobertas. Não saiu de lá pelos dois dias seguintes.

Dony foi embora sem saber se fora perdoado.

Augusto estava enterrado em um jazigo familiar no Cemitério Parque dos Girassóis. A lápide feita de mármore tinha inscrições delicadas com o nome e uma foto. O sorriso era inconfundível. Caroline andou pelo gramado carregando um pequeno ramalhete de margaridas.

Quando parou diante do túmulo, precisou fazer um esforço enorme para não cair. Colocou as flores no suporte e tocou o retrato.

— Não sei o que dizer. — Murmurou, as pontas dos dedos deslizando pelo sorriso da foto. — Queria que nada disso tivesse acontecido. Queria que você estivesse vivo.

Como se ele pudesse ouvir o lamento, ela continuou:

— Eu sei que não deveria dizer isso, mas eu não consigo mais. Essa dor está me matando. Eu ainda te amo, mas também o amo e quero amar. Quero um pouco daquela felicidade que nós tivemos. Estou tão cansada. Será que um dia você vai me perdoar?

Suspirando, tocou novamente a foto do noivo, depois se preparou para ir embora. Voltar ao Brasil era difícil e ir até ali, encarar o túmulo daquele com quem deveria ter se casado era ainda pior.

— Falar é bom. — A voz do pai de Caroline sobressaltou-a.

— Não te vi chegar.

— Percebi. Não quis interromper você.

— Já terminei.

— Filha, me dói tanto te ver assim.

— Eu matei aquelas pessoas. Eu destruí mais do que uma família pai. Como seguir adiante depois disso?

— Vem, quero te levar a um lugar. Além do mais sua mãe está no carro e já gastou uma caixa de lenços. Está ficando velha e mole.

Caroline sorriu, mas o sorriso não era feliz. Acomodou-se no banco de trás e fechou os olhos. A mãe não disse nada, resignando-se a colocar o cinto de segurança e esperar que o marido desse a partida.

— Sei que prometemos não tocar no assunto, mas eu preciso saber do que você se lembra do acidente.

Caroline abriu os olhos e viu que o pai a espiava pelo retrovisor.

— O mesmo que falei no meu depoimento. — Respondeu.

Tomaram uma curva e deixaram o cemitério.

— Você se lembra do que fez depois que saiu do carro? — Rodolfo continuou, ponderando as palavras

para abordar o assunto.

Ela engoliu em seco. Não queria falar sobre aquilo, mas estava na hora de ser forte e precisava de coragem para encarar os fatos.

— Lembro de fragmentos. É confuso... — Começou, respirou fundo e tentou lembrar. — Acordei e tinha muito sangue. Depois vi o Augusto, ele... ele não estava respirando.

Caroline comprimiu a boca com as mãos, forçando-se a manter a serenidade.

— Vi a mulher tentando sair do carro e desmaiei.

Estacionaram em frente a um prédio. Caroline olhou pelo vidro e não compreendeu.

— Onde estamos?

A mãe virou-se para ela, tinha os olhos inundados.

— Você não lembra do que fez? Não lembra de mais nada depois de ver a moça?

— Não. — A violinista se encolheu no banco, afugentando a terrível imagem da estranha. — E não quero

mais me lembrar.

— Você lembra de ligar para a emergência?

Caroline negou.

— Filha. — Augusto apontou para a entrada do prédio. — Aqui mora o Gabriel, ele tem dois anos e vive com os avós.

— Rodolfo, não precisamos fazer isso agora. — Lorena argumentou com a voz embargada.

— Não entendo. Quem é Gabriel?

Rodolfo virou-se para o banco traseiro.

— Quando você partiu ficamos arrasados. Eu tinha esperanças de que voltasse logo, mas você simplesmente se fechou pra nós. — Continuou, agora seus olhos exibiam um brilho úmido. — Queríamos conversar sobre o acidente, lembra? E de repente você tinha ido.

Caroline empertigou-se no banco, suas mãos tremiam.

— Deveríamos ter insistido, mas você nos ligava tão pouco que não queríamos atormentá-la. Agora que

voltou preciso que escute uma coisa. Consegui uma cópia da ligação que você fez para emergência na noite do acidente.

— Mas eu não li...

— Estava desesperada e bastante confusa, mas ficou claro o que fez...

— Você sempre foi uma menina tão sensível, tão meiga, e tão forte. Nem quando tinha dores horríveis pelas horas de treino reclamava. Suportava tanto. — Lorena interrompeu o marido. — Sempre tivemos tanto orgulho de você.

Rodolfo puxou o celular do bolso e entregou-o à filha.

— Tenho carregado esta gravação há um ano e meio. Sempre esperando o momento de te mostrar. A decisão é sua, mas é hora de seguir em frente e talvez ouvindo isso você consiga dar o primeiro passo.

Caroline pegou o aparelho e procurou o arquivo com o nome “*Gravação acidente Carol*”.

— *Emergência, boa noite...*

— *Alô. Alô. Socorro. Socorro.*

— *Com quem estou falando?*

— *Meu Deus. Meu Deus, tem muito sangue.*

— *Onde tem sangue, em você? Você pode me dizer o que aconteceu, onde está? Como você se chama?*

— *Caroline. Nós sofremos um acidente. Tem uma moça grávida, acho que ela morreu. Meu Deus, não... o meu noivo, o... meu Deus...*

— *Caroline, você está machucada?*

— *Por favor, vocês precisam vir rápido...*

— *Tudo bem Caroline. Eu quero que você me escute com calma, meu nome é Isabel e eu vou acionar ajuda, mas preciso que você me explique onde o acidente aconteceu, perto de que...*

— *Fernão Dias, perto do... Ela ainda tá viva.*

— *Quem?*

— *A mulher, a mulher grávida está viva, eu preciso*

fazer alguma coisa. Eu preciso...

— *Caroline, Caroline. Caroline o que está acontecendo? Alô?*

— *Eu tirei ela do carro, ela não tá respirando. Acho que o bebê mexeu... Eu vou fazer a massagem cardíaca.*

Caroline desligou a gravação.

— Não me lembro disso.

— Filha, escute o resto da gravação. — A mãe falou, abrindo a porta do carro e trocando de lugar.

— Como eu posso não me lembrar disso? Como?

— Você estava em estado de choque, o médico que a atendeu me disse que você desmaiou na ambulância e não na frente do carro como se lembra. — O pai explicou.

A violinista comprimiu os lábios com a mão, lágrimas vertendo desenfreadas pelo rosto.

— Escute o resto. Você consegue. — Lorena pegou suas mãos. — A gente consegue.

Ela apertou o botão da gravação e ouviu. Os barulhos que seguiram eram dela tentando ressuscitar a mulher, seu choro, seu desespero por resgate. Ouviu também quando um carro parou e um estranho assumiu a ligação. O nome dele era Matheus. Ele explicou as proporções do acidente e o local para a atendente, deu pontos de referência e outros detalhes. Falou sobre como a moça que estava banhada em sangue tentava reanimar a mulher grávida. Alguns minutos depois sirenes abafaram os ruídos e o choro dela. Matheus e Caroline se empenhavam no processo de massagem cardíaca.

A violinista foi arrastada para a ambulância gritando que precisava ajudar a estranha. Depois disso a ligação foi cortada.

— Filha, Gabriel é o bebê que você ajudou a salvar. Se não fosse por você é bem possível que ele não tivesse sobrevivido. Mesmo que não se lembre.

Caroline chorava com o desespero de quem vê o chão abrir sob seus pés. A mãe cedeu os braços e ela mergulhou neles soluçando e gemendo tamanha a dor que

a feria.

— O acidente foi uma terrível fatalidade, filha. Você estava tão machucada, com costelas quebradas, cortes profundos no rosto e mesmo assim não desistiu. Está na hora de voltar a viver.

Vinte e sete

Jimmy estava dizendo não pela terceira vez. Tinha os braços cruzados e uma expressão exasperada.

— Mas você não escutou ainda... — Timot tentou novamente.

— Eu disse que não. Não farei nenhum show, com nenhuma violinista idiota. Já disse que não vou.

— Sinto muito que as coisas não saíram como você espera James, mas você tem um contrato e vai cumpri-lo.

— Me obrigue!

— Pare de ser tão criança, Jimmy. — Dony se meteu na conversa.

Jimmy não respondeu. Não estava falando com o amigo desde que perdera as esperanças de encontrar Caroline. O detetive que o pai o ajudara a contratar conseguira o endereço da moça, mas quando Jimmy

chegara a Brasil, ela não estava mais lá. Havia partido com uma mala e o violino.

Ninguém sabia para onde ela tinha ido; ou apenas não quiseram ajudá-lo, de qualquer forma, há quatro meses ele vinha remoendo, tentando se convencer a esquecer a violinista e seguir adiante e simplesmente não conseguia. Mal dormia ou comia no seu apartamento. Mesmo o cestinho no banheiro o fazia lembrar-se dela.

— Até quando você vai continuar me tratando assim?

O cantor não respondeu.

Estavam na sala de reuniões do escritório do empresário. Jimmy, mantinha o rosto duro e os braços cruzados sobre o peito, enquanto Chase estava sentado nada confortavelmente perto de Dony.

O baterista soltou um suspiro cansado.

— Às vezes me pergunto o que estou fazendo da minha vida. — Começou. — é difícil não enlouquecer sendo amigo de vocês dois.

Jimmy arriou numa cadeira.

— Diga pra ele onde vai ser o primeiro show. —

Chase completou, olhando para Timot.

O empresário bufou.

— São Paulo, Brasil.

Jimmy continuou com a expressão impassível.

— Ela não está mais lá. — Disse, depois de algum tempo.

— Nós esperamos muito por esse lançamento. Trabalhamos duro nas músicas. Corremos contra o tempo. Em algum momento você teria que voltar para o palco. — Dony disse. — Nós teríamos que voltar. Olha, Jimmy, sei que estraguei tudo, e peço desculpas por isso.

Jimmy ergueu os olhos para o ex-melhor amigo.

— Isso não muda nada.

— Eu sei, mas vai abandonar a música? Vai largar tudo por causa de uma burrada que eu fiz? Isso não parece com você.

O primeiro show da turnê estava marcado para uma noite de sábado. O clima estava agradável quando os roqueiros da *Left Turn* chegaram ao camarim.

Uma sensação de empolgação percorria os corredores e enchia os músicos com a tensão e excitação que sempre acomete aos iniciantes, momentos antes de sua primeira grande apresentação.

É claro que aquela não era a primeira apresentação do grupo, mas o início de uma turnê sempre os deixava em uma espécie de frenesi.

Vinte mil, era o número de ingressos vendidos. Um número expressivo que os fazia sentir aquela eletricidade de quem está prestes a se lançar num voo de asa-delta.

Enquanto esperavam pelo início da apresentação, ouviam os ruídos que não podiam ser abafados. Vinte mil pessoas já os esperavam com ansiedade e animação. Vinte

mil e a única pessoa que Jimmy queria não estava ali.

A banda que abria o show deixou o palco do Memorial América Latina, em São Paulo, e os preparadores se puseram a organizar a entrada da banda. Enquanto as mãos ágeis dos funcionários afinavam instrumentos e mexiam na iluminação, dando os últimos retoques, o público gritava num coro uníssono de milhares de vozes: Left Turn. Left Turn. Left Turn.

Jimmy tinha um plano. Depois do show seguiria direto para a casa de Caroline e se não a encontrasse lá, faria todo o possível para convencê-los a dar notícias de seu paradeiro.

Chase não desgrudava do celular. Insistira para Michael acompanhar a turnê, mas os compromissos o haviam impedido. É claro que isso não significava que estavam tendo problemas e ainda que o baterista não

parasse de olhar para a tela do celular em expectativa, sentia-se feliz e aliviado como nunca antes conseguira.

Uma voz grave e agitada irrompeu pelo camarim. *Michael*. Chase pulou do sofá, um pouco espantado pela surpresa.

— Já disse que esse país é quente como o inferno?
— Michael sorriu.

Jimmy foi o primeiro a cumprimentá-lo. Depois Dony estendeu os dedos longos e apertou a mão do *namorado de Chase*. Aquilo ainda soava tão estranho, mas se era isso que o grandão queria, se era aquele cara que o fazia feliz, então ele seria parte da família torta e doida que era a banda Left Turn.

— Achei que não ia conseguir chegar. Tive um problema com o meu irmão. Aquele garoto foi engravidar uma italiana... dá pra acreditar? Nada contra os italianos, mas ele podia ter esperado o casamento... — Michael já falava sem parar enquanto ia na direção do baterista e o cumprimentava com um beijo discreto.

— Você é tão quadrado. — Chase provocou.

— Ah! — Michael deu de ombros.

— Estou feliz que você veio. — o baterista declarou, as faces levemente ruborizadas.

— Eu não ia perder isso por nada. — piscou.

Dony que saíra do camarim sem estardalhaço espiava pela abertura da coxia. Era delicioso ver tanta gente à espera do som que eles produziriam. Aquela sensação explosiva afundava na carne e viciava. Virou-se rápido demais e não viu a garota.

A loura tinha um corpo de tirar o fôlego e Dony assoviou quando ela, praguejando provavelmente, se afastou.

— Ei, você deixou esse microfone pra trás... — Saiu ao encalço dela, sentindo o ânimo de uma nova conquista no ar.

Foram anunciados as vinte e duas horas.

Chase e Dony já estavam posicionados no palco escuro. A multidão vibrava. As luzes piscaram e uma grande tela acendeu-se ao fundo. Um violino começou a melodia.

O som fez o coração de Jimmy apertar.

A música seguiu seu ritmo e o cantor entrou no palco no momento exato em que sua voz rouca deveria se tornar parte da melodia.

O público foi ao delírio. À medida em que ele deixava a letra e a melodia tocarem sua alma e ganhar o palco sentia-se prestes a despencar numa queda livre por um despenhadeiro sem fim. A dor e o amor se misturavam numa das músicas mais bonitas e tristes que ele já criara.

Lágrimas salgadas mergulharam em seus lábios quando a tela acendeu-se novamente e o violino reassumiu o controle da canção.

Jimmy tinha os olhos presos na imagem. E desenho animado de um violino triste que dançava devagar e tocava sozinho ao ritmo da música era projetado no telão.

O publicou soltou um chiado de ovação. Jimmy virou-se rapidamente e cambaleou.

Caroline estava entrando no palco. Num vestido branco (muito parecido com o mesmo que ela usava quando se conheceram) ela parecia distraída com o próprio violino.

A violinista assumiu um lugar bem no meio do palco escurecido e recebeu sedutoramente a luz do holofote. Balançava o corpo e manejava o arco com precisão, arrancando muito mais do que arquejos espantados.

Era uma visão surpreendente.

Jimmy quase não conseguiu retomar a música quando chegou sua vez. Seus olhos estavam fixos na violinista, mas ela o ignorava.

Chase e Dony não perderam o ritmo, mantendo a canção no rumo certo. O som mingou até chegar ao fim.

Jimmy sentia o coração afogado em sentimentos. Sabia que o ideal era esperar o fim do show e só então abordar Caroline, mas que se danasse a tudo e todos. Que

o mundo esperasse, ele não ficaria nem mais um minuto sem aquela mulher.

Chase começou uma nova batida, Dony o seguiu com a guitarra (Betsy), mas o cantor não conseguiu abrir a boca.

Os outros músicos pararam e as luzes focaram-se no cantor. Ele estava imóvel, olhando para a violinista. Ela tinha o violino baixo e o mirava com igual intensidade.

Caroline arrependeu-se da ideia maluca de aparecer e surpreendê-los. Milhares de pessoas agora a observavam e viam também como o cantor a olhava.

Jimmy ergueu o microfone, deu boa noite ao público que novamente começou a gritaria exaltada que os fãs costumam fazer, respondendo com satisfação.

— Antes da próxima música quero agradecer a presença da violinista Caroline Braga. Esta e outras canções só puderam ser compostas com a ajuda dela.

Caroline ouviu o som das palmas e sorriu.

— E ela é também a mulher que eu amo. Amo você

Caroline.

O som que seguiu aquela declaração soou exatamente como uma explosão. Nada do que foi dito pôde ser compreendido por eles, tamanha força da reação do público.

Jimmy aproximou-se de Caroline e a viu sorrir. Não aquele sorriso que escondia um segredo, uma dor. Era o sorriso mais franco e tranquilo.

— Também amo você Jimmy.

O cantor a puxou num abraço inundado de saudade, amor, paixão e alívio. Nunca mais a perderia de vista. Nunca mais.

Todas as músicas que a banda tocou depois do reencontro foram alternadas entre beijos, abraços, e muitas provocações.

Aquele show seria lembrado por muito tempo. E aquele amor seria o prelúdio de muitas canções.

Epílogo

A noite do Grammy é aclamada internacionalmente por músicos de todos os estilos e de todas as nacionalidades. Mesmo com 31 categorias, Timot chegou a acreditar que seria difícil classificar o álbum da *Left Turn*. Romance seria a palavra que ele usaria se a decisão fosse sua, mas duvidava bastante que a Comissão fosse enquadrá-los nesse quesito já que a paixão que arrebatara os membros da banda não podia ser uma categoria oficial do maior prêmio da música. Indie Rock, clássico, eletrônico. Mistura. Seria bastante complicado e ele ficou feliz em dar esse trabalho para os jurados. Se tudo desse certo, este seria o ano em que estouraria a conta bancária e colocaria mais um prêmio em seu currículo.

Caroline olhou-se no espelho e não reconheceu a mulher no reflexo. Tinha os cabelos soltos, armados com uma tiara de cristais e intercalados com mechas prateadas.

O vestido era uma mistura de prata e preto que lhe acentuava as curvas, findando numa cauda. Quando Jimmy entrou, com os cabelos arrepiados e salpicados com o mesmo prata dos dela, assoviou.

— Uau... — Disse, enlaçando-a num abraço e afundando o nariz em seu pescoço. — Que cheiro bom.

— Você não está nada mau também. — Ela virou-se para ele e o fitou direto nos olhos.

Beijaram-se.

— Já disse que você tem pernas deliciosas? — Ele passou os dedos sobre o vestido e a puxou para junto do corpo. Rapidamente encontrou a fenda lateral do tecido e mergulhou os dedos na pele quente da violinista.

Caroline arfou.

— Existe lugares melhores pra isso. — Chase resmungou, entrando no camarim.

— Nossa, como você está lindo. — Caroline se lançou para o baterista, o abraçou e o beijou na face.

Chase ruborizou, mas não reclamou. Todos os dias

derrubava um tijolo da parede que construía para esconder seu verdadeiro eu. E se não havia nada para esconder, então o muro deveria ser derrubado. Talvez demorasse um pouco, mas Michael fazia um excelente trabalho nesse sentido.

— Onde está o Michael? — Jimmy perguntou, puxando Caroline para um novo e desconcertante abraço.

— Na plateia. E por falar em plateia, vocês viram? Está uma loucura a apresentação deste ano.

— Onde está o Dony?

— Dando uns amassos na garota dos microfones. — Chase deu de ombros.

— Então as coisas estão ficando sérias? — Caroline perguntou, lembrando-se da conversa séria que tivera com ele depois do show em que se reconciliara com Jimmy e com a banda.

Se tinha algo que ele precisava, era amadurecer. Se isso aconteceria, talvez nem o tempo fosse capaz de dizer.

— Que garota dos microfones? — Jimmy arqueou

as sobancelhas.

Caroline sorriu.

— Acho que vocês da *left turn* não tem sorte com mulheres. — Caroline respondeu. — Sempre arrumam brasileiras bravas ou malucas.

— Não sei porque ainda ando com vocês. — Chase declarou e saiu.

Quando a plateia se acalmou e o palco entrou em black out, Caroline se posicionou numa plataforma circular e esperou, o violino um pouco trêmulo.

Nas demais plataformas estavam os demais. Todos com os cabelos salpicados e o rosto nervoso.

As luzes começaram a piscar e de repente os cabelos e as roupas dos músicos se destacavam na escuridão, criando um efeito tridimensional de tirar o fôlego de quem observava.

Caroline abriu a canção com o violino sussurrando sua dor. Uma dor que ela vinha deixando, pouco a pouco, para trás. Quando a voz de Jimmy assumiu, a noite ficou

perfeita.

As plataformas se moviam pelo palco provocando uma sensação de leveza e inebriando os sentidos já provocados pela escuridão e pelo prata sedutor. Havia magia ali. Havia música e amor.

Guitarra, bateria, violino e voz. Uma sintonia que arrepiou milhares de músicos que os assistiam.

Nenhum deles sabia se o prêmio de melhor álbum seria entregue em suas mãos. Talvez não se importassem com nada além da música eletrizante que criavam.

E a noite, assim como a vida deles, estava apenas começando...

Fim.

Sobre as autoras

Olá leitores apimentados (as)!

Gostaríamos de agradecer imensamente por terem nos acompanhado até o final e esperamos de coração que esta obra os tenha envolvido tanto quanto o fez conosco, ao criá-la.

Ficamos emocionadas com seus comentários e avaliações e esperamos realmente saber sua opinião.

Se quiser conhecer mais sobre nosso trabalho e obras procure-nos nos links abaixo:

<https://www.facebook.com/historiasdagraci/>

<https://www.facebook.com/AMaldicaodeArthur/>

<https://www.facebook.com/escritora.LilithAl/?fref=ts>

<http://diariohotbylilith.blogspot.com.br/>

É isso, nos vemos na próxima e emocionante história!

Beijos apimentados!!!

Graci Rocha e Lilith Al

Agradecimentos

Agradecemos a todos que leram este livro e aos amigos e familiares que se envolveram na criação desta emocionante obra.

Também queremos fazer um agradecimento especial a nossa capista Jéssica Gomes da Magic Capas e aos nossos blogs parceiros. Vocês tornaram isso possível.

Obrigada a todos.

Graci e Lilith.